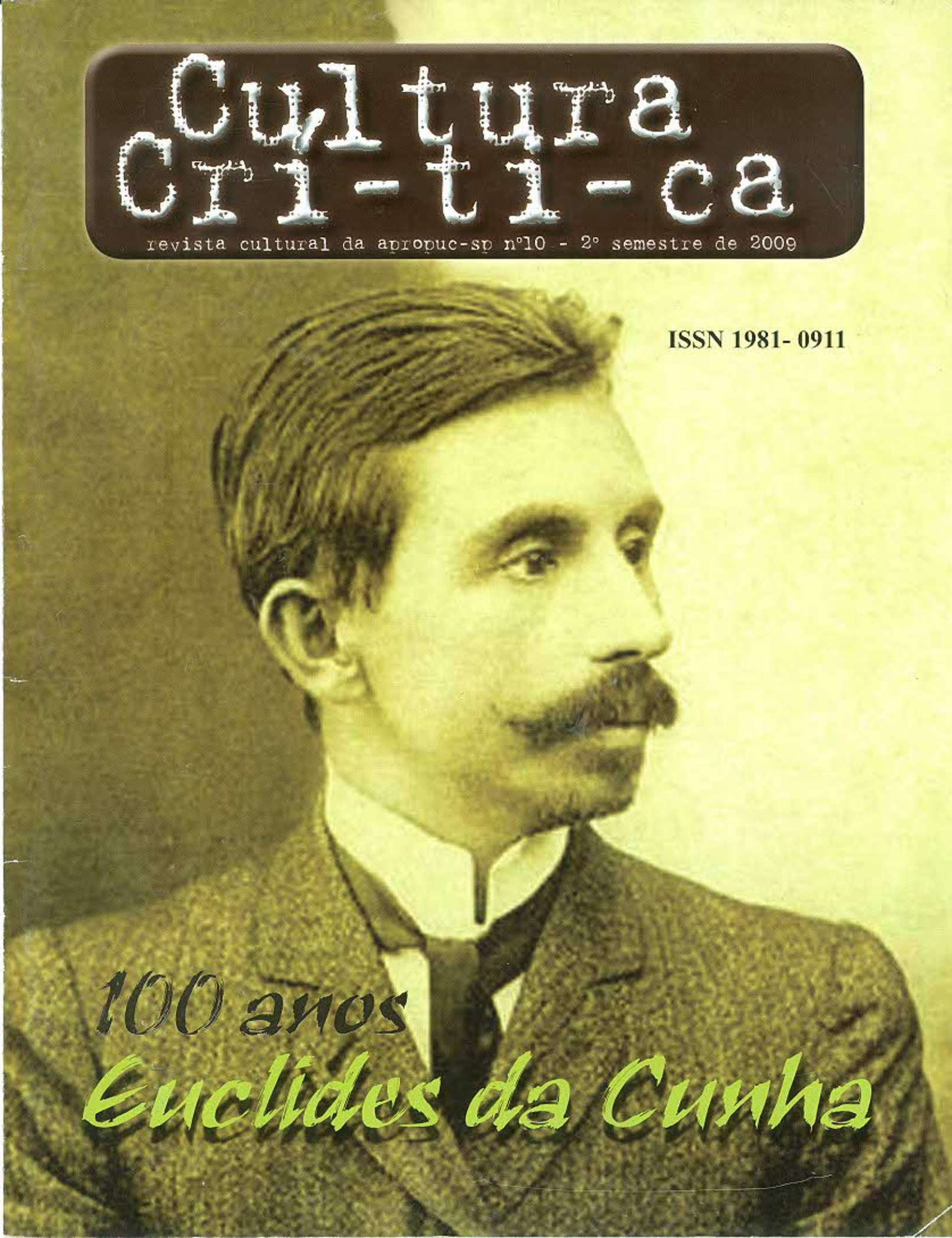
Cultura cri-ti-ca

revista cultural da apropuc-sp nº10 - 2º semestre de 2009

ISSN 1981- 0911



100 anos Euclides da Cunha

Editorial

100 anos sem Euclides da Cunha

Em 2009 completamos 100 anos sem Euclides da Cunha – engenheiro, militar, sociólogo, jornalista, historiador, escritor. Como escritor, inscreve-se entre os mais importantes de nossa literatura, entretanto foram suas múltiplas facetas que se manifestaram no intuito de desbravar o país. Letra viva de nossa literatura, por seu intermédio Antônio Conselheiro permanece vivo. Sua *opus magna* inspirou autores como Mário Vargas Llosa, José J. Veiga, Moacir Lopes, entre outros, na literatura; ou Glauber Rocha, Walter Lima Jr., Sérgio Resende, entre outros, no cinema; ou José Celso Martinez, no teatro; ou Fernand Joutex, na ópera; ou ainda Israel Pedrosa, na pintura.

A revista *Cultura Crítica* não poderia deixar de participar da celebração do centenário da morte de Euclides da Cunha – personagem cuja utopia era a união solidária e melhores condições de vida para todos. Digo utopia porque ainda hoje assistimos ao descaso político em relação aos flagelados da seca, à reforma agrária, às populações em condições miseráveis nas periferias das grandes cidades. Um século se passou, mas o sonho euclidiano parece estar ainda mais distante.

Neste número de *Cultura Crítica*, além de artigos de pesquisadores contemporâneos da obra euclidiana, apresentamos também três artigos históricos e uma entrevista com o professor Erson Martins de Oliveira – com quem tive a honra de dividir a edição desta publicação comemorativa. Sua participação foi fundamental para a realização da *Cultura Crítica* nº 10.

João B. Teixeira da Silva

SUMÁRIO

Editorial

100 Anos sem Euclides da Cunha

JOÃO B. TEXEIRA DA SILVA

1

Diversidades e adversidades em *Os Sertões*: a luta da terra e do homem

JOÃO HILTON SAYEG-SIQUEIRA

13

Sertões de infinitas travessias: uma leitura do espaço sertanejo em Euclides e Rosa

CELINA LEAL DOS SANTOS

26

A construção de *Os Sertões*

RENE VALENCIA

38

Artigo histórico

Euclydes da Cunha: naturalista

E. ROQUETTE-PINTO

54

Os Sertões venceu o tempo

Entrevista com

ERSON MARTINS DE OLIVEIRA

5

Os Sertões como tragédia: A propósito de uma revisão conceitual

JOÃO BATISTA PEREIRA

19

A história que entrou para a História

RACHEL APARECIDA BUENO DA SILVA

34

Artigo histórico

A impressão que a obra de Euclydes da Cunha causa a um alemão

KARL SCHWARZENBACH

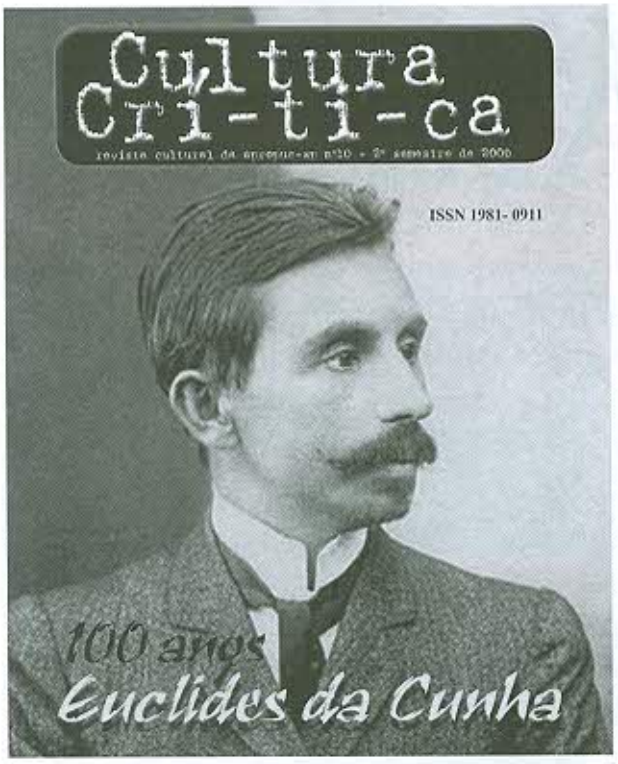
47

Artigo histórico

Euclydes da Cunha: dom e arte do estylo

AFRANIO PEIXOTO

78



Cultura
Cri-ti-ca

revista cultural da apropuc-sp

Conselho Editorial
Carlos Shimote
João Batista Teixeira da Silva
Maria Lúcia Silva Barroco
Victoria Claire Weischtordt

Editoria Geral
Erson Martins de Oliveira
João Batista Teixeira da Silva

Editor Executivo
Ricardo Melani

Preparação e Revisão
Véra Regina Maselli

Capa
Criação a partir de foto de Flávio de Barros

Projeto Gráfico
Meios e Mídias

Editoração Eletrônica
Mauro Teles

Fotos
Flávio de Barros
(Abertura dos Artigos)

Ilustração da abertura e do sumário
"Retrato de Euclides da Cunha" de Cândido Portinari

Impressão
Rettec Artes Gráficas

Tiragem
2.000 exemplares

DIRETORIA DA ASSOCIAÇÃO DOS PROFESSORES DA PUC-SP

Presidente
Maria Beatriz Costa Abramides

Vice-presidente
Willis Santiago Guerra Filho

1ª Secretária
Priscilla Cornalbas

2º Secretário
João Batista Teixeira da Silva

1ª Tesoureira
Victoria Claire Weischtordt

2ª Tesoureira
Rachel Pereira Balsalobre

Suplente
Sandra Gagliardi Sanchez

Comissão de Cultura
José Arbex Jr.
Maria Lúcia Silva Barroco

Comissão de Educação
Carlos Shimote
Wagner Wuo

Comissão Jurídica
Leonardo Massud

APROPUC

Rua Bartira 407 – Perdizes
CEP 05009-000 – São Paulo – SP
Fone: (11) 3872-2685
apropuc@uol.com.br

Os Sertões venceu o tempo

ERSON MARTINS DE OLIVEIRA

Entrevista do Professor Doutor em Literatura Erson Martins de Oliveira, aposentado pela PUC-SP, concedida à Revista *Cultura Crítica*.

CC – O que significa o livro *Os Sertões* para a historiografia? Por que há tanta discussão em torno da obra?

Em 1889, terminava o Império e nascia a República. O jovem Euclides da Cunha era um de seus entusiasmados partidários. A escravidão fora definitivamente extinta em 1888. Combinavam-se mudanças econômicas com políticas – o capitalismo saía do ventre do sistema colonial-escravista.

Em fins de agosto e meados de setembro de 1897, o general Arthur Oscar, com um exército de oito mil soldados, provocaria uma das maiores chacinas da história brasileira. Caía a cidadela de Canudos, ao norte da Bahia, no ermo sertão. Estima-se que no Arraial havia entre vinte e trinta mil moradores. Os poucos homens so-

Desenho de Angelo Agostini: Antônio Conselheiro rechaça a República, in *Revista Ilustrada*, 1896.

breviventes foram degolados em nome da República. Aos prisioneiros, foi exigido que gritassem: "Viva a República". Não acatando as ordens dos vencedores, suas cabeças foram separadas do corpo. As mulheres que resistiram à barbárie tiveram o mesmo fim. Não se tem conhecimento de que algum combatente de Antônio Vicente Mendes Maciel – o Antônio Conselheiro – tenha cedido à sanha dos vencedores.

Euclides da Cunha, enviado como correspondente do jornal *A Província de São Paulo* (*O Estado de S. Paulo*), adentrou Canudos em 16 de setembro, quando a destruição estava quase que completa. Testemunhou a violência reacionária do exército republicano, no qual se formara.

O novo regime que havia deixado para trás a opressão da escravatura e se livrava do Império lhe aparecia como a chegada do reino da igualdade e da justiça. O ex-militar, que assumiu desde cedo a bandeira do movimento republicano, mal acreditava no que seus olhos viam. As ilusões democráticas e humanistas esmeradamente formadas se mostraram românticas e se desmoronaram.

A República era ocupada pela burguesia oligárquica forjada pelo antigo regime escravista e latifundiário. Não tinha como realizar grandes transformações que rompessem o atraso pré-capitalista que permanecia em regiões inteiras, como as do Norte e Nordeste. Até hoje perdura a estrutura combinada do mais avançado capitalismo com o arcaico pré-capitalismo agrário.

Em fins do século XIX, florescia e se modernizava a metrópole do Rio de Janeiro. O fenômeno social e depois militar de Canudos no sertão baiano compareceu como uma revolta antirrepublicana. Assim interpretavam o governo e os meios de comunicação. Euclides da Cunha acreditou nessa versão. Escreveu para o *Estado de S. Paulo* nessa linha, reforçando uma versão distorcida, que iria resultar no cerco e na destruição de Canudos. Ficou famoso o artigo "A Nova Vendeia", que reporta à reação monárquica à Revolução burguesa de 1789 na França.

O escritor-jornalista reconheceu o erro assim que chegou a Salvador; fez pesquisas sobre o que se publicara e tomou contato com os acontecimentos. O biógrafo Silvio Rabelo descreve a contradição vivida por Euclides e afirma: "Desde então Euclides fizera um protesto íntimo de vingar o extermínio de Canudos. *Os Sertões* seria o seu 'livro vingador'". Essa magnífica obra testemunha o fracasso da República, portanto da burguesia que se formava, em incorporar os sertanejos, em resolver o atraso social de regiões como as do sertão, em admitir os movimentos coletivos e as lutas em defesa da vida e das transformações.

Os Sertões documenta em forma épica a "guerra" de Canudos, desfaz a visão fraudulenta da época de que se tratava de um movimento monarquista, retrata aspectos do desenvolvimento social do sertanejo e denuncia o massacre. Não resta dúvida de que Euclides da Cunha fez um romance histórico *sui generis*, miscigenando vários gêneros. Conseguiu o feito de cientificar a literatura. Eis por que é uma fonte para a historiografia e motivo de polêmicas. *Os Sertões* venceu o tempo, permanecendo atual, resistiu a abundantes críticas, continuando como fonte de estudos.

Em 17 de agosto de 2009, fez 100 anos a morte do grande escritor. Procurou-se oficializar o trabalho de

Euclides, como já foi feito em inúmeras comemorações. Mas o combativo escritor que expôs cruamente a barbárie da civilização capitalista – Euclides pagou caro por sua independência intelectual e sua rebeldia – é insubordinável. *Os Sertões* continua a acusar o crime histórico da classe dominante.

CC – Qual a avaliação que o senhor faz de Euclides da Cunha? Ele era um indivíduo idealista ou ambicioso?

Euclides expressou as contradições de sua época. Percorreu sem convicção um caminho curto da carreira militar, não pode se disciplinar à mentalidade fechada e mecânica, atritou-se com os militares monárquicos e foi punido com a expulsão. Estabeleceu-se a República, Euclides foi reabilitado, formou-se em engenharia civil pela Escola Politécnica do Exército, não se encaixou na vida militar republicana e desligou-se do exército em 1896. Desde cedo, mostrou-se propenso a ver a realidade trágica, a pensar, a questionar e a escrever, por isso se aproximou da imprensa, exercendo o jornalismo. Pôs de lado a carreira de engenheiro, aceitando a incumbência de cobrir a batalha de Canudos, modificou sua visão, manobrou o conservador jornal *O Estado de S. Paulo*, enfiou-se no sertão, coletou dados, pesquisou fontes, anotou fatos, reuniu o essencial numa caderneta e voltou de lá transformado. Passou necessidade, foi obrigado a retornar à engenharia, chefiou em São José do Rio Pardo a reconstrução de uma ponte, abrigou-se numa cabana ao lado do rio, dedicou-se a escrever *Os Sertões*, fez inestimáveis amizades na cidade e tentou fundar um partido socialista.

O Sr. Mesquita, dono de *O Estado de S. Paulo*, engavetou os escritos de *Os Sertões*. Euclides travou a luta corpo a corpo para publicá-lo. Em dezembro de 1902, saía a primeira edição, pela livraria Laemmert.

Euclides era um homem de ação, um espírito irrequieto, insubordinável e insubornável. Tinha a mente voltada para o homem e para a sociedade, por isso acabou deparando com um meio social distinto do seu, de classe média; reconheceu na resistência, na sagacidade e no heroísmo dos sertanejos de Canudos uma força social em luta pela existência e colocou-se do seu lado na tragédia.

Mas Euclides foi também um nacionalista, como o demonstra a missão, na Amazônia, que lhe atribuiu o Barão do Rio Branco, em 1903, de estabelecer as fronteiras do Acre com o Peru. A expedição teve de chegar à cabeceira do rio Purus, ainda inexplorada, o que obrigou Euclides permanecer por meses percorrendo caminhos fluviais da Amazônia, numa rota de aventura que lembra as entradas dos colonizadores. O autor de *Os Sertões* pretendeu escrever um novo livro com o nome sugestivo de *Um Paraíso Perdido*, que não veio a lume. Certamente, as experiências extraídas do sertão da Bahia e dos acontecimentos de Canudos deram novas dimensões ao espírito desbravador de Euclides. O republicanismo coincidia com o nacionalismo do engenheiro-escritor. A tênue aproximação de ideias socialistas não lhe permitiu uma revisão crítica de sua formação nos ideários burgueses.

Como se pode ver, o conceito de idealista pouco diz sobre o escritor de *Os Sertões*. O melhor é afirmar que Euclides tinha um cérebro científico e uma sensibilidade estética perante o trágico na história. Assim, entenderemos melhor seus equívocos, como o de ter assumido teorias raciais absurdas. Quanto a se era ambicioso, entendemos que não. Em que sentido? Euclides levou uma vida dedicada ao conhecimento, sobreviveu com grandes dificuldades; são notórias as passagens de dificuldades financeiras e de desapego à existência de uma vida familiar provinciana. O seu trágico fim – morto pelo amante de sua mulher – tem a ver com o desprendimento familiar, embora pareça paradoxal.

CC – E o que o senhor tem a dizer sobre suas explicações raciais sobre a formação do homem sertanejo, expostas na obra *Os Sertões*?

O escritor foi influenciado pelo cientificismo da segunda metade do século XIX, principalmente pelo positivismo filosófico de August Conte. Está aí por que não chegou a uma crítica das teorias raciais e as refletiu equivocadamente no livro *Os Sertões*, com a ideia de raça superior e raça inferior. Esse aspecto enfraqueceu sua obra, sem contudo tirar-lhe o mérito geral. Há abundante análise crítica sobre esse equívoco que pode levar à discriminação racial, embora não se encontre referência biográfica de prática racista em sua vida, pelo menos até onde conhecemos.

CC – Antes de começar a colaborar para o jornal *A Província de São Paulo*, Euclides da Cunha foi militar. Como jornalista, ele atacava o regime monárquico. Ele era defensor da República e da Democracia?

Euclides pagou caro por sua independência intelectual...

Essa pergunta já está respondida. Era um fervoroso republicano e, como tal, um democrata. A democracia é uma forma da República. É necessário não extrair dela o seu conteúdo e as determinações de classe. No Brasil, a proclamação da República tem a particularidade de ocorrer por meio de uma ação militar que destituiu o monarca. Os limites da democracia parlamentar estavam definidos pela estrutura econômica e pela composição oligárquica da burguesia.

Entendo que a Euclides faltou a compreensão histórica da impossibilidade da República democrática e justa que tinha em mente e a que aspirava. Pode-se dizer que Euclides padeceu de ilusão democrática, alimentada pelo meio social em que viveu, incluindo sua passagem pelo exército, constituído pela classe média emergente a partir da segunda metade do século XIX. Não por acaso, a proclamação da República esteve a cargo do Marechal Deodoro da Fonseca.

A burguesia, forjada por três séculos de acumulação primitiva de capital, carregava as heranças do colonialismo e estava acomodada à Lei da Terra de 1850, que a transformara em proprietários capitalistas de latifúndios. Uma revolução republicana implicaria modificar as relações agrárias e estabelecer a independência nacional, não mais frente ao colonialismo-imperial caduco, mas frente ao imperialismo nascente, que tinha a Inglaterra por força motriz.

O massacre de Canudos se deveu ao fato de a República semicolonial brasileira estar sob os interesses materiais e a mentalidade oligárquica. Euclides tinha no espírito uma República que não esmagaria uma revolta de pobres sertanejos, primitivos, ignorantes e místicos, os quais, na prática, realizavam uma experiência comunal-agrária.

CC – Em sua opinião, *Os Sertões* é uma obra ficcional ou factual-histórica?

É uma obra factual-histórica. O que não impossibilita a presença do ficcional. A projeção subjetiva do autor é evidente e Euclides não fez nada para escondê-la. Suas idealizações, suas perplexidades e suas desilusões são concretas. Euclides imaginava à distância acontecimentos que de perto não tinham a ver com a imaginação original. Como mente científica e como personalidade forte, não teve dificuldades de rever o engano de que havia uma "Vendeia" brasileira. Certamente, as mudanças no ponto de vista o colocaram em uma perspectiva subjetiva, a pintar em cores dramáticas a paisagem sertaneja, o homem sertanejo e a luta do homem heroico primitivo.

Euclides foi observador e pesquisador da nova realidade...

Não se pode procurar em *Os Sertões* a precisão factual nem precisão conceitual, porque se trata de um documentário romanceado ou um romance documentado. Talvez Euclides tenha sido o escritor que rompeu a categoria clássica e neoclássica do gênero na literatura brasileira, sem que se dispusesse a encarnar esta ou aquela tendência literária ou a inaugurar uma nova. Obteve a proeza de aproximar a ciência da literatura e a literatura da ciência, sem forçar a constituição de um novo gênero e sem artificializar uma escola literária. Certamente, a relação entre literatura e ciência foi colocada na segunda metade do século XIX na França pelo Realismo/Naturalismo.

O método de pesquisar uma determinada realidade apregoada pelo Naturalismo esteve presente na elaboração de *Os Sertões*, mas por razões científicas e não literárias. Euclides não estava diante de uma realidade trágica para se servir dela como ficcionista; se assim o fizesse, provavelmente não estaríamos hoje discutindo *Os Sertões*.

CC – Há contradições em sua obra?

Há uma contradição flagrante entre a concepção racial que é desenvolvida no capítulo "O Homem" e a descrição heroica das personagens que protagonizaram a resistência de Canudos, retratados no último capítulo, "A Luta". A tentativa de transferir a teoria da evolução de Darwin, admitindo uma visão de darwinismo social, para categorizar o sertanejo numa visão geral de sub-raça, e o homem branco colonizador numa espécie de raça superior falseou as bases científicas e aí criou uma ficção no sentido não literário e sim no sentido anticientífico. Penso que nessa contradição encontramos o calcanhar de aquiles de *Os Sertões*.

CC – O livro *Os Sertões* está dividido em três partes: "A Terra", "O Homem" e "A Luta". Embora o último seja o mais conhecido, os dois primeiros são os mais importantes, devido à descrição feita pelo autor. Ele foi fidedigno na descrição dos personagens envolvidos e na descrição dos fatos ocorridos?

Euclides foi observador e pesquisador da nova realidade que se lhe apresentava aos olhos e ao pensamento de escritor. Em sua *Caderneta de Campo*, encontramos o rigor das anotações de fatos, acontecimentos, descrições e croquis. O livro *Os Sertões* foi escrito com

Foto de Euclides da Cunha, com dedicatória a Coelho Netto no verso.

base nas anotações e memórias da experiência. Sem dúvida, o escritor foi fidedigno na descrição das personagens e na descrição dos fatos. Mas não se pode confundir fidedigno com cópia exata. O melhor termo é "verossímil".

Euclides da Cunha talhou *Os Sertões* segundo os conceitos literários de mimese e de verossimilhança da poética clássica de Aristóteles, certamente fundindo gêneros, como anteriormente explicamos. As descrições e suas movimentações no enredo trágico dos combates sofreram tratamento que ressalta qualidades, heroísmos coletivos, situações particulares de combate etc., de acordo com a visão e interpretação do escritor.

O biógrafo Olímpio de Sousa Andrade, em *História e Interpretação de "Os Sertões"*, faz a seguinte consideração: "Canudos, por fora como por dentro, é o ponto em que melhor surpreendemos o escritor descrevendo o que via, é certo, mas também o que não via, ou, para nos ajustarmos à sua própria confissão, o ponto em que sempre o apanhamos de improviso a registrar as *impressões verdadeiras ou ilusórias* que tivera desde que se dispusera a abandonar a companhia da ciência para caminhar sozinho como 'simples copista' diante dos homens, dos fatos e das coisas". Tomando de empréstimo uma apreciação de José Lins do Rego, o biógrafo conclui: "Afinal, simples reprodução do real, como valorização dele, em termos de arte, impõe-se reconhecer que *Os Sertões*, indubitavelmente, é 'um livro feito sem mentiras, todo construído de barro humano'".

Quando Olímpio se refere a "abandonar a companhia da ciência", confunde a questão. Não se pode dar a ideia de que existem dois Sertões: o da ciência e o da literatura. A crítica deve incidir sobre o que era tido por científico, mas não o era.

CC – Há quem considere o estilo literário de *Os Sertões* prolixo. Qual é a opinião do senhor?

Não é um texto que permite leitura corrente. As exigências de percurso são muitas. Na unidade de composição, há uma rica diversidade de expressão, que vai do vocábulo ao parágrafo, que se movimenta por formas expositivas, descritivas e narrativas interdependentes e que comporta gêneros distintos como o épico, o dramático e lírico. As mudanças de situação em cada uma das três partes do livro – "A Terra", "O Homem", "A Luta" – passam por um tratamento distinto de linguagem, objetivando aproximar o máximo possível dos órgãos sensoriais e do pensamento os acontecimentos e os elos dos movimentos antitéticos da realidade observada.

Não se pode desconsiderar a complexidade de conhecimento ambiental, histórico, social e psicológico que perpassa a monumental obra. O desbravador do livro vai aprendendo a ler; e ler aprendendo, em uma relação dinâmica.

O foco do escritor enfeixa observações objetivas, avaliações racionais, hipóteses, deduções e manifestações subjetivas. A variação rítmica da exposição-narração se transforma conforme a mudança da observação do escritor e da compulsão de sua memória, que dependem da mudança ocorrida no objeto da observação e da memória. O predomínio de uma das formas – exposição, narração e descrição – e a maneira como elas se entrelaçam dão a tonalidade do pensamento, a força da imagem, o teor da abstração, a dramaticidade dos elos causais, a tragicidade dos confrontos etc. São evidentes as transformações de linguagem em cada uma das partes, não

Gilberto Freyre criticou a obra *Os Sertões* e atacou Euclides da Cunha.

por acaso, nem por capricho do escritor, mas por necessidade de apreender o objeto da observação.

Euclides não perdeu a consistência de estilo, em nosso entendimento, porque dominou a matéria comum das três partes, por sua vez organizadas em subdivisões, que é a dialética do movimento. As pesquisas históricas, as leituras científicas e as experiências advindas da observação testemunhal são elaboradas, dispostas e sequenciadas em movimentos de ação e reação, e vice-versa. Os recursos são abundantes, ressaltando as comparações, a remontagem de histórias do passado, a montagem de quadros e as elocuções frente ao extraordinário. Não temos aqui como demonstrá-los.

Houve polêmicas sobre a escrita de *Os Sertões*. Parece que o começo se deu com a observação do historiador, escritor e abolicionista Joaquim Nabuco, que usou a expressão "escrever com *cipó*". Para uns pareceu pejorativo, para outros positivo – emaranhado ou de amarração consistente. Não faltaram contestações a Nabuco. Olímpio de Sousa Andrade procura dar uma interpretação positiva. "Euclides, um homem com a natureza, do começo ao fim da sua vida, evidenciando, no seu estilo, aprendizagem com ela, não poderia ter trazido o sertão até nós sem o cipó, sem os rodeios caprichosos do cipó (...). É também homem que escreve sem cipó, escritor capaz de, sem torcer o seu estilo, encontrar-se em beleza com as paisagens ideais do seu grande antagonista (...)"

Afrânio Peixoto também contestou a frase de Joaquim Nabuco, com o argumento de que nascia um estilo autóctone, livre das importações europeias. *Os Sertões* não seria um livro "composto com o estilete civilizado, mas escrito a cipó". Via como principal característica ser Euclides "um grande pintor de ação."

Gilberto Freyre, em *Perfil de Euclides e outros perfis*, desanca Euclides da Cunha. Considera *Os Sertões* um monumento do gongorismo. Apropria-se indevidamente dos julgamentos críticos de Afrânio Peixoto. A tentativa de desqualificar *Os Sertões* e de reduzir Euclides a ser recalcado é motivada por razões ideológicas. Freire faz a defesa do exército e, assim, justifica o massacre. Socorre-se, para isso, do livro *A verdade sobre "Os Sertões"*, de Dante de Melo, de 1958, dedicado a demonstrar que os combatentes de Canudos não passavam de criminosos diante de um exército altaneiro. O *Perfil...* é uma infâmia de Gilberto Freyre contra o escritor de *Os Sertões*.

Um aspecto particular da crítica foi dedicado à seleção vocabular. José Veríssimo fez o reparo de que Euclides exagera no uso de termos científicos, de neologismos e de arcaísmos. A apreciação negativa vem na linha do "escrever com o cipó". Euclides respondeu à restrição com o argumento de que havia uma tendência de "consórcio da ciência com a arte". Exortou ao respeitado crítico que dedicasse um artigo à imprensa sobre a relação ciência e arte. Sílvio Rabelo transcreve uma passagem em que Euclides faz a seguinte defesa, perante observações de amigos: "Por velho ou esquecido, não perde para mim a força de expressão que eu procuro no vocábulo. Que me importa, a mim, que o leitor estaque na leitura corrente, se a expressão que lhe dou com esse termo esquecido é a mais verdadeira, a mais nítida, e, em verdade, a única que eu lhe queria dar?"

Extraordinária consciência da relação entre a linguagem e a realidade. Euclides buscava os reflexos do real sobre a consciência, que se materializa na escrita. De certa forma, distava-se dos conceitos estético-literários oriundos do idealismo. A viagem ao campo de batalha e a necessidade de escrever sobre o massacre de uma comuna primitiva provocaram mudanças sensíveis no seu intelecto. Referindo-se às falhas de conhecimentos necessários para escrever com precisão *Os Sertões*, Euclides constata: "(...) nunca lamentei tanto a ausência

de uma educação prática e sólida e nunca reconheci tanto a inutilidade das maravilhas teóricas com as quais nos ilidimos nos tempos acadêmicos". A descoberta do divórcio entre a teoria e a prática, acentuada pela divisão social do trabalho no modo capitalista de produção, permitiu a Euclides percorrer um caminho de expressão literária ímpar na literatura brasileira.

CC – Qual a opinião de Euclides da Cunha sobre a seca? Em que ele se baseia para registrar que as secas do nordeste obedecem um ciclo de 9 a 12 anos?

Euclides de Cunha, na parte IV de "A Terra", refere-se aos ciclos da seca, citando uma espécie de relatório do senador Tomás Pompeu. Critica o fato de não se ter naquele momento um estudo rigoroso e profundo de sua gênese. Euclides toma o tema da seca em função do flagelo humano e de sua tendência em explicar os condicionantes do meio sobre o homem. Assim, utiliza-se de hipótese do naturalista Barão de Capanema, que busca explicação na rotação solar. Recorreu também a Herschel, que levantou a hipótese do calor emitido para a Terra, baseando-se em dados geométricos e físicos para determinar sua incidência. Euclides aponta as falhas da teoria de Herschel, mas valoriza a tentativa de explicação.

Euclides procura demonstrar as particularidades geográficas do sertão e o regime dos ventos. Conclui que a "disposição topográfica" é decisiva para o ciclo da seca. Mas cuidadosamente não deixa de chamar a atenção para o fato de se tratar de conjeturas.

O mais significativo não são as tentativas de explicação dos fatores climáticos e geológicos que provocam as secas, mas sim o método dialético exposto. Como observador que investiga o fenômeno e descobre os elos causais, Euclides fica maravilhado com a constatação: "A natureza compraz-se em um jogo de antíteses". Outras passagens indicam o quanto era importante para o escritor revelar a unidade dos contrários: "A terra desnuda tendo contrapostas, em permanente conflito, as capacidades emissivas e absorventes dos materiais que a formam, (...); Deste perene conflito feito um círculo vicioso indefinido, ressalta a significação mesológica do local"; "Copiando o mesmo singular desequilíbrio das forças que trabalham a terra, os ventos ali chegam, em geral, turbilhonando revoltos, em rebojos largos".

Da mais abrasadora seca esterilizante, o sertão se transforma em criação com o "sobrevir das chuvas". Euclides vê a natureza zombar das explicações idealizadas e intitula "Uma Categoria Geográfica Que Hegel Não Criou".

O renascer dos rios, da flora, da fauna e do próprio homem sertanejo constitui as páginas mais exuberantes do capítulo da Terra. E é assim porque não há exaltação idealista, romântica. A passagem da seca para o florescer é traumática, assim como o retorno ao ponto inicial do ciclo. A "apoteose" da "mutação" é precedida da tormenta, do "aguaceiro diluviano".

Euclides não deixa de identificar "um agente geológico notável – o homem", que "assumiu, em todo o decorrer da História, o papel de um terrível fazedor de desertos". Assim, "o homem fez-se uma componente nefasta entre as forças daquele clima demolidor". Também nesse aspecto a atualidade da obra *Os Sertões* é flagrante.

Euclides aciona todo o conhecimento adquirido de naturalistas, geógrafos, climatologistas etc., mas não deixa de contestá-los naquilo que suas observações não comprovam. Reconhece que esteve tomado "pelas emoções da guerra" de Canudos e que por isso lhe tenha faltado "serenidade de pensamento".

CC – *Os Sertões*, hoje, é uma obra contemporânea?

Essa é uma pergunta inevitável. Começo a respondê-la com uma consideração de Olímpio de Sousa Andrade, escrita cerca de quatro décadas atrás: "Sessenta anos depois de publicado, somando às primeiras edições dezenas delas, traduzido para várias línguas e visto lá fora como "great and grand", lido e até copiado como se fosse um romance, o livro prossegue dando mostras da sua validade, da sua permanente atualidade, caindo sempre sob os olhos das gerações que vão passando como qualquer coisa de novo, irrevelado".

Entendo que as obras marcantes do passado continuam a influenciar de alguma maneira o presente, por isso são denominadas de clássicas. É o caso de *Os Sertões*, com seu esplendor contemporâneo. Mas essa afirmação é abstrata. A obra *Os Sertões* permanece contemporânea porque combinou a ciência com a literatura e expôs sem temor um dos crimes hediondos do Estado contra a comuna primitiva de Canudos. Essas são particularidades que a projetam aos nossos dias. Embora o conflito de Canudos diste a mais de 100 anos e a realidade sertaneja tenha sofrido importantes alterações, o conflito no campo permanece. Lembremos dois massacres de camponeses ainda recentes: o de Corumbiara e o

...permanece contemporânea porque combinou a ciência com a literatura...

de Eldorado dos Carajás. A memória de Canudos emerge na vida social contemporânea. A comoção da derrocada da comuna organizada pelo anacoreta Antônio Conselheiro continua viva.

CC – O que pode ser dito sobre a aproximação de Euclides com o socialismo?

O termo *socialismo* é geral; abarca desde os socialistas utópicos até os científicos, ou seja, de Saint-Simon a Marx. Formado no positivismo da academia militar, Euclides não chegou a superá-lo e assimilar o socialismo científico. Como pensador livre e de uma honestidade ímpar – e por isso pagou com duras privações econômicas –, aproximou-se dos escritos de Marx.

Não pode assimilar a concepção materialista da história, que inclui a noção essencial de luta de classe. Caso Euclides houvesse submetido o positivismo à crítica, principalmente reconhecido seu materialismo mecânico, teria colocado *Os Sertões* em um patamar ainda mais elevado.

O misticismo de Conselheiro, a existência do jagunço, a reação da Igreja católica, o movimento social de Canudos, a perseguição policial, a intervenção militar e a autodefesa da comuna não foram vistos como manifestações das relações de propriedade e de classe. A resistência épica, a bravura e a sagacidade guerrilheira dos sertanejos fizeram os olhos de Euclides brilhar. De onde os miseráveis de Canudos extraíam tamanha força para derrotar três expedições, ainda mais a terceira, muito bem armada e comandada pelo lendário coronel Moreira César? Por que a quarta expedição vencedora tinha de decapitar os vencidos? Euclides procurou as respostas nos condicionamentos mútuos entre o meio e o homem, na miscigenação e no misticismo. E, por fim, na vingança, no abandono das leis e na impunidade garantida.

Com descrições precisas, cortantes e carregadas de tragédia, o jornalista-escritor rompeu o silêncio sobre o morticínio e repôs a verdade histórica. Foi o "matadouro" e o perigo de a "História" não chegar até ali ("A História não iria até ali") que mais obrigaram Euclides a transformar suas anotações na caderneta de campo e o que foi conservado pela memória no livro "vingador". Mas Euclides não teve como compreender as limitações de suas explicações para o acontecimento histórico, uma vez que suas leituras de Marx não o transformaram em socialista.

Canudos não tinha como ser visto como uma expressão primitiva do conflito de classe. A República não podia ser observada como a representação da ditadura de classe da burguesia brasileira, que comandava as transformações econômicas e sociais do país. O exército não tinha como ser concebido como criatura de uma classe social, capaz de ir até à barbárie da degola de homens esfarrapados. Essas formas e conteúdos pareciam novos ao espírito rebelde de Euclides diante do longo passado colonial e escravista.

Há que se ter em consideração que as premissas sociais para as ideias socialistas no Brasil eram pouco desenvolvidas. A mente científica e o pendor para a crítica de Euclides o levariam a se acercar, em São José do Rio Pardo, em 1901, dos socialistas, via de regra, imigrantes italianos, que fundaram círculos e chegariam a editar o jornal *O Proletário* – Periódico Socialista. Mas, pelo visto, a aproximação se deu mais pela amizade com Francisco Escobar, que demonstrava vasta cultura em uma cidade tão provinciana e que muito apoio deu a Euclides para redigir *Os Sertões*.

Modesto de Abreu, em seu livro *Estilo e Personalidade em Euclides da Cunha*, faz a seguinte consideração: "Com efeito, ideias socializantes, de um socialismo que hoje diríamos bem de esquerda, se rastreiam em mais de um passo da obra euclidiana, não só n'*Os Sertões*, como ainda e principalmente nos *Contrastes e Confrontos*. Na bem elaborada obra biográfica, Sílvio Rabelo relata o avanço de Euclides da Cunha em direção ao materialismo dialético de Karl Marx. Refere como importantes os apontamentos no artigo "Um velho problema", que se encontra na coletânea *Contrastes e Confrontos*, em defesa do socialismo científico. Eis uma das afirmações do biógrafo: "Como se tivesse chegado subitamente ao x de uma equação, Euclides não tinha hesitação em admitir que a fonte única da produção é o trabalho e que o capital, ou a terra, ou a máquina, de nada vale sem o braço do homem. E em afirmar, com a ênfase de um silogista, que 'a riqueza produzida deve pertencer toda aos que trabalham' e que 'o capital é uma espoliação'". Olímpio de Sousa Andrade é partidário da hipótese de que Euclides não se interessou por questões práticas do socialismo, mantendo-se afastado das atividades dos círculos de São José do Rio Pardo. Mas admite a tendência de Euclides de se aproximar do socialismo: "É tão certo que ele, pelo menos nos dez anos que medeiam o exílio da Campanha e a publicação de "Um velho problema", em 1904, cultivava ideias socialistas, como certo é que, contraditório como sempre, quase tudo o que escreveu é tecido com ideias de grande liberal (...).

Não se trata de inventar um Euclides socialista. Mas não há como não reconhecer que a observação rigorosa da realidade social empurrou o escritor a reconhecer o socialismo científico. CC

Diversidades e adversidades em *Os Sertões:* a luta da terra e do homem[1]

JOÃO HILTON SAYEG-SIQUEIRA

A natureza compraz-se em um jogo de antíteses. (p. 46)[2]

Em Canudos se misturam história/crendice, realidade/misticismo, heroísmo/vilania, liderança/messianismo, reivindicação social/fragilidade política. Nessa ondulação de contrariedades complementares é que se desenrola o relato de Euclides da Cunha sobre a Campanha de Canudos, em *Os Sertões*.

O levante ocorreu no sertão da Bahia, de novembro de 1896 a 5 de outubro de 1987. Em um ano, foram quatro investidas do governo estadual com o apoio do governo federal republicano, recente e inseguro, contra uma população carente, faminta e oprimida que vivia numa situação precária do Nordeste brasileiro, no final do século XIX. Eram muitas as revoltas em decorrência da seca, da miséria, da fome, da violência e, principalmente, do abandono político, o que afetava gravemente os

nordestinos do sertão. Toda essa situação, em conjunto com o fanatismo religioso, desencadeou um grave problema político-social, envolvendo fanáticos, jagunços e sertanejos sem emprego.

> Porque o cangaceiro da Paraíba e Pernambuco é um produto idêntico, com diverso nome. Distingue-o do jagunço talvez a nulíssima variante da arma predileta: a parnaíba (...) o clavinote [...]
> As duas sociedades irmãs tiveram, entretanto, longo afastamento que as isolou uma da outra. Os cangaceiros nas incursões para o sul, e os jagunços nas incursões para o norte, defrontavam-se, sem se unirem, separados pelo valado em declive de Paulo Afonso.
> A insurreição da comarca de Monte Santo ia ligá-las.
> A campanha de Canudos despontou da convergência espontânea de todas essas forças desvairadas, perdidas no sertão. (p. 142)

A expansão demográfica do povoado de Canudos se deu por um movimento de convergências contrastivas, aqui, duas sociedades irmãs, no entanto separadas, uma rumando para o sul e a outra para o norte, cangaceiros e jagunços com nomes diversos mas propósitos semelhantes, diferentes, talvez, pelo tipo de armas que utilizavam, no entanto, unidos na heroica resistência a quatro investidas militares contra uma população fraca e desvalida.

No centro desse movimento estava a *psicose mística* de Antônio Vicente Mendes Maciel (o Conselheiro). *A sua insânia estava, ali, exteriorizada. Espalhavam-lha a admiração intensa e o respeito absoluto que o tornaram em pouco tempo árbitro incondicional de todas as divergências ou brigas, conselheiro predileto em todas as decisões.* Cearense de Quixeramobim, enveredou-se pelos sertões nordestinos, fugindo, por vergonha, da decepção de um casamento adúltero com uma mulher desequilibrada por *tara hereditária*. Surgiu na Bahia, *esquálido e macerado*, deixando absortos os matutos supersticiosos. Dominava-os, sem querer. Rodeou-o o prestígio de milagreiro, *agravando-lhe, talvez, o temperamento delirante*. (p. 107)

Ia-lhe crescendo o prestígio. Já não seguia só. Encalçavam-no na rota desnorteada os primeiros fiéis. Não os chamara. Chegavam-lhe espontâneos, felizes por atravessarem com ele os mesmos dias de provações e misérias. Eram, no geral, gente ínfima e suspeita, avessa ao

Antônio Conselheiro, desenho retirado de http://www.cce.ufsc.br/nupill/literatura/sertoes.html

> trabalho, farândula de vencidos da vida, vezada à mandria e à rapina. (p. 107)

Antônio Conselheiro é o retrato da terra e do homem, envolventes pelo misticismo, pela incógnita, pelo mistério e repulsivos pela aparência, pelo comportamento e pelo procedimento. É o ícone tortuoso, oblíquo, da terra e do homem do Nordeste. O chão é enterroado, desmantelado, quase desnudo, *no contorcido dos leitos secos dos ribeirões efêmeros, no constrito das gargantas e o quase convulsivo de uma flora decídua embaralhada em esgalhos – é de algum modo o martírio da terra*. (p. 26) O homem forte, desequilibrado e cambaleante, chegou sem ser chamado e seguiu rotas desnorteadas, feliz com as provações e as misérias que levam à salvação.

> ... seu misticismo feroz e extravagante. Ele foi, simultaneamente, o elemento ativo e passivo da agitação de que surgiu. (...) espírito torturado de reveses (...) falso apóstolo (...) um caso notável de degenerescência intelectual, mas não o isolou – incompreendido, desequilibrado, retrógrado, rebelde, – no meio em que agiu. (...) Ao contrário, este fortaleceu-o. Era o profeta, o emissário das alturas, transfigurado por ilapso estupendo, mas adstrito a todas as contingências humanas, passível do sofrimento e da morte, e tendo uma função exclusiva: apontar aos pecadores o caminho da salvação. (pp. 99-101)
>
> ... o viajante... a caatinga o afoga; abrevia-lhe o olhar; agride-o e estonteia-o; enlaça-o na trama espinescente e não o atrai; repulsa-o com as folhas urticantes, com o espinho, com os gravetos estalados em lanças; e desdobra-se-lhe na frente léguas e léguas, imutáveis no aspecto desolado: árvores sem folhas, de galhos estorcidos e secos, revoltos, entrecruzados, apontando rijamente no espaço ou estirando-se flexuosos pelo solo, lembrando um bracejar imenso, de tortura, da flora agonizante... (p. 39)

O sertanejo é, antes de tudo, um forte. Não tem o raquitismo exaustivo dos mestiços neurastênicos do litoral. A sua aparência, entretanto, ao primeiro lance de vista, revela o contrário. Falta-lhe a plástica impecável, o desempeno, a estrutura corretíssima das organizações atléticas. É desgracioso, desengonçado, torto. (...) reflete no aspecto a fealdade típica dos fracos. O andar sem firmeza, sem aprumo, quase gigante e sinuoso, aparenta a translação de membros desarticulados. Agrava-o a postura normalmente abatida, num manifestar de displicência que lhe dá um caráter de humildade deprimente. (...) Caminhando, mesmo a passo rápido, não traça trajetória retilínea e firme. Avança celeremente, num bambolear característico, de que parecem ser o traço geométrico os meandros das trilhas sertanejas. (p. 80)

O Conselheiro é presença de misticismo feroz e extravagante...

O Conselheiro é presença de misticismo feroz e extravagante, figura controversa de um falso profeta, ativo e passivo, decorrência de sua *degenerescência intelectual*, que o fazia acreditar ser emissário das alturas, *transfigurado por ilapso estupendo, mas adstrito a todas as contingências humanas, passível do sofrimento e da morte* (p. 101); enlaça e repulsa o sertanejo, *espécimen* forte com a fealdade dos fracos, andar sem firmeza, sem aprumo numa trajetória retilínea e firme.

Pela crença e pelo provento, pode-se comparar Antônio Conselheiro ao ubunzeiro, *a árvore sagrada do sertão. Sócia fiel das rápidas horas felizes e longos dias amargos dos vaqueiros. Representa o mais frisante exemplo de adaptação da flora sertaneja. (...) E ao chegarem os tempos felizes dá-lhe os frutos de sabor esquisito para o preparo da umbuzada tradicional* (p. 44). Traz, em si, a sombra que abriga e o fruto que alimenta. Não só dá o amparo, mas também é solidária. Como o sertanejo, está enraizada ao sertão.

E por essas diversidades vai-se desenhando o sertão, configurado por uma atmosfera que *junto ao chão vibra num ondular vivíssimo de bocas de fornalha em que se pressente visível, no expandir das colunas aquecidas, a efervescência dos ares*. Já no alto do morro da Favela encontravam-se os mesmos acidentes e o mesmo chão que embaixo, revolto, áspero dos pedregais e coberto de caatingas. *Mas a reunião de tantos traços incorretos e duros – arregoados divagantes de algares, sulcos de despenhadeiros, socavas de bocainas, criava-lhe perspectiva inteiramente nova. E quase compreendia que os matutos crendeiros, de imaginativa ingênua, acreditassem que "ali era o céu..."* (pp. 33-34)

A diversidade não é privilégio só do solo, ou das crenças, está presente também no clima, o que pode ser constatado pela oscilação da temperatura que vai dos 35° à sombra, durante o dia, para madrugadas frias, *dias queimosos e madrugadas enregeladas (...) insola-se e enregela-se, em 24 horas* (p. 34). A isso, somam-se os contrastes das estações, do estio torrencial às tormentas avassaladoras. Aquela escarnece o solo e lhe tira

o viço da vida, *o empedramento do solo; a nudez da flora; o espasmo assombrador da seca* (p. 46); estas substituem as *insolações inclementes* pelas *águas selvagens* que degradam o solo.(p. 29)

Passa-se do chão empedrado, gretado, recrestado, da flora rudimentar com a vegetação agonizando, doente, informe, exausta, num espasmo doloroso, para um paraíso, quando o sertão aflora e ressurge a fauna resistente das caatingas.

> ... pela intuição do próprio sertanejo para quem a persistência do nordeste — o vento da seca, como o batiza expressivamente — equivale à permanência de uma situação irremediável e crudelíssima. (...) desfazendo-se logo depois em aguaceiros fortes sobre os desertos recrestados (...) os primeiros fios de água derivando pelas pedras, as primeiras torrentes em despenhos pelas encostas, afluindo em regatos já avolumados entre as quebradas, concentrando-se tumultuariamente em ribeirões correntosos; adensando-se, estes, em rios barrentos traçados ao acaso, à feição dos declives, em cujas correntezas passam velozmente os esgalhos das árvores arrancadas, rolando todos e arrebentando na mesma onda, no mesmo caos de águas revoltas e escuras (...) Embruscado em minutos, o firmamento golpeia-se de relâmpagos precípetes, sucessivos, sarjando fundamente a imprimadura negra da tormenta. Reboam ruidosamente as trovoadas fortes. As bátegas de chuva tombam grossas, espaçadamente, sobre o chão, adunando-se logo em aguaceiro diluviano (...) transmudam-se os sertões, revivecendo. (pp. 38-43)

Engenhosamente, vai sendo arquitetado o teatro em que ocorrerão as lutas, pela sobrevivência, da terra e do homem, protagonistas de uma narrativa antitética, escrita em estilo contrastivo pela natureza. É uma construção em desmoronamento, cujo encanto está na destruição de suas dimensões, tão magníficas e tão frageladas, pela própria constituição do solo ou pela ação predatória do homem. A terra e o homem se congregam e se desagregam. Ela maltrata e ele destrata. A terra é árida e inóspita; o homem é duro e rude; a luta é árdua e fatal. A terra não resiste à seca; o homem não suplanta o descaso; e a luta não vence a adversidade e a repressão.

> Surgem primeiro as possantes massas gnaisse graníticas, que a partir do extremo sul se encurvam em desmedido anfiteatro, alteando as paisagens admiráveis que tanto encantam e iludem as vistas inexpertas dos forasteiros. (...) que fazem deste país região privilegiada, onde a natureza armou a sua mais portentosa oficina. (...) desbarrancado, em desintegração contínua, por todo o curso das idades; adiante, mais caprichosos, se escalonam em alinhamentos incorretos de *menhirs* colossais, ou em círculos enormes, recordando na disposição dos grandes blocos superpostos, em rimas, muramentos desmantelados de ciclópicos coliseus em ruínas; ou então, pelos visos das escarpas, oblíquos e sobranceando as planuras que, interpostos, ladeiam, lembram aduelas desconformes, restos da monstruosa abóboda da antiga cordilheira, desabada... (pp. 19-22)

Esquecemo-nos, todavia, de um agente geológico notável — o homem. Este, de fato, não raro reage brutalmente sobre a terra e entre nós, nomeadamente, assumiu, em todo o decorrer da história, o papel de um terrível fazedor de desertos. Começou isto por um desastroso legado indígena. Na agricultura primitiva dos silvícolas era instrumento fundamental — o fogo. (...) Atacou a fundo a terra, escarificando-a nas explorações a céu aberto; esterilizou-a (...) o homem fez-se uma componente nefasta entre as forças daquele clima demolidor. Se o não criou, transmudou-o, agravando-o. Deu um auxiliar à degradação das tormentas, o machado do catingueiro; um supletivo à insolação, a queimada. (pp. 48-49)

> O homem luta contra a condição adversa que a natureza lhe impõe...

O homem luta contra a condição adversa que a natureza lhe impõe e a terra descortina o cenário da batalha. A localização de Canudos, ponto nevrálgico da luta, faz-se importante para se divisar as condições de constituição do solo e de sobrevivência do homem. *Canudos de pito,* que, pelo caule oco, eram utilizados para fazer haste de cachimbo, e foram *destinados a emprestar o nome ao mais lendário dos vilarejos* que ficava localizado na velha fazenda de gado à beira do rio Vaza-Barris, *e que era, em 1890, uma tapera de cerca de cinquenta capuabas de pau a pique*, predestinado a ser o *dilatado teatro de tropelias às gentes indisciplinadas do sertão.* (pp. 41-117-139)

Como Antônio Conselheiro e os sertanejos que o seguiam, o rio Vaza-Barris tem *curso tortuoso, rio sem nascente, rio sem afluentes, a sua função como agente geológico é revolucionária* (p. 25). Estudos realizados sobre esse rio localizam sua nascente no sopé da Serra dos Macacos, sertão da Bahia, próximo ao município

de Uauá, mas, por ter o leito normalmente seco, que só aparece quando chove, geograficamente, divisam o ponto exato onde ele começa como sendo uma várzea denominada Alagadiço Grande. Mesmo assim, há controvérsias, pois em seu curso natural, mais à frente, forma a Lagoa dos Pinhões, que passa, então, a ser o referencial exato de sua nascente, já que é mais estável na época da seca. Por isso, é visto como um rio perene ou temporário, com cerca de 450 quilômetros de comprimento, que atravessa a Bahia, passa por Sergipe e deságua no litoral sergipano, local denominado Mosqueiro.

O Vaza-Barris percorre o sertão sem procedência e sem percurso muito bem definidos, como Antônio Conselheiro, como os cangaceiros e os jagunços, que vagavam pelo sul e pelo norte, como os sertanejos errantes que chegavam sem ser chamados e seguiam um ideal em busca da liberdade da situação de extrema pobreza na qual se encontravam. O rio, o profeta, o banditismo e a beatice convergem para um solo que, de tão árido, produz miragens insólitas de oásis em depressões de aspecto lúgubre, *entre colinas nuas, envoltas em mandacarus despidos e tristes, como espectros de árvores; ou num colo de chapada, recortando-se com destaque no chão poente e pardo, graças à placa verde-negra das algas unicelulares que as revestem*. (p. 25)

A terra ignota, em que se aventura o rabisco de um rio problemático ou a idealização de uma corda de serras. A impressão que domina é dolorosa ao se atravessar *aquele ignoto trecho de sertão – quase um deserto – quer se aperte entre as dobras de serranias nuas ou se estire, monotonamente, em descampados grandes*, em *largas planuras ondeantes* onde, em uma delas, *se erigia o arraial de Canudos* que Conselheiro chamou de Belo Monte, um paradoxo, pois o arraial se situa em um vale, entre colinas. Este é o cenário em que é

A Guerra de Canudos, tema central do livro *Os Sertões*, de Euclides da Cunha.

travada a luta, não dos militares contra os conselheiristas, mas da terra e do homem pela sobrevivência. (pp. 23-29)

A luta é tão feroz e voraz que para relatá-la só por meio de uma recriação dramática livre do texto de Euclides da Cunha, reconstruindo, a partir de um novo percurso, as adversidades presentes nas diversidades de um Nordeste que ruge nos ermos, armado com as características rudimentares constitutivas do solo em que as erosões crivam-se escarificadas em quinas de rebordos cortantes, em pontas e em duríssimas estrepes que procuram impossibilitar a marcha das forças que atacam a terra na contextura e na superfície, sem intervalos na ação demolidora, substituindo-se, com intercadência invariável, nas duas estações únicas da região, a extrema seca e as chuvas breves e tempestuosas.

A terra se arma por ser brutalmente golpeada pelos elementos variáveis, distribuídos por todas as modalidades climáticas e naturais. As forças que trabalham a terra atacam-na. A caatinga estende sobre a terra as ramagens de espinhos, como um cilício dilacerador que se estiva, em vida latente, e que se alimenta das reservas que foram armazenadas nas quadras remansadas. A flora luta tenazmente contra o flagelar do clima, com uma resistência rara entretece a trama das raízes, obstando, em parte, que as torrentes arrebatem todos os princípios dissolvidos, acumulando-os pouco a pouco na conquista da paragem desolada cujos contornos suaviza, sem impedir, contudo, nos estios longos, as insolações inclementes e as águas selvagens, degradando o solo.

A natureza torturada impõe-se, tenaz e inflexível, a luta pela vida, principalmente, contra o sol, inimigo que é forçoso evitar, iludir ou combater. E evitando-o pressente-se de algum modo a inumação da flora moribunda, enterrando os caules pelo solo, que, como este, é áspero e duro, ressecado pelas drenagens dos pendores ou esterilizado pela sucção dos estratos, completando as insolações, entre dois meios desfavoráveis, espaços candentes e terrenos agros. As plantas mais robustas trazem no aspecto anormalíssimo, impressos, todos os estigmas desta batalha surda. As árvores emparelham-se para reagir contra o regime bruto.

As condições estruturais da terra lá se vincularam à violência máxima, os quartzitos ásperos, e as filades e calcáreos, revezando-se ou entrelaçando-se, repontando duramente a cada passo, mal cobertos por uma flora tolhiça, dispondo-se em cenários em que ressalta, predominantemente, o aspecto atormentado das paisagens O regime torrencial dos climas excessivos, sobrevindo, de súbito, depois das insolações

demoradas, e embatendo naqueles pendores, expôs há muito, arrebatando-lhes para longe todos os elementos degradados, as séries mais antigas daqueles últimos rebentos das montanhas.

Afora isso, o homem também, ao longo dos tempos, tornou-se um inimigo feroz, atacou a terra a fundo, escarificando-a nas explorações a céu aberto; esterilizou-a com os lastros das grupiaras: feriu-a a pontaços de alvião; degradou-a corroendo-a com as águas selvagens das torrentes; e deixou, aqui, ali, em toda parte, para sempre estéreis, avermelhando nos ermos com o intenso colorido das argilas revolvidas, onde não medra a planta mais exígua, as grandes catas, vazias e tristonhas, com sua feição sugestiva de imensas cidades mortas, derruídas.

Mesmo assim, a terra não revidou a violência. A incomparável terra que, mesmo abrangida pelas secas, desnuda e empobrecida, ainda deu ao homem sustento para seus rebanhos nas baixadas salinas dos barreiros, amparando-o de idêntico modo ante as exigências da vida combatente, dando-lhe grátis o salitre para a composição da pólvora, fundamental na fabricação das balas, luxuosos projétis feitos de chumbo e prata, que, por sua vez, estão lá no ventre generoso do solo.

E o homem trava sua luta, contra as adversidades do clima, do solo e da opressão. Mas não se pode desconsiderar que o martírio do homem nasce do martírio secular da terra, e, portanto, compartilham o reflexo da tortura maior, mais ampla que abrange a economia geral da vida. Por isso, o sertanejo faz exceção à regra, pois, se está com a terra, a seca não o apavora; ao contrário, é um complemento à sua vida tormentosa, emoldurando-a em cenários tremendos. Enfrenta-a estoico. Apesar das dolorosas tradições que conhece por meio de um sem-número de terríveis episódios, alimenta, a todo o transe, esperanças de uma resistência impossível. Aparelha-se com singular serenidade para a luta.

A terra do Nordeste é árida e rica e é a pátria original dos homens mais bravos e mais inúteis, a começar pelo destemido jagunço que surgiu da envergadura atlética do vaqueiro e que, na nossa história, tão malsinada de indisciplinados heróis, converteu-se em um de seus mais sombrios atores. Fez-se a metamorfose da situação anterior, uma vez que, de par com a sociedade robusta e tranquila dos campeiros, surgiu uma outra caracterizada pelo nomadismo desenvolto, pela combatitividade irrequieta, e por uma ociosidade singular sulcada de tropelias.

Imaginemos se de dentro do arcabouço titânico do vaqueiro estalasse, de súbito, a vibratilidade incomparável do bandeirante, esse é o jagunço. Teatralmente é menos heroico, mas é mais tenaz, mais resistente, mais perigoso, mais forte e mais duro. Raro assume esta feição romanesca e gloriosa. Procura o adversário com o propósito firme de o destruir, seja como for. A sua vida é uma conquista arduamente feita, em faina diuturna. Calcula friamente o pugilato. Ao riscar da faca não dá um golpe em falso.

E os jagunços em agrupamentos foram à luta contra a violência oficial, usada em exagero, na tentativa de calar aqueles que lutavam por direitos sociais e melhores condições de vida. E, pela última vez, surge o jogo de antíteses que revela o caráter do clima, da terra, do homem e da história. Despertando os adversários para a luta, os sertanejos chegavam com o dia e anunciavam-se de longe, parecia uma procissão de penitência. Não tinham, ao primeiro lance de vistas, aparências guerreiras. Guiava-os um símbolo de paz: a bandeira do Divino. Seguiam para a batalha rezando, cantando, como se procurassem decisiva prova às suas almas religiosas.

A batalha foi perdida, mas Canudos não se rendeu, resistiu até o esgotamento completo. Os conselheiristas tombaram no solo e com isso fizeram uma simbiose e se decompuseram, deixando, para a história, os rostos tumefactos e esquálidos, mas, na solidariedade da luta pela adversa sobrevivência, com os olhos fundos cheios de terra.

A batalha foi perdida, mas Canudos... resistiu até o esgotamento completo.

João Hilton Sayeg-Siqueira é doutor em linguística e professor da PUC-SP.

Notas

1 Colaborou na elaboração deste artigo o Prof. Dr. Emanuel Cardoso-Silva.

2 Todos os trechos citados neste artigo referem-se à terceira edição da obra *Os Sertões*, publicada pela Ediouro.

Referência bibliográfica

CUNHA, Euclides da. *Os Sertões* (Campanha de Canudos). 3.ed. Rio de Janeiro: Ediouro, s/d.

OS SERTÕES COMO TRAGÉDIA: A PROPÓSITO DE UMA REVISÃO CONCEITUAL

JOÃO BATISTA PEREIRA

I

A diversidade de interpretações compreendidas no multiforme escopo suscitado pelos sertões euclidianos atenta para aspectos econômicos, políticos e sociais, além da controversa literariedade que repousa na obra. Nesse âmbito, o barroquismo, o gongorismo, o emprego dos *tropos*, o acento demasiado retórico são figurações da linguagem que enlaçam o fazer literário da narrativa, além da designação usualmente empregada para o texto: a sua configuração como tragédia. Suspenso sob a historicidade que preludia o contexto de sua elaboração, o relato de Canudos prescinde do reconhecimento de uma ação divisora no tempo social para que possa ser assim compreendida. Todavia indagamos: que percurso harmonizaria estatutos como literatura e história, fundando a acepção de que *Os Sertões* expressa uma tragédia? A lacuna espiritual que separa o mundo contemporâneo da Grécia Clássica exige que situemos quão distintas são essas realidades, consubstanciando uma síntese que reflita as assimetrias que as singularizam.

Concebendo que a expressão artística, vista como um produto social, está ligada a um contexto histórico definido, que sua origem, estrutura e significado só podem ser compreendidos nesse e através desse contexto, como explicar a permanência

da tragédia em outras épocas, quando as formas de vida se transformaram e as condições necessárias à sua elaboração se dissiparam? Ainda no âmbito dessa permanência, se a história se move por ações que desfiguram uma linearidade temporal, se tais acontecimentos incidem sobre o homem, transformando-o e à sociedade, como imaginar o gênero mantendo-se imutável até nossos dias? Ao abrigar esses questionamentos como um dilema para definir a perenidade da tragédia com gênero literário, somos remetidos à transistoricidade que assoma os textos dramáticos, sintomático de sua nominação como clássicos.

Essa breve introdução se mostra necessária por direcionar o bojo no qual se insere este trabalho: subsidiar a reflexão teórica sobre *Os Sertões*, iluminando o viés trágico que o caracteriza. Atento ao fato de que, na apreensão da tragédia, subsume entendê-la como uma expressão interpretativa que "manifesta preocupações teóricas fundamentalmente sincrônicas" (Vernant *apud* VIEIRA, 1999, p. xv), concebe-se que o gênero surgiu como catalisador de valores sociais traduzidos simbolicamente, prefigurando na ideologia o meio e as condições que concorreram para a sua existência na Antiguidade. A adoção do caráter sincrônico como suporte analítico exterioriza um recorte que se contrapõe àquilo que corporifica a influência da mitologia na gênese da tragédia: "substituindo uma análise das estruturas do panteão, trazendo à luz o modo pelo qual as diversas potências são agrupadas, associadas, opostas, distinguidas" (VIEIRA, 1999, p. xvi), expondo a necessidade de ampliar as alternativas para análisá-la no mundo grego, vinculando-a às condições sociais que forjaram um sistema no qual os mitos perderam gradativamente a ascendência sobre a sociedade.

Preludiadas essas motivações originárias, quando surgiu e o que foi a tragédia na Grécia Antiga? Uma das formas de estabelecer as causas para o seu surgimento pode ser encontrada na luta entre duas justiças: "o agonizante mundo mítico e o efervescente mundo racionalista da *pólis*. (...) Outra característica é revelar a ambiguidade resultante do choque entre *ethos* e *deimon*, já que, na tragédia, o herói trágico quer guiar-se por seu próprio caráter (*ethos*), mas está subordinado à força, ao gênio mau (*deimon*)" (COSTA; REMÉDIOS, 1988, p. 11). Como síntese desse estado conflituoso e contraditório, pode-se assentir que a tragédia surge em fins do século IV quando a linguagem do mito deixa de apreender a realidade política da sociedade. Observar o mundo de forma distinta do que a realidade externava, afirmar novo embasamento para a apreensão da esfera social, foram condições que assentiram para a dualidade que corporificou o gênero em seus primórdios. A descoberta da fragmentação do divino na coletividade e a possibilidade de o homem, pela incipiente autonomia, ser detentor de suas ações, enseja entender que o domínio da tragédia situou-se nessa zona fronteiriça onde os atos humanos articulavam-se com as potências divinas (cf. VERNANT, 1999).

Se essas são alegações contextuais, vinculadas a uma estrutura temporalmente determinada, em um arcabouço institucional afetado e transformado por mudanças sócio-político-culturais, supõe-se que esse quadro tenha o seu correspondente humano. Sobre o homem repousa um registro que o tem sob um véu dialético e infere-se a impossibilidade de concebê-lo sem a contradição, concordando com a divisão instaurada naquele momento, que o situa entre dois universos: "por um lado, é fortemente tributário de valores heroicos; por outro, começa a corresponder às indagações surgidas nas assembleias e nos tribunais da *pólis*" (VIEIRA, 1999, p. xviii). Na tragédia grega, essa presença deve ser pensada sob uma geografia social que o insta à ação, mas ainda sob um manto divino que o guia e ao mesmo tempo o limita. Essa assertiva, adequada para entender o sujeito e suas limitações rumo à descoberta de uma autonomia de pensamento, deve ser entendida na Antiguidade sob um horizonte único: à luz de uma realidade e ordem de mundo singulares, as quais ressaltavam a transitoriedade que regia suas expectativas e anseios nas instâncias material e espiritual.

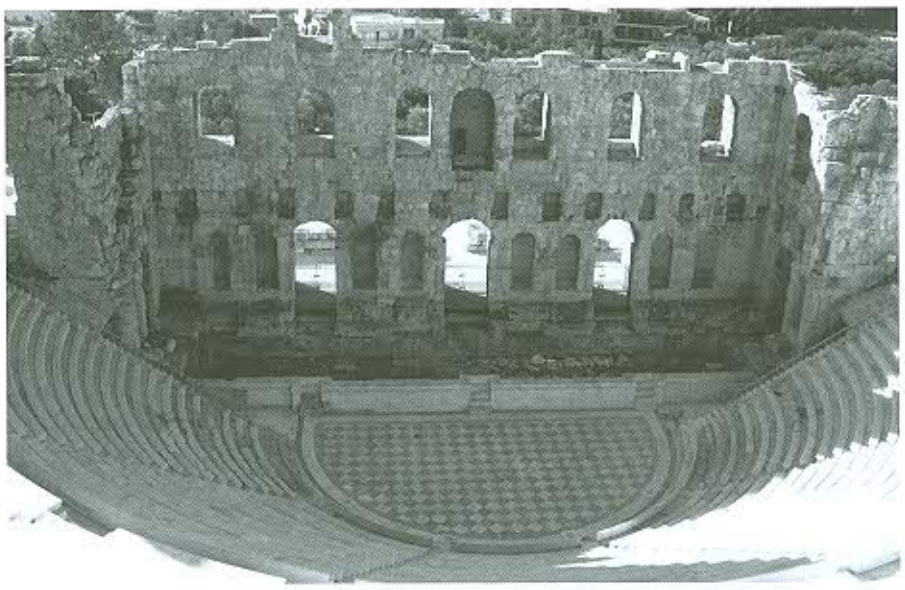
Essa conjuntura que obedecia aos ditames da época evoca a necessidade de compreender como a vida se inseria na marcha mecânica montada pelos deuses. Enquanto o tempo e o determinismo impostos pelo divino resguardavam a dependência daquela em relação a estes, o passado retinha do mito os atos heroicos e o que isso trazia de indissolúvel com a realidade e com o presente, amplificando os questionamentos da vida prática dos cidadãos na sociedade. Essa divisão, antes inexistente – deuses eram tributários das ações humanas, e estas repousavam sob um mundo fixo, mumificado pelo destino –, gerou uma crise de identidade,

...subsidiar a reflexão teórica sobre Os Sertões, iluminando o viés trágico...

fracionando o pensamento do homem (*leitmotiv* edificador da tragédia) com essa fratura existencial irrompendo como uma das premissas que moldariam o seu comportamento e, como consequência, a estrutura do próprio gênero. Considerar os referentes dessa cisão que desarticula a vida como motivação literária é ilustrado na forma como eles ganharam força nos textos dramáticos: na ausência do livre arbítrio e da vontade nos dramas esquilianos, na incipiente contestação aos atos divinos ocasionada pelo uso da razão nos dramas sofoclianos e na preponderância dos atormentados mundos individuais, apresentados como núcleos irradiadores das tragédias de Eurípedes.

Contemplar o homem trágico ganha relevo por ressaltar o dualismo existencial presente em seu tempo. Todavia a vontade hesitante desse herói, as veleidades irrefletidas que ainda o assombram, nos impelem à busca daquilo que o antecedeu, questionando a sua estatura a partir do caráter ontológico que o define: que ser é esse que a tragédia qualifica de *deinós*, monstro incompreensível, agente e paciente ao mesmo tempo, culpado e inocente, lúcido e cego, senhor de toda a natureza através de seu espírito industrioso, mas incapaz de governar-se a si mesmo? Quais as relações desse homem com os seus atos, cuja iniciativa e responsabilidade ele assume, ainda que o sentido verdadeiro o ultrapasse e a ele escape? De tal sorte que não é tanto o agente que explica o ato, quanto o ato que, revelando imediatamente a sua significação autêntica, volta-se contra o agente, descobre quem ele é e o que ele realmente fez sem o saber? Qual é, enfim, o seu lugar num universo social, natural, divino, ambíguo, dilacerado por contradições? (Cf. VERNANT, 1999).

Refratando essa cisão existente em sua interioridade, reitera-se que o espaço ocupado pelo indivíduo na sociedade grega permaneceu atrelado a uma tradição histórica e mitológica. A solução dos conflitos que lhe eram impostos pelos deuses traduzia valores coletivos da *pólis* associados a um mundo mítico e não *apenas* às suas idiossincrasias. A análise das condições sociais em que surge a tragédia sinaliza para a revelação de indícios de um homem independente, permitindo compreender que as mudanças que o nobilitam ante os deuses sugerem uma distensão, faceta que o mundo moderno[1] reafirmará na primazia da razão sobre o mito. Esse adelgaçamento, antes peremptório, deu-se progressivamente na sociedade, assim como o seu reflexo nas tragédias. Transfigurando o tempo de sua realização, as obras de Ésquilo, Sófocles e Eurípedes transpõem as especificidades que delinearam esse amadurecimento do homem: cada um dos autores destacou a conjuntura histórica que ocasionou as mudanças pelas quais passou o gênero e a sociedade para a qual se dirigia.



Ruína de um teatro grego: um dos palcos de origem da tragédia.

II

Questionar o que repercute da tragédia clássica na modernidade implica conceber um ideal estético que teve a sua concepção alterada no fundo, na forma e no conteúdo, mantendo-se imutável uma única diretriz: o homem continua sendo o repositório sobre o qual recaem os efeitos da conflituosa tensão entre ele e o mundo. Sob esse velado confronto, ressoaram na contemporaneidade afirmações quanto à dissolução do gênero, permitindo que consideremos dois caminhos para ponderar sobre a sua permanência: aquele que não vislumbra condições sociais que comportem a sua repetição, implicando entender o tempo histórico como o arcabouço para a realização artística; e, outro, que questiona o âmbito estético do drama como um campo em que essa tragicidade não mais se assenta, deslocado do espaço de sua ocorrência para margens temporais que não suportam mais a sua operacionalização. Ambas as possibilidades rejeitamos, sem delas nos afastarmos totalmente: não se deve refletir sobre a tragédia negando a tradição, pois dela provém o que conhecemos do gênero como arte. Imaginamos proveitoso compreendê-la como uma realização estética vinculada ao contexto de sua emergência, priorizando em nossa análise o questionamento da carga

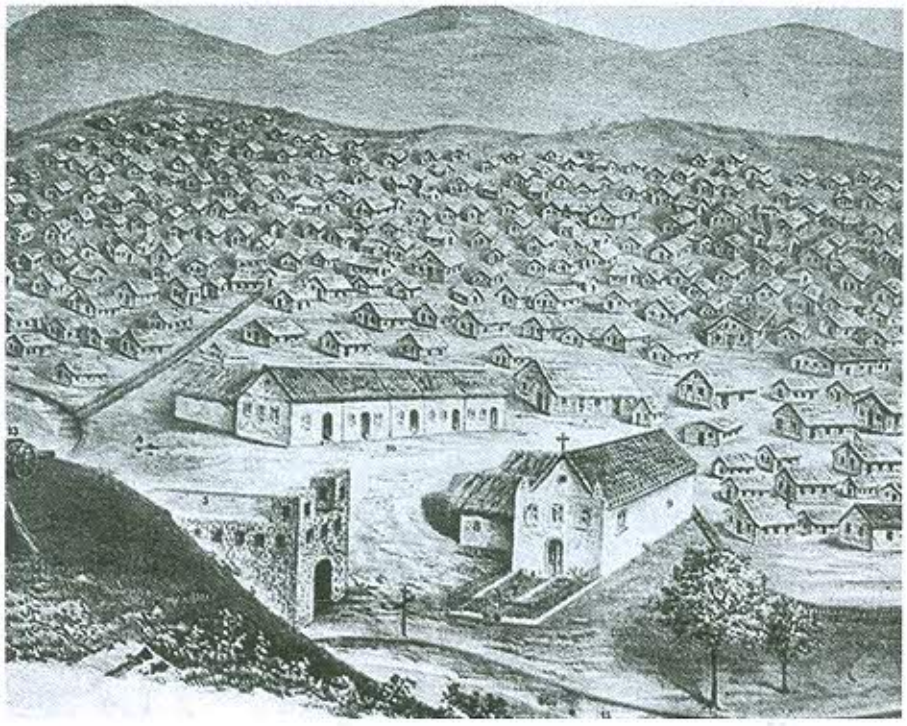


Imagem de Canudos, palco da guerra que inspirou Euclides da Cunha a escrever *Os Sertões*. (http://filosofiacienciaevida.uol.com.br/ESLH/Edicoes/21/imprime143956.asp)

semântica impregnada no próprio conceito, transfigurado a partir de motivações históricas, o que teria levado à escassez dos elementos épicos, cênicos e discursivos.

Justificativas históricas explicam a inadequação do termo *tragédia* e a falência dos seus pressupostos. Se o tempo redimensionou na estética paradigmas que inviabilizaram a sua repetição na atualidade, a exemplo da emergência do indivíduo como entidade isolada em si mesmo – ele já não media laços com o divino, como ocorria com o herói clássico –, essa alteração redundou na imolação da tragédia clássica, restando o seu usufruto na concepção burguesa de uma tragicidade restrita à vida privada, perdendo seu caráter geral e público (cf. COSTA, 2002). Com esse esvaziamento estrutural, deu-se uma homogeneização do todo social, mimetizado em um indivíduo mantido sob uma consciência ética dilemática entre o seu mundo interior e a sociedade. Como para haver a ação *trágica* é essencial que o princípio de liberdade e independência *individual*, ou pelo menos a autodeterminação, a vontade de encontrar no Eu a livre causa e a origem do ato pessoal e de suas consequências, já tenham sido despertados, soam resolutas as propriedades que validam o acontecer trágico na modernidade: o passado ficou redimido como um tempo cuja tragicidade foi vista sob o signo do divino, questionado por dilemas de consciência do homem; a ascendência da burguesia semeou o *pathos* trágico na interioridade do indivíduo que, historicizado por Marx, planificou novas paragens para a tragédia, ao tornar a descrição de uma existência que era espiritual um processo social (cf. Hegel *apud* WILLIAMS, 2002).

Esse périplo demonstra que a tragédia como instituição teve o seu ocaso antevisto por mudanças sociais que repercutiram nas motivações e estruturas nas quais se fundava, ainda que em seu cerne continuasse a falar dos anseios humanos, agora diagramados a partir dos universos subjetivo e individual. Com Eurípedes e a sofística, o seu declínio foi prenunciado: naquele por ater-se às idiossincrasias do indivíduo, sobrepostas às noções do rito, do mito e da *civitas;* e, nesta, por ter contribuído com a razão para a compreensão do mundo, diminuindo o relevo da religião e confirmando o poder do *logos* como atributo que permitiria ao homem ver-se à luz de outras realidades. Em contato com as paixões e os irrefreáveis apelos ditados pela razão, os gregos redimensionaram o que a necessidade lhes imputava, afastando-se gradativamente dos imperativos divinos e obedecendo às suas demandas espirituais.

Ao adotar a mediação social como veículo para entender a origem e a permanência da tragédia na Antiguidade, constata-se a existência de conjecturas e noções modificadoras na sua operacionalização a partir de teorias decorrentes ora de mudanças sociais que sobre o gênero incidiram, ora de uma apreciação imanentemente estética. Se cabem esses esclarecimentos sobre o que divisamos na tragédia clássica, sugerimos que na modernidade ela manteve algumas de suas características estruturais. No que concerne às inovações, à luz da funcionalidade e do conteúdo, elas ocorreram refletindo as transformações que incidiram sobre o homem. Pautada no progressivo abandono da representação das causas históricas e escasseando a reflexão sobre o embate público que modelava as nações e o tempo nas coletividades, no mundo moderno a tragédia migra para o universo privado da existência do sujeito: as temáticas perseguidas prospectam e dão relevo ao individual, reconhecendo-o vislumbrado sob a ótica do mundo burguês, no qual o capital e o que dele emana, mais do que o

poder político, constituem a realidade a ser problematizada.

Com a ascendência da burguesia e do capitalismo, exigiu-se um redirecionamento conceitual para o que se nominava tragédia. A representação da opressão social sobre o homem, furtando-lhe a subjetividade como um valor do espírito, assimila outro nome – drama burguês ou drama social –, adotando os traços que a perenizariam posteriormente. Se o presente não suporta mais a concepção clássica de tragédia, inadequada no tempo e no espaço, o que se atém a essas novas formas de drama? Refletir as idiossincrasias individuais do sujeito ilhado na sua solidão? Representar a ausência das utopias, deixando patente a mesmerização do homem ante os agentes externos de um mundo que o empurra para o niilismo? Ou, talvez, publicizar a dissolução do indivíduo como agente, por constatar que o drama burguês representa distopias, a ausência dos sonhos que sedimentam as transformações no mundo, buscando cambiá-lo através das ideias e pensamentos? É possível que encontremos um pouco ou tudo do que acima citamos na dramaturgia do final do século XIX e por todo o século XX. O que não elucida uma questão latente: as grandes ações humanas, coletivas, que ressurgem em um horizonte social no qual a inexorável vontade do homem se alia à determinação de minar o *status quo* e as ideologias que o aprisionam podem ser, esteticamente, consideradas tragédias, na substantivação esperada do termo?

No questionamento acima subjaz um ideal reiterando que o inescapável, o que incorre sobre o homem, as vidas ceifadas pelas ações humanas ou da natureza, são tragédias. Refinemos a pergunta: ao absolutizar esses acontecimentos assim nominando-os, não estaríamos voltando-nos para uma das condições que a caracterizam desde idos tempos: o débito do homem para com a morte, que usualmente acompanhava os heróis por faltas cometidas, ainda que inadvertidamente? Se compreendermos como tragédia esse movimento cíclico, no qual tudo que envolve o homem tragando-lhe expectativas – inclusive a vida, instância última –, faz-se necessário revisitar o repositório teórico que a define esteticamente, no qual usualmente a ficcionalidade prepondera como um valor precípuo, ainda que a realidade concreta lhe sirva de referente. Essas questões, desprovidas de respostas nem sempre satisfatórias, ecoam desfiguradas quando se intenta alocar nas teorias da tragédia narrativas distanciadas daquilo que a tradição assim absorve, a exemplo das históricas (cf. WILLIAMS, 2002).

As digressões acima, trilhadas para compreender algumas das condições para a emergência e o declínio da tragédia como gênero, sugerem que questionemos a permanência da sua natureza estética quando desvinculada de obras cuja literariedade não é o que as singulariza. Nesse sentido, perscrutar a configuração do *pathos* trágico em *Os Sertões* gerará um aprofundamento analítico se realizado a partir dos elos com a sociedade que o motivou. Essa representação tornar-se-á verossímil, não por conter apenas elementos da realidade exterior, mas pela *forma* como eles são selecionados e interiorizados na narrativa, pela *função* que assumem e o *modo* como atuam na sua estrutura. A tragicidade que assedia a narrativa euclidiana poderá ser mais bem compreendida dentro de uma concepção na qual o mundo grego não espelha com a devida completude o espaço no qual transcorre. As características que lhe dão forma devem ser ponderadas tendo como fulcro um tempo social que se quer moderno. E, principalmente, nessa reflexão deve-se denominar que tipo de tragédia caberia em um mundo diverso daquele da Antiguidade.

Ignorar as considerações que deram foro para o surgimento da tragédia como gênero, elidir as conjunturas sociais motivadoras para a sua insurgência e desconhecer as ligações que o gênero mantinha com o Fatalismo e o Destino, devedoras de determinações a serem cumpridas por inflexão divina, foram os critérios utilizados pela crítica literária para definir *Os Sertões* como tragédia. São retomadas expressões do universo dramático – anfiteatro, cenário, palco, atores, platéia, espectadores –, adensando a percepção do trágico em planos simples, dentro de uma estrutura que é mais complexa, interpretação facilitada por Euclides associar os termos do drama a figurações retóricas e estilísticas em sua narrativa. A afirmação da obra como uma tragédia se alça como uma verdade interpretativa que colide com o insolúvel parâmetro do qual a própria crítica é refém: a polissemia da palavra que desvincula de sua exegese a imanência que lhe é constitutiva. Os referenciais abalizadores encontrados pela crítica se embasam em analogias, amparadas em adequações alusivas ao drama grego,

...deve-se denominar que tipo de tragédia caberia em um mundo diverso...

ficando patente nessas inferências o distanciamento entre a tragédia clássica e a estrutura que mobiliza o trágico na modernidade. Essas foram abordagens que asseguraram uma resposta à apreciação do texto euclidiano em seu sentido lato, nas quais repousam conceitos preconcebidos da estética dramática, sem atentar para nuances que expressam outras possibilidades de interpretação.[2]

Como na crítica literária o específico deve tender ao particular e a universalidade compete à teoria, compreendemos inadequado considerar conceitualmente *Os Sertões* como uma tragédia. Esta aludia a tempos heroicos na Antiguidade, com tipos de relações e leis que estabeleciam uma associação entre aspirações e realizações, entre o sofrimento do homem no presente e a interpretação desse sofrimento como uma passagem virtuosa para o futuro, redimido em nome de conquistas e valores coletivos. O encadeamento dessas premissas esfacela-se na tragicidade que assedia o sujeito na modernidade: os vínculos sociais tornam-se sonantes, indicando os conflitos internos e externos – existentes entre o indivíduo e as instituições – como mediadores que oferecem as condições ideais para compreender o herói moderno, destacando a importância dos imperativos políticos e sociais para delinear sua representação estética, instituída sob os conceitos do livre-arbítrio e da vontade.

A definição do livre-arbítrio e da vontade – que na tragédia clássica se insinuavam como indícios da independência e libertação do homem do jugo divino, ainda que aplacados pelo mito, impedindo essa concretização como um ato consciente – opõe-se aos parâmetros usualmente deliberados para entendê-los na contemporaneidade. As consequências originárias de um princípio de mundo com as características acima soam como algo inato, imaginado como uma dimensão definidora do homem desde idos tempos. Quando se situa a sua relevância e destaca-se o que adveio com a sua instituição no corpo das ideias do indivíduo moderno, demonstram-se relações intrínsecas entre o que definia a tragédia clássica e a vontade e o livre-arbítrio como categorias literárias: na atualidade, estas não supõem apenas uma orientação da pessoa em direção à ação, uma valorização do agir e da realização prática, sob suas diversas formas, mas uma preeminência que, na ação, se atribui ao agente, ao sujeito humano posto como origem, causa produtora de todos os atos que dele emanam. O agente apreende-se a si mesmo, nas suas relações com outrem e com a natureza, como um centro de decisão. Desde que o indivíduo se empenhe numa opção, qualquer que seja o plano em que se situe a sua resolução, ele se constitui a si próprio como agente, como sujeito responsável e autônomo manifestado em atos e por atos que lhe são imputados (cf. VERNANT, 1999).

O pensamento que nobilita a vontade e o livre-arbítrio como contrapontos ao imperativo divino expõe preocupação com o poder e as limitações dele oriundas como motores que movem o homem no seio da sociedade moderna. Apreender analiticamente a permanência dessas variáveis em narrativas históricas contempla a sua eficácia quando utilizadas para destacar o alcance de conquistas individuais e coletivas. Esses pressupostos, deslocados para o alcance de um objetivo comum, atendem aos requisitos nos quais se calca uma das facetas do trágico na modernidade: na absorção de um compromisso com o presente, com o mundo social e com o fazer histórico, distanciando-se do jugo dos deuses, títeres que inoculam a semente do destino para florescer um vir-a-ser fatalista fadado a ser cumprido. Sartre lembra que os muros da eternidade e do passado já há muito desabaram. O presente, que os séculos anteriores concebiam ora como uma figuração sensível do eterno, ora como uma emanação degradada do mundo antigo, emergiu ensejando uma nova dimensão para compreender a história. Na contemporaneidade, enquanto o futuro surge como um esboço, o presente que o homem vive lhe pertence, sem ser obscurecido pelas horas magníficas fundadas na Antiguidade.

Sartre lembra que os muros da eternidade e do passado já há muito desabaram.

III

Busquemos uma síntese, provisória pelo alcance e brevidade deste trabalho: ao assediar os ideais da vontade e do livre-arbítrio, recuperando-os para instituir outras possibilidades de apreensão da tragicidade no mundo moderno, contemplamos a narrativa euclidiana dentro de particularidades teóricas sob as quais incidiria o trágico – sobretudo na modalidade em que este não tem a morte como seu referente unitário – e não a tragédia como gênero estético. A reflexão filosófica que se debruçou sobre o trágico permitiu entender a sua ocorrência em situações nas quais as ações do homem (ou a sua ausência) identificam um processo de conflito e/ou cerceamento de sua autonomia, condição propícia para desvelar múltiplas óticas às quais é

submetido. As formas de incidência dessa tragicidade sobre o indivíduo (o mundo que o emudece, o meio que potencializa as suas limitações tendo como pressuposto a razão etc.) granjeiam novos caminhos interpretativos, distanciando-se do Destino e da Fatalidade que, univocamente, regiam a tragédia grega.

O percurso para instituir analiticamente essa recorrência na narrativa euclidiana aguarda proposições futuras. Todavia a narrativa registra e assente que em Canudos deu-se uma experiência social que não ficou alheia àquela localidade, àquelas pessoas. Esse acontecimento fala e remete ao Brasil do presente, imerso em uma época na qual deuses demiurgos inexistem para se manifestar no mundo dos homens. A tragicidade que assedia *Os Sertões* fez-se catastrófica, mas delegou à história um alento: na contemporaneidade, cada vez mais a construção do presente realiza-se nos domínios da ação e, principalmente, pela vontade, convenções inerentes à autonomia particular e individual. Sobretudo, permanece a necessidade de distinguir conceitualmente o que permeia o relato canudense para além do trágico que o circunda: como ele se revela esteticamente quando o homem se amalgama em uma coletividade, um tempo no qual os desígnios humanos são regidos por atitudes e motivações terrenas, práticas e estruturais e as volições da consciência determinam o curso entre o que fica latente como vontade e o que se manifesta como ação.

João Batista Pereira é doutorando em Teoria da Literatura no Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Pernambuco, desenvolvendo pesquisa sobre a figuração do trágico em *Os Sertões*, de Euclides da Cunha.

Notas

1 Ao qualificar os termos *moderno* e *modernidade*, é imposta a necessidade de recortar o escopo sob o qual recaem as considerações utilizadas no presente trabalho. Entre as múltiplas definições que os engloba, os designaremos dentro de uma significação na qual o contraste é um dos princípios que os estruturam. Extraindo sentido tanto do que nega como do que afirma, no histórico dos termos aparecem variados significados, dependendo da época, do que se questiona e do que se busca afirmar. Essa antinomia – que transparece como dado intrínseco para a assimilação da funcionalidade que os termos externam – remonta ao século V, quando Santo Agostinho encontrou na palavra *modernus* uma expressão para negar o paganismo e imaginar uma nova era cristã. No Renascimento foi recuperado o humanismo clássico, fundindo-o com a cristandade, distinguindo estados e sociedades entre *antigos* e *modernos*; e, com reflexos até a contemporaneidade, a apropriação feita pelo Iluminismo no século XVIII identificou os conceitos com o presente histórico, acrescentando-lhes fluidez e definitiva dissociação com o passado. Os marcos estruturais que sentenciaram o mundo ocidental como moderno foram a conotação industrial e científica, além da importância dada à economia, amalgamada na filosofia que o refletiu: o racionalismo e o utilitarismo, rejeitando o passado e a história, ainda que deles extraísse os parâmetros do que se buscava distanciar. Essa modernidade do progresso e da fé no futuro advém da globalização da economia, do declínio dos Estados nacionais, das grandes migrações populacionais, ações que concorrem para a ênfase na transitoriedade e na fragmentação do pensamento, desprovido de uma totalidade de mundo, levando à perda de um senso de significado do processo histórico. Com essa moldura a expressar a consciência de uma época, faremos uso indistinto dos termos *moderno* e *modernidade*, contrapondo-os às bases históricas que proporcionaram o surgimento da tragédia como arte na Antiguidade Clássica (cf. HABERMAS, 1992; BOTTOMORE; OUTHWAITE, 1996).

2 Citamos alguns estudos que reiteram essa apreensão: CANDIDO, Antonio. Euclides da Cunha sociólogo. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 13 dez. 1952. O cinquentenário de *Os Sertões*. a.73, nº 23 802, p. 5.; PROENÇA, M. Cavalcanti. O monstruoso anfiteatro. In: *Estudos literários*. 2. ed. Rio de Janeiro: José Olympio/Brasília: INL, 1974.; VERÍSSIMO, José. *Os sertões* – Campanha de Canudos, por Euclides da Cunha. In.: *Estudos de literatura brasileira: 5ª série*. Belo Horizonte: Itatiaia/São Paulo: EDUSP, 1977.; ARARIPE JÚNIOR, Tristão de Alencar. *Os Sertões*. In: *Teoria, crítica e história literária*. Seleção e apresentação de Alfredo Bosi. Rio de Janeiro: LTC/São Paulo: EDUSP, 1978.; LIMA, Luiz Costa. *O controle do imaginário*: razão e imaginação nos tempos modernos. 2. ed. revista e ampliada. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1989.; BERNUCCI, Leopoldo M. *A imitação dos sentidos*: prógonos, contemporâneos e epígonos de Euclides da Cunha. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1995.; ZILLY, Berthold. A guerra como painel e espetáculo. A história encenada em *Os Sertões*. In: *História. Ciências. Saúde – Manguinhos*. Rio de Janeiro, v. 5, julho, 1998. Suplemento.; BERNUCCI, Leopoldo. Pressupostos historiográficos para uma leitura de *Os Sertões*. In. *Revista USP*, São Paulo, v. 1, n. 54, p. 6-15, jun./ago. 2002.; BOSI, Alfredo. *Literatura e resistência*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.; DECCA, Edgar Salvadori de. Euclides e *Os Sertões*: entre a literatura e a história. In: FERNANDES, Rinaldo de. (Org.) *O clarim e a oração*. Cem anos de *Os Sertões*. São Paulo: Geração Editorial, 2002.; VENTURA, Roberto. Euclides da Cunha no vale da morte. In: *Revista USP*, São Paulo, v. 1, n. 54, p. 16-23, jun./ago. 2002.; _____. *Os Sertões*. São Paulo: Publifolha, 2002.

Referências bibliográficas

BOTTOMORE, Tom; OUTHWAITE, William. *Dicionário do pensamento social do Século XX*. Tradução de Eduardo Francisco Alves e Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996.

COSTA, Iná Camargo. Tragédia no século XX. In: WILLIAMS, Raymond. *Tragédia moderna*. São Paulo: Cosac & Naify, 2002.

COSTA, Lígia Militz da; REMÉDIOS, Maria Luiza Ritzel. *A tragédia*. Estrutura & história. São Paulo: Ática, 1988.

HABERMAS, Jürgen. Modernidade – Um projeto inacabado. In: ARANTES, Otília Beatriz Fiori; ARANTES, Paulo Eduardo. Um ponto cego no projeto estético de Jürgen Habermas. *Arquitetura e dimensão estética depois das vanguardas*. São Paulo: Brasiliense, 1992.

VERNANT, Jean Pierre; VIDAL-NAQUET, Pierre. *Mito e tragédia na Grécia Antiga I e II*. São Paulo: Perspectiva, 1999.

VIEIRA, Trajano. Introdução à Grécia de Jean Pierre Vernant. In: VERNANT, Jean Pierre, VIDAL-NAQUET, Pierre. *Mito e tragédia na Grécia Antiga I e II*. São Paulo: Perspectiva, 1999.

WILLIAMS, Raymond. *Tragédia moderna*. São Paulo: Cosac & Naify, 2002.

SERTÕES DE INFINITAS TRAVESSIAS: UMA LEITURA DO ESPAÇO SERTANEJO EM EUCLIDES E ROSA

CELINA LEAL DOS SANTOS

"A pobre humanidade é frágil, e para os seus juízos despropositados e injustos resta-nos a instância superior da consciência, que realmente absolve ou condena".
(Euclides da Cunha, carta ao cunhado Otaviano – Rio, 12/08/1909)

Sempre se fez urgente atravessar o sertão. Não se pode parar em meio a ele. É preciso cruzá-lo, enfrentá-lo de todas as formas. Vencer o sertão propicia perceber, através da força da Literatura, unida às ciências humanas, a capacidade, inerente a cada ser humano, de lutar contra obstáculos de toda ordem: individuais ou sociais. Euclides da Cunha e Guimarães Rosa convidam o leitor ao enfrentamento de uma linguagem que tem por marca registrada o uso sígnico inusitado nas tramas de *Os Sertões* e *Grande Sertão: Veredas*. O objetivo deste ensaio é mostrar como o sertão converte-se no elemento aglutinante das espacialidades em ambas as narrativas, permitindo o confronto

das obras, sem se perder de vista o hibridismo discursivo da primeira e o alto teor poético da segunda.

No sertão da linguagem

Euclides da Cunha levou quase cinco anos para traçar, do começo ao fim, as linhas de *Os Sertões*. Publicou-os em 1902. Guimarães Rosa partiu do "Nonada" da escrita e concluiu que o que existe é a "Travessia" no signo do infinito. Levou quatro anos para cruzar o caminho e, finalmente, veio à luz *Grande Sertão: Veredas*, em 1956. Alcançaram o feito: legaram-nos as obras-primas.

Algo que intriga, em *Os Sertões*, é o fato de uma das maiores obras-primas da Literatura brasileira e, como se sabe, universal, causar desistências em sua leitura. Se por um lado, alega-se complexidade no vocabulário, formalismos excessivos na linguagem, por outro, há uma legião de leitores apaixonados pela obra. Esses perdoam os excessos dessa linguagem que torna o livro mais instigante.

É preciso envolver-se com o sertão. Ao fim da primeira parte do livro ("A Terra"), o vocabulário, ou mais apropriadamente, o estilo euclidiano se faz patente no uso das palavras, numa sintaxe recheada de vírgulas e, sobretudo, na predileção do autor por determinados vocábulos, repetindo-os ao longo da obra e mesmo em outros textos por ele escritos. Essa linguagem incorpora-se ao leitor e torna-o cúmplice do narrador, ao observar e analisar a Guerra de Canudos de perto.

A predileção pelo uso de adjetivos, como "desnudas", "flexuosos" e suas variantes, a intensidade com que se vale de adjetivos pospostos aos substantivos, como em "planuras desnudas", "rebentos esparsos", "vegetação vigorosa", quando não isola adjetivos como "raras" ou utiliza-os aos pares precedidos pelo substantivo, como em "camadas cretáceas decompostas", faz com que se assista à atenuação da linguagem científica e o fortalecimento da expressividade poética.

Adaptado ao vocabulário e às construções sintáticas, resta um desafio ao leitor: estabelecer um ritmo de leitura. Para ler *Os Sertões* é preciso entrar na cadência que a combinação das palavras nas frases lhe oferece, assim como na música, estabelece-se um ritmo. Na leitura de *Os Sertões* parece que o narrador fala aos ouvidos do leitor, imprimindo o tom de quem observa muito bem o lugar em que se prepara a luta e, depois, acompanha de perto o confronto, o que o leva a não sair ileso no fim da leitura. É como se o desastre a que são submetidos os sertanejos lhe impregnasse a alma e a consciência da injustiça cometida numa das maiores chacinas já registradas na história do Brasil ecoasse, como extensão da dor sentida pelo repórter, engenheiro, escritor, ser humano Euclides da Cunha ao presenciar parte da luta e recriar a outra a que não assistiu.

> Na leitura de Os Sertões parece que o narrador fala aos ouvidos do leitor...

O ritmo primeiro, em "A Terra", é o de quem percorre com o olhar a paisagem do Rio de Janeiro ao norte baiano, aprofundando-se no cenário da luta. Depois, em "O Homem", prepara-nos, enquanto analisa, entre outras conjecturas, a origem racial brasileira e imprime, finalmente, o tom retumbante da guerra, na terceira parte, "A Luta".

Conforme adentrou o campo literário, eximiu-se da crítica de não ser exclusivamente fiel às ciências humanas ao narrar os fatos e libertou-se para criar os efeitos artísticos que, ao final, contribuíram para ressaltar a insanidade do conflito, numa espécie de drama e texto épico.

O campo sempre fértil para novas leituras continua promissor, mesmo com a já vastíssima bibliografia sobre a obra. Basta começar, familiarizar-se ao inconfundível estilo euclidiano, sobretudo ao vocabulário e ritmo, para viajar para o sertão baiano, num tempo fixado pela história e pela ciência e, simultaneamente, pertencente a todos os tempos, na atemporalidade literária.

É preciso enfrentar outro sertão. *Grande Sertão: Veredas* é a saga que traz como surpresa, nas primeiras páginas, o contador de casos, o narrador-personagem Riobaldo que, embora seja criação literária, também presenciou os fatos, ao modo do narrador de "Os Sertões", o que confere credibilidade ao narrado ficcionalmente. O leitor de primeira viagem depara com o enfrentamento de adaptação ao vocabulário: tem de se acostumar aos arcaísmos, aos inúmeros neologismos que se transformam na palavra ideal para exprimir o até então inenarrável.

As primeiras páginas tornam-se fundamentais, ainda, para o estabelecimento rítmico da leitura. Aqui, a cadência flui em construções singulares que se casam com a polifonia de quem Riobaldo se faz porta-voz. Não é por acaso que o romance se abre com um travessão, a indicar o início da prosa.

Assim, em Euclides e Rosa uma das primeiras aproximações é a da necessidade de o Leitor enfrentar a lin-

guagem, de adaptar-se, não só ao vocabulário, mas à constante utilização de recursos linguísticos estabelecedores de um ritmo de leitura construídos minuciosamente pelos autores de ambas as obras. Vencidos os tropeços iniciais, a leitura flui, revelando poeticidade e encanto.

Willi Bolle: Rosa leitor de Euclides

Willi Bolle afirma que é possível considerar *Grande Sertão: Veredas* uma releitura de *Os Sertões* porque, mais do que o retrato individual de Riobaldo, retrata a sociedade brasileira, é o "romance de formação do Brasil". Reconhece, com Antonio Candido, que as analogias excessivas devem ser vistas com reservas, pois Rosa pode explorar a liberdade criadora de modo que Euclides não a pode exercer.

Bolle reconhece que, ao lidar com a cartografia, a autonomia de Euclides é bem menor que a de Rosa. Além disso, Bolle (2004: 29) afirma que o discurso euclidiano:

> eclipsa os que "respiram" no sertão. A estirpe dos sertanejos continua viva, mas quem iria dali em diante resgatar "seu código e currículo, sua humanidade?" É precisamente isso que Guimarães Rosa se propôs como projeto e, nesse sentido, podemos considerar sua obra uma reescrita crítica de *Os Sertões*.

Em *Os Sertões*, a vida do sertanejo apresenta-se cheia de cor em episódios como "A Vaquejada", em que o vaqueiro abandona a pacatez e a apatia e transforma-se num valente, no encalço do gado, e dele cuida até o final do dia, quando "pelos ermos ecoam melancolicamente as notas do aboiado..." (p. 223), todavia, com a chegada da seca, a sua vida fica ofuscada. O pesadelo dura cerca de três meses ou estende-se por um tempo que parece eterno. A morte maciça ronda o espaço. A guerra vem antecipá-la até sucumbir...: Canudos "caiu no dia 5 [de outubro] ao entardecer, quando caíram os seus últimos defensores, que todos morreram. Eram quatro apenas: um velho, dois homens feitos e uma criança, na frente dos quais rugiam raivosamente cinco mil soldados." (p. 778)

Em *Grande Sertão: Veredas*, na luta do bem contra o mal, a morte deixa marcas profundas. O grande líder jagunço, Joca Ramiro morre; outros jagunços, também. Por fim, Hermógenes, a representação do mal, o matador de Joca Ramiro, luta contra Deadorina (filha do grande líder, disfarçada no curso da narrativa como o jagunço Diadorim). Hermógenes morre, porém mata Diadorim. Há uma fala: "'– Mortos muitos?' '– Demais...'" (p. 529). Riobaldo, o menino Guirigó, o cego e outros sobreviveram. Mesmo Zé Bebelo, Otacília, o compadre Quelemém continuam vivos no final do romance, seguem suas sinas...

Nas duas narrativas, as lideranças sertanejas não se firmam dentro das normas reguladoras do poder político instituído. Antônio Conselheiro lidera o povo que crê em suas prédicas, em suas promessas de uma vida digna na Terra e, sobretudo, no céu. Joca Ramiro, Medeiro Vaz, Zé Bebelo e o próprio Riobaldo Tatarana ou Urutu Branco se firmam como líderes jagunços que tentam manter a ordem e a justiça no sertão mineiro.

"O certão virará Praia e a Praia virará certão"

Antônio Conselheiro profetizou o fenômeno: "... Em 1894 há de vir rebanhos mil correndo do centro da Praia para o certão; então o certão virará Praia e a Praia virará certão" (p. 277). A profecia não se realizou, porém Euclides sabia das pesquisas de Liais e Hartt, que sustentavam haver o sertão baiano se formado no fundo de um mar extinto, conforme nos lembra o saudoso biógrafo euclidiano Roberto Ventura (2002: 94). Um dos sinônimos possíveis para o sertão é "quase um deserto".

Embora o sertão não tivesse se transformado em mar, construiu-se, no lugar onde ficava a antiga Canudos, o açude de Cocorobó, em 1968, 15 anos depois da promessa feita por Getúlio Vargas, quando visitou Canudos em 1945. O açude trouxe vida à região e encobriu o cenário histórico da dizimação popular, entretanto quando as águas abaixam, como ocorreu em 1999, as ruínas emergem, como a lembrar que tal vergonha histórica jamais ficará esquecida. Sobre o açude, há um artigo da revista *Educação* (2002) editada quando da comemoração do centenário de *Os Sertões*, que vale ser lido.

Qual a origem do termo *sertão*? Walnice Nogueira Galvão (2002: 16) apoiada, por sua vez nas pesquisas de Gustavo Barroso, lembra-nos que "o vocábulo se escrevia mais frequentemente com **c** (certam e certão)". Segundo

Em Os Sertões, a vida do sertanejo apresenta-se cheia de cor...

O rio São Francisco, de importância capital na vida do homem do sertão, está nas narrativas das obras *Os Sertões* e *Grande Sertão: Veredas*.

ela, a etimologia correta é *muceltão* e sua corruptela *certão*, encontra-se "no *Dicionário da língua bunda de Angola*, de frei Bernardo Maria de Carnetim (1804)... um lugar que fica no centro ou no meio das terras", "mato" e, mais tarde, "mato longe da costa".

Embora o sentido original haja se modificado, ainda permanece a lembrança de ser uma terra longe da costa. Euclides utiliza com frequência o adjetivo *ignoto*, como em "terra ignota" em que se queixa de que àquela época a região sertaneja ainda não fora estudada em detalhes. Em pleno sertão havia os vilarejos, como Maçacará, Cumbe (atual Euclides da Cunha) e Bom Conselho (atual município Cícero Dantas), e a cidade de Monte Santo.

O sertão implica juízo valorativo, muitas vezes negativo. Aparece como lugar distante do progresso e que precisa ser modificado. Segundo Antonio Carlos Robert Moraes (2002: 368), "o sertão é uma figura do imaginário da conquista territorial", ou seja, há sempre um projeto para transformá-lo. O sertão "é uma condição atribuída a variados e diferenciados lugares" (p. 361). Dessa forma, o sertão se torna aquilo que denomina de "realidade simbólica" ou "ideologia geográfica". Por não representar a materialidade, Moraes admite que cabe aqui a polêmica definição rosiana (p. 1): "o sertão está em toda a parte". Em *Os Sertões*, o sertanejo canudense é tratado, erroneamente, como sinal do atraso.

Há em *Grande Sertão: Veredas* o constante elogio do narrador-personagem Riobaldo à cidade, àquela que, geralmente, não fica em terra longínqua da costa, uma vez que seu interlocutor provinha da cidade e era, portanto, dono da "suma doutoração". Se, por um lado, encontramos nela um lugar privilegiado para a transmissão de conhecimentos, como afirma Milton Santos (1988: 53), por outro, o discurso de Riobaldo pode indicar certa ironia em relação ao espaço citadino, conforme Willc Bolle. Isso serve para a cidade grande e não para as que se assemelham a vilarejos, como era o caso de Curvelo e Curralinho, por exemplo.

No sertão encontram-se as veredas. Com o significado de "trilha ou caminho", apresentam similitude nas duas obras. Aparecem diversas vezes, porém com o sentido apontado por Nilce Sant'Anna Martins (2001: 520-521), como "vales de chão argiloso ou turfo-argiloso, onde aflora a água absorvida", semelhantes aos oásis em meio ao deserto, aparecem apenas em *Grande Sertão: Veredas*.

Se no romance rosiano as veredas indicam oásis, em *Os Sertões* os referidos oásis são representados pelas ipueiras, assim definidas pelo narrador: "Estas lagoas mortas, segundo a bela etimologia indígena, demarcam obrigatória escala ao caminhante" (p. 85).

O rio São Francisco e outros rios

A água é uma questão crucial quando se trata do espaço sertanejo. O rio São Francisco cruza as duas narrativas de ponta a ponta, assim como cruza a vida do homem do sertão. No dia a dia, é conhecido por vários nomes, entre os quais rio dos Currais e Velho Chico. Euclides, com sua postura séria, cientificista, chama-o formalmente de "S. Francisco". Guimarães nomeia o rio com a intimidade peculiar do sertanejo pela natureza à qual se integra: chama-o o "do Chico".

"O grande rio", expressão citada por Euclides, nasce em Minas Gerais, corta a Bahia e passa por Pernambuco, Sergipe e Alagoas. Na Bahia, em pleno sertão, seus afluentes são, em geral, rios temporários. Por ser um rio de planalto, não é apropriado à navegação em todos os seus trechos. Entre as cidades de Pirapora, em Minas Gerais e Juazeiro, na Bahia encontra-se o maior trecho navegável.

Na escritura de *Os Sertões*, o São Francisco aparece com os dados que a geografia da época oferece. Trata-se do rio conhecido, popularmente, como da integração ou da unidade nacional. Rio significa vida.

Entre os rios efêmeros, como o Mucuim (na fala do povo, Micuim), o

Umburanas (ou Imburanas), o Cariacá, o Itapicuru, o da "Providência", o Sargento e o Vaza-Barris, destaca-se o último, porque compõe diretamente o cenário da guerra.

Às margens do rio São Francisco, em *Grande Sertão: Veredas*, Riobaldo encontra Diadorim pela primeira vez. Os adolescentes cruzam o rio: Diadorim convence Riobaldo a fazê-lo e o enfrentamento do medo constitui, como nas tribos primitivas, o rito iniciático na vida do rapaz. O do Chico não é aqui o rio unificador. É quem divide, assusta por sua grandeza; a travessia se faz difícil não só por ser rio de planalto, mas pela imposição do desafio de se enfrentar o novo, de romper a inquietação causada pelo temor.

Os rios menores aparecem também na narrativa. Segundo Alan Viggiano (1974: 43), os rios que compõem a geografia local são também constantes. São eles: "o Urucuia, Preto, Pardo, Cocha, Paracatu, de Janeiro, Acari, São Domingos, Borá, Araçuaí, Verde Grande, Verde Pequeno, Canabrava, do Sono, Soninho, Água Branca, Pacu, das Velhas, Jequitaí, Cansanção, São José Preto, Cariranha, São Marcos e Abaeté". A importância deles, ainda segundo Viggiano, é servirem de rota para os jagunços, cujas andanças pelas cidades eram evitadas, por serem perigosas.

Os rios influenciam Riobaldo, sobretudo o Urucuia: "Meu rio de amor é o Urucuia" (p. 59), diz ele. O rio Urucuia opõe-se ao sertão existencial, porque é sempre o lugar onde encontra a paz. A personagem carrega em seu próprio nome o enredamento do rio: rio + baldo [curso d'água + represado], conforme o dicionário de Aurélio Buarque de Holanda Ferreira.

Logo, outro ponto de aproximação entre as duas narrativas é o rio São Francisco e a importância dada aos rios menores, entre os quais os mais importantes na composição do cenário são o Vaza-Barris, em *Os Sertões*, e o Urucuia, em *Grande Sertão: Veredas*.

As águas barrentas indicam, em ambas as narrativas, mais do que a estiagem. São sinônimo de tempos difíceis, simbolizam os percalços que as personagens terão de enfrentar.

Espaços sertanejos: do natural ao construído

Quando se tomam os dados espaciais observa-se que, para o sertanejo, conforme se avança para o norte do Estado intensificam-se as dificuldades. Dessa forma, em *Grande Sertão: Veredas* era necessário atravessar, alegoricamente, as regiões inóspitas, vencer o Liso do Suçuarão, para se chegar à casa do inimigo, de Hermógenes, no sul da Bahia. Em *Os Sertões*, o sul não oferece dificuldades ao homem; o problema se localiza mais ao norte, na região de Monte Santo e adjacências. Nos dois textos, existe a necessidade imperiosa da travessia, que ultrapassa o campo da denotação e atinge o simbólico.

O narrador de *Os Sertões* chama os campos gerais de "paragem formosíssima", "um desdobramento ou antes um prolongamento" de Minas Gerais (p. 78), entretanto não se atém a eles. Interessa-lhe a vegetação do semi-árido, as caatingas.

Na narrativa de *Grande Sertão: Veredas*, os campos gerais, chamados "Os Gerais" aparecem sempre com letras maiúsculas, a indicar seu valor maior, simbólico.

No sertão, a vegetação é ímpar; nele habitam as árvores sagradas. A presença delas também é destaque em ambas as narrativas. Na Bahia encontra-se o umbuzeiro; em Minas Gerais, o buriti.

No sertão... habitam as árvores sagradas.

O umbuzeiro ou imbuzeiro é originário dos chapadões semi-áridos do Nordeste brasileiro. Pela sua importância, foi chamado, por Euclides da Cunha, de "árvore sagrada do sertão".

Substituem o maná bíblico que garante a continuidade da vida no deserto, no caminho para Canaã.

Em *Os Sertões*, personificada, a caatinga aparece como "Sócia fiel das rápidas horas felizes e longos dias amargos dos vaqueiros. Representa o mais frisante exemplo de adaptação da flora sertaneja" (p. 128). Toda a vegetação sertaneja, na qual se inclui o umbuzeiro, adquire, sob a pena euclidiana, um colorido que, segundo Bernucci (1995: 107), "assinala a supremacia do processo sobre o objeto, é de vital importância para a compreensão de seu metatexto". Essa é a forma como são descritos o ouricuzeiro, o mandacaru, o gravatá, o caroá, a quixabeira e tantos outros.

Em *terra brasilis*, no cerrado, surge o buriti de que o médico Guimarães Rosa certamente reconhecia as propriedades nutritivas, fundamentais para a alimentação do povo, e o poeta Guimarães Rosa faz ressurgir, na voz do narrador, como elemento sagrado. Valorizado, alcança a dimensão que nos dá Bachelard (1993: 191) ao lembrar que da imensidão interior se extrai o "verdadeiro significado a certas expressões referentes ao mundo que vemos".

A imagem do buriti sempre acompanhou Rosa. Falando dos buritis, termina o seu discurso de posse na Academia Brasileira de Letras (Rosa, 1999: 513), em 16 de novembro de 1967. Sem saber, despede-se dos buritis e dos gerais, pois falece no dia 19 seguinte: "Mais eu murmure e diga, ante macios morros e fortes gerais estrelas, verde e mugibundo buriti, buriti, e a sempre-viva-dos-gerais que miúdo viça e enfeita: O mundo é mágico. [...]".

O descritivismo euclidiano para cada espécie vegetal não se repete em Rosa. O umbuzeiro, o ouricurizeiro, o pequizeiro entram como parte dos gerais. Já os componentes da caatinga são pormenorizados.

Há nomes de lugares que se repetem em ambas as narrativas. Cansanção, por exemplo, é um vilarejo real em *Os Sertões*: "um parêntese feliz naquele desolamento" (p. 684); em *Grande Sertão: Veredas* é um lugar ficcional: "Cansanção-Velho" simboliza, segundo Davi Arrigucci Jr. (1994: 8), o "cansaço e incômodo" de Riobaldo ao passar por aquele trecho, após a luta contra os bebelos. O crítico observa que esse termo se refere também a uma espécie de urtiga e várias outras plantas. Designa, ainda, um riacho.

Nos caminhos do sertão, destaca-se o gado. Muitas personagens envolvidas na trama de *Os Sertões* são parte de um coletivo tipicamente naturalista e os animais sofrem tratamento similar. Ao gado que aparece em episódios como o da Vaquejada é concedido um dos mais belos tratamentos poéticos de toda a narrativa. Augusto de Campos (1997: 17) estudou tal excerto e dele afirma tratar-se de "uma das melhores criações do verso alexandrino". O gado também é tratado indistintamente em *Grande Sertão:Veredas*. No código ético dos jagunços que acompanhavam Riobaldo, era possível matar somente o necessário para a sobrevivência.

O hábito de anotar em caderneta de viagem aquilo que o povo lhe dizia era uma marca de Euclides da Cunha, evidente necessidade do repórter. Seu contemporâneo, Guimarães Rosa soube, como ninguém, ouvir as expressões dos sertanejos, cuja sabedoria lhe inspiraram personificações, metáforas ou simples comparações entre seres humanos e animais ou seres da mesma espécie. Anotou tudo em sua caderneta, necessidade do viajante; usou e recriou em *Grande Sertão: Veredas* expressões que vão de cobras a borboletas, contribuindo para fazer o leitor imergir no mundo sertanejo ficcional.

As fazendas e taperas, duas construções típicas do interior, repetem-se nos sertões mineiro e baiano e, assim, não poderiam faltar às duas narrativas.

As fazendas, enquanto lugar de trabalho, aparecem nas duas obras. Em *Os Sertões* encontram-se desde a fazenda histórica do Sobrado à do Caldeirão. O que surge mais na narrativa são as fazendas abandonadas, contrastando com o progresso de outras. As influências do meio são apontadas como causa do abandono, no entanto a crise político-econômica não é explorada na narração.

Já em *Grande Sertão: Veredas*, as duas fazendas transmissoras de maior segurança e bem-estar a Riobaldo são a São Gregório e Santa Catarina. Na primeira habitava o padrinho-pai do narrador, enquanto na segunda habitava a noiva Otacília. A importância, portanto, mistura-se à alteridade ali presente. O outro que transmite segurança faz disso um reflexo na habitação. Há fazendas em que a tensão cresce de acordo com os conflitos, tal como na Fazenda dos Tucanos.

Osman Lins (1979: 76) afirma que há casos em que "o espaço justifica-se exatamente pela atmosfera que

...Guimarães Rosa soube... ouvir as expressões dos sertanejos...

provoca". Assim, o espaço arruinado, gerador da atmosfera de desolação, encontra-se nas duas narrativas.

As taperas de Canudos estendiam-se como se formassem uma construção única. Segundo Euclides, tratavam-se de 5.200 casebres, todos destruídos na guerra.

No sertão mineiro, por sua vez, encontram-se as taperas esparsas, perdidas no grande espaço campestre. No entanto, no povoado imaginário de Sucriuiú repete-se a representação simbólica das choupanas agrupadas onde campeia a febre, a peste. A miséria irmana Canudos e Sucriuiú.

Uma rua merece destaque em *Os Sertões:* a de Monte Alegre, onde havia as casas de telhados vermelhos, habitadas pelos "assessores" do Conselheiro, os líderes canudenses; era a única que realmente tinha condições de receber o nome de rua. Em *Grande Sertão: Veredas*, a rua localizada no Paredão, lugar da luta de Diadorim com Hermógenes, é inominada. Ambas simbolizam o local onde age o destino.

Sertão: do vazio à rede espacial

Por vezes o sertão significa o vazio espacial, a não-espacialidade e a inexistência de personagens. O vazio espacial é notado em *Os Sertões*, em expressões como "... Era o vácuo" (p. 735) e em *Grande Sertão: Veredas*: "Não tem onde se acostumar os olhos, toda firmeza se dissolve" (p. 275). A inexistência de personagens, de seres humanos, é encontrada, na primeira narrativa, em "Os binóculos, entretanto, percorriam inutilmente as encostas desertas" (p. 391) e, na segunda, em relação ao Valado: "Por onde andaria o dono?" (p. 349), com referência à casa abandonada, situação comum no meio ao sertanejo.

O sertão é a grande rede que une todos os espaços, que atua sobre personagens e absorve o enredo. Na trama da vida, o sertão influencia no resultado das lutas exteriores e interiores.

> ...o sertão significa o vazio espacial... e a inexistência de personagens.

A Guerra de Canudos se inicia em novembro de 1896 e estende-se até outubro de 1897. O sertão baiano, espaço da luta, na narrativa euclidiana, passa a atuar como personagem. Em geral, coloca-se ao lado de seus "conterrâneos". Os sertanejos, afeitos às agruras do clima e habituados a viver em meio à caatinga, tinham-no como aliado. Só em último caso, na estiagem mais cruenta, o sertão expulsa seus filhos, como forma única de sobreviverem. Nas três primeiras expedições, os sertanejos resistiram. Recordemos: a luta começa devagar, quando a madeira comprada pelos conselheiristas, em Juazeiro, não lhes é entregue, e avança conforme as expedições do exército crescem em número de soldados e tentativas de por termo à contenda, desde que a vitória seja do exército. Na primeira expedição são cerca de 120 soldados, comandados pelo tenente Pires Ferreira; na segunda, cerca de 200, liderados pelo major Febrônio de Brito; na terceira, cerca de 1.300, além de seis canhões Krupp e, finalmente, a quarta e arrasadora expedição conta com uma média de 10 a 12 mil combatentes, procedentes de todo o Brasil. Tudo isso vem narrado, pormenorizadamente, na terceira parte de *Os Sertões*, "A Luta". A narrativa mostra como o sertão atua sobre as personagens física e emocionalmente. Confrontem-se as citações: "[...] os forasteiros, ao atingirem o âmago daquele sertão, raro voltavam" (p. 187); "[...] E quando o sertão estua nos bochorros dos estios longos não é difícil prever a quem cabe a vitória (p. 361); Ali estava – defronte – o sertão..." (p. 378); "O sertão é o homizio" (p. 735). O sertão também é poesia: "Por cima – toldada a manhã luminosa dos sertões – uma rede vibrante de parábolas..." (p. 759).

Também, em *Grande Sertão: Veredas*, tudo e todos são envolvidos pelo sertão. Na luta do bem contra o mal, de Riobaldo e seus jagunços contra os hermógenes, o sertão rosiano se apresenta com múltiplos significados. José Carlos Garbuglio (1972: 94) afirma que "a ideia de sertão se converte numa imagem interiorizada e ganha em subjetividade dimensões ilimitadas". As "Veredas Tortas" ou "Veredas Mortas" representam o lugar onde forças antagônicas se debatem; representam o interior do ser humano. Riobaldo, mais tarde, descobre que o nome do lugar é, na verdade, "Veredas Altas". Lá, tentou fazer o pacto com o diabo. Ficou a dúvida de haver ou não conseguido.

Sertão é sinônimo de deserto. Somente na segunda tentativa Riobaldo consegue atravessar o Liso do Suçuarão. Para tanto, acreditava no pacto que, talvez, fizera com o maligno, julgava que tudo podia. Conseguiu atravessar o lugar inabitável, o deserto. Por fim, crê que o mal existe dentro do homem. O sertão não é mais regional; passa a ser universal, plurissignificativo.

O discurso, em *Grande Sertão: Veredas* flui como as águas de um rio, num fluxo contínuo, como nos lembra Davi Arrigucci Júnior. Num processo artesanal, mistura-se à oralidade e a outros discursos que se entremeiam. Em *Os Sertões* mescla-se o discurso científico,

jornalístico, geológico, científico, histórico, sociológico. Em ambos, vem à tona o discurso poético.

Com a seca, o espaço sertanejo desmaia. É relevante a importância espacial na construção da Guerra de Canudos. Constrói-se o arraial sob a liderança de Antônio Conselheiro; ergue-se a igreja nova. A luta avança. Morrem os canudenses, morre o próprio conselheiro, morre o arraial e a própria natureza transmuta-se. O Vaza-Barris e as cacimbas secam.

Da luta contra o inimigo, Riobaldo, por sua vez, em *Grande Sertão: Veredas,* sai "chamuscado". Perdera Diadorim, o companheiro de andanças pelo sertão. No fundo, perdera o grande amor que o atormentou durante toda a narrativa. Se soubesse que Diadorim era, na verdade, mulher, não teria sofrido tanto. Ela era "coisa e máscara" (p. 530). Afinal, como podia um jagunço, fruto de uma sociedade patriarcal, machista encantar-se por outro homem? Por fim, reconstrói sua vida ao lado de Otacília. Abandona a jagunçagem, recebe como herança do pai as fazendas e acomoda-se de suas andanças à moda dos cavaleiros dos romances medievais. Está ciente de que os "sertanejos são tão sofridos. Jagunço é homem meio desistido por si..." (p. 40). O interlocutor tem de tirar suas próprias conclusões. A Vida prossegue.

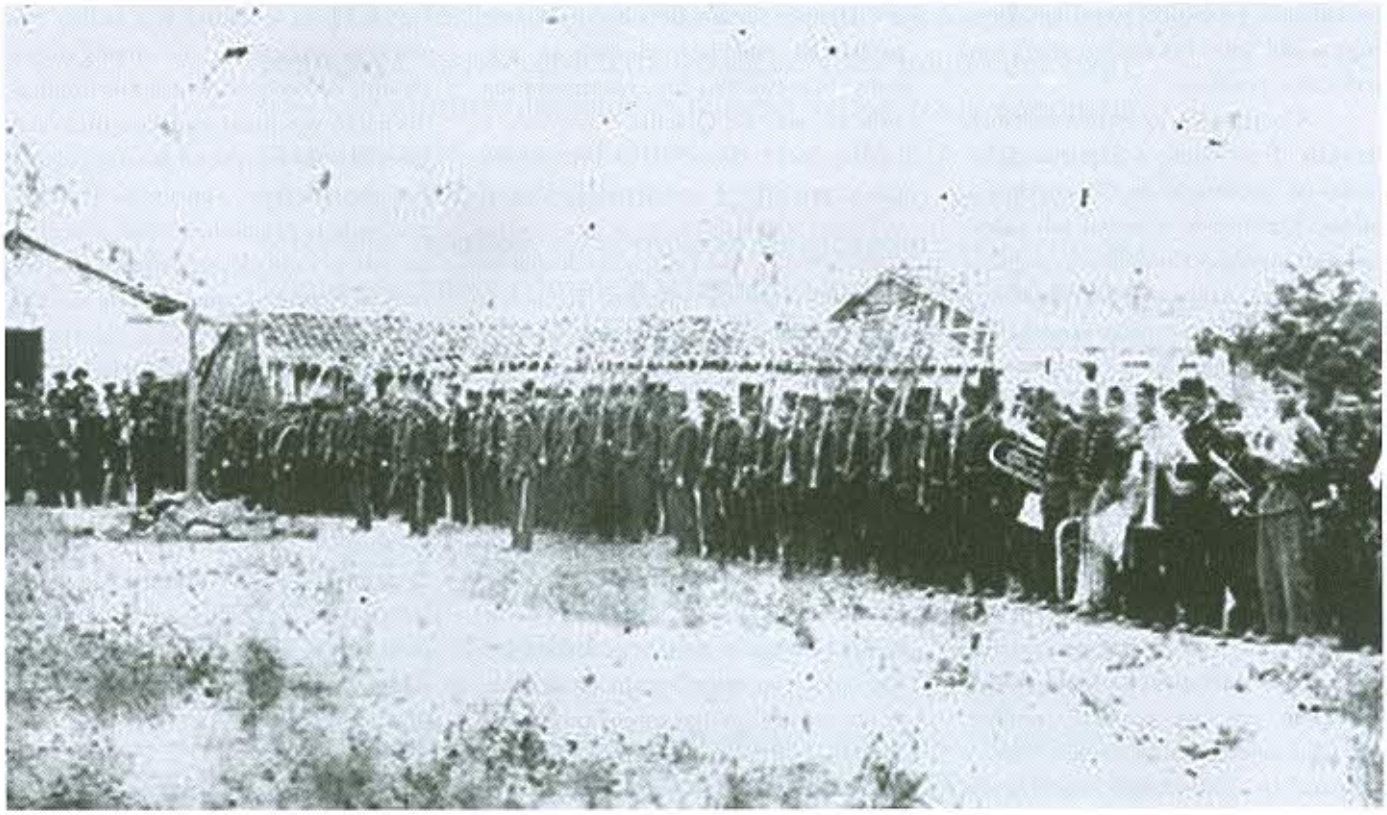
Euclides, como sempre, fiel e radical em sua crença na prática da justiça, obedeceu à sua consciência e contou, na voz de um narrador que com ele próprio se confunde, uma versão da guerra diferente da divulgada nos jornais da época. Rosa construiu o sertão, o mundo de Riobaldo e, ao mesmo tempo, a alegoria de um mundo em que opressores e oprimidos se enfrentam e a história do Brasil é recontada de um modo distinto.

Finda a leitura e a análise das obras, a sensação de que saímos empoeirados da terra sertaneja nos domina. Tornamo-nos meio jagunços, meio sertanejos; somos parte do povo brasileiro. Se, por um lado, vencemos desertos, por outro, precisamos que o sertão, em sua sacralidade, seja respeitado pela imensa riqueza de quem habita tais plagas. O sertão tem de ser valorizado. Como nos lembra Rosa: "Sertão foi feito é para ser sempre assim: alegrias!" (p. 443).Enfim, na palavra, no ritmo, na polifonia clamada ou sussurrante e na multiplicidade de espaços, tempos e personagens tão humanizadas, prevalece a infinitude do sertão. Os estudos sobre ele se desdobram e se multiplicam. Sempre há mais a dizer, porém o inigualável é SER TÃO SOMENTE EUCLIDES E ROSA... (cc)

Celina Leal dos Santos é Mestra em Literatura e Crítica Literária pela PUC-SP.

Referências bibliográficas

ARRIGUCCI JR., Davi. O mundo misturado: romance e experiência em Guimarães Rosa. *Novos Estudos*, CEBRAP, nº 40, p. 7-29, nov. 1994.
BACHELARD, Gaston. *A poética do espaço*. São Paulo: Martins Fontes, 1993.
BERNUCCI, Leopoldo M. *A imitação dos sentidos*: Prólogos, contemporâneos e epígonos de Euclides da Cunha. São Paulo: EDUSP, 1995.
BOLLE, Willi. *Grandesertão. Br.* O romance de formação do Brasil. São Paulo: Livraria Duas Cidades, 2004.
CAMPOS, Augusto e Haroldo de. *Os sertões dos campos* - duas vezes Euclides. Rio de Janeiro: Livraria Sette Letras, 1997.
CANDIDO, Antonio. "Euclides da Cunha, sociólogo." *In: Textos de intervenção*. São Paulo: Duas Cidades; Ed. 34, 2002.
COUTINHO, Eduardo F. (Org.) *Guimarães Rosa*. 2.ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1991.
CUNHA, Euclides da. *Os Sertões*. São Paulo: Ateliê Editorial / Imprensa Oficial do Estado , 2002.
DIMAS, Antonio. *Espaço e romance*. 2.ed. São Paulo: Ática, 1987.
FANTINI, Marli (Org.) *A poética migrante de Guimarães Rosa*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.
FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo dicionário Aurélio*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, [ca.1979].
GALVÃO, Walnice Nogueira. *Euclidiana*. Ensaios sobre Euclides da Cunha. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
_____. *Euclidianos e Conselheiristas*. São Paulo: Editora Terceiro Nome, 2009.
_____. *O império do Belo Monte*: Vida e morte de Canudos. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2002.
_____ & GALOTTI, Oswaldo. *Correspondência de Euclides da Cunha*. São Paulo: EDUSP, 1997.
GARBUGLIO, José Carlos. *O mundo movente de Guimarães Rosa*. São Paulo: Ática, 1972.
GOMES, Ginia Maria. *Euclides da Cunha*: literatura e história. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2005.
LINS, Osman. *Lima Barreto e o espaço romanesco*. São Paulo: Ática, 1976.
MARTINS, Nilce Sant' Anna. *O léxico de Guimarães Rosa*. São Paulo: FAPESP / EDUSP, 2001.
MORAES, Antonio Carlos Robert. "O sertão: um 'outro' geográfico". *In: Cadernos de Literatura Brasileira*: Euclides da Cunha. São Paulo: Instituto Moreira Salles, 2002.
ROSA, João Guimarães. *Grande sertão: veredas*. 36. ed., São Paulo: Nova Fronteira, 1988.
ROSA, Vilma Guimarães. *Relembramentos*: João Guimarães Rosa, meu pai. 2.ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.
SANTOS, Milton. *Metamorfoses do espaço habitado*. São Paulo: Hucitec, 1988.
ZACHARIAS, Manif. *A lexicologia de Os Sertões*. O vocabulário de Euclides da Cunha. Florianópolis: Garapuvu, 2001.
VENTURA, Roberto. *Os sertões*. São Paulo: Publifolha, 2002.
VIGGIANO, Alan. *Itinerário de Riobaldo Tatarana*. Belo Horizonte: Comunicação; Brasília: INL, 1974.



A história que entrou para a História[1]

RACHEL APARECIDA BUENO DA SILVA

Ao transcorrerem cem anos da morte do escritor Euclides da Cunha muitas indagações e especulações surgem a seu respeito.

Infelizmente pouca atenção é dispensada ao autor de trabalhos considerados por muitos como inaugural da Sociologia Brasileira. Reflexão e novos estudos sobre o legado deixado à cultura brasileira quase não aparecem, com poucas exceções de algumas iniciativas institucionais, ou de estudiosos e entusiastas.

O mercado editorial não dispensou a atenção esperada, com a justificativa da complexidade dos textos, do desinteresse dos leitores, ou apoiando-se no fato de Euclides defender algumas teses científicas ultrapassadas, principalmente as que tratam das questões raciais.

Deixando de lado essas observações, outra tem causado grande incômodo ao longo desses anos: o trágico desaparecimento do escritor.

Euclides da Cunha, autor de *Os Sertões*, foi morto naquilo que teria sido supostamente um duelo com um cadete do exército, Dilermando Cândido de Assis, amante de sua esposa.

As condições em que ocorreu tal crime, passados 100 anos, ainda são alvos de discussões, aumentada sua importância com o desaparecimento dos autos do processo judicial, que se encontrava sob a guarda do Arquivo Nacional, sobre a morte de Euclides da Cunha Filho, que anos depois ao tentar vingar a morte de seu pai encontra o mesmo destino, dado também por Dilermando de Assis.

Euclides da Cunha casou-se com Ana Ribeiro quando ambos ainda eram jovens, ele às vésperas de completar 24 anos e ela com 17 anos. O chefe da família dividia seu tempo tentando ganhar o sustento da família e com estudos dedicados principalmente a conhecer o Brasil.

Ana da Cunha apresentou-se desde cedo uma mulher dedicada à casa, aos filhos e ao marido, porém sempre desejando mais atenção de Euclides, que tinha grande preocupação com os problemas nacionais e com a consolidação do projeto de construção da nação republicana.

Em 1905, Euclides, incumbido pelo Itamarati, viajou para a região amazônica, como chefe da comissão de reconhecimento do Alto Purus, lá permanecendo por aproximadamente dois anos.

Nesse período, Ana da Cunha, com 34 anos, conheceu Dilermando de Assis, cadete do exército, com 17 anos, sobrinho de uma conhecida sua e que se tornou amigo de seus filhos, que tinham quase a mesma idade.

O estreitamento dos laços de amizade entre a família Cunha e Dilermando e a forte atração que Ana e Dilermando sentiam levou-os a se tornaram amantes. Com o propósito de terem mais liberdade e a justificativa de fazer companhia a Ana e seus filhos, e com a amizade que crescia entre os jovens, Dilermando mudou-se para a casa de Ana, permanecendo lá como hóspede, até mesmo após o retorno de Euclides da missão diplomática.

Com a volta de Euclides ao Rio de Janeiro, pouco tempo depois Dilermando mudou-se para uma casa junto de seu irmão Dinorah de Assis, no bairro da Piedade. Em seguida, Euclides descobriu que sua esposa Ana estava grávida de aproximadamente três meses.

O casamento arrastou-se por algum tempo, até que Ana resolveu deixar a casa do marido e, junto com os filhos, buscou abrigo na casa de sua mãe.

Tratando-se de uma família católica, cujo patriarca tinha sido um respeitado oficial do exército, o General Sólon, a mãe de Ana não permitiu que a filha ficasse lá com os netos e, sem ter para onde ir, ela foi passar a noite na casa dos irmãos Dilermando e Dinorah.

O marido, ao saber disso e com a influência das tias de Dilermando, que já não gozavam do mesmo prestígio e atenção de Ana, foi à casa de Dilermando, armado com um revólver, buscar a esposa e os filhos, apresentando-se com a frase: "Vim para matar ou morrer".

Ao tentar disparar contra o cadete, foi acertado mortalmente com um tiro, disparado pelo jovem amante de sua esposa, que era campeão dessa modalidade no exército.

O crime chocou a sociedade, dadas as circunstâncias em que toda a história se desenrolou e por ser a vítima um escritor consagrado e um intelectual que prestou inúmeros e valiosos serviços à nação.

O envio de cartas anônimas denunciando o adultério, a declaração do endereço dos irmãos Assis a Euclides feita pelas tias de Dilermando, o empréstimo de um revólver feito por um vizinho... com tudo isso: "Pode-se considerar que a sociedade da época colaborou intencionalmente com a tragédia" (ELUF, 2009, p. 17).

Dilermando foi preso, julgado e absolvido, sendo o crime caracterizado de legítima defesa; porém a sociedade não aceitou com tranquilidade essa decisão.

O crime chocou a sociedade, dadas as circunstâncias...

Ana casou-se com Dilermando, com quem teve vários filhos, separando-se anos mais tarde para que ele ficasse com outra mulher.

A análise pretendida neste texto diz respeito ao comportamento e à forma enfurecida com que a sociedade brasileira do início do século XX tem frente a uma morte envolvendo o chamado crime de adultério e como essa sociedade se aproveita disso para exercer o controle sobre os comportamentos, principalmente das mulheres. Tais observações não se embasam em dados científicos; trata-se apenas de uma sugestão para pesquisa.

Intelectuais e estudiosos da obra de Euclides apontam, anos a fio, durante as Semanas Euclidianas, a importância de estudar e conhecer a obra euclidiana, principalmente *Os Sertões*, tendo como finalidade "evitar que outras Canudos se repitam".

O mesmo enfoque é dado aos estudos sobre o nazismo: fazer com que o mundo conheça e não se esqueça do que aconteceu nos campos de concentração, para que tais eventos não voltem a acontecer.

O acesso à trágica história desse triângulo amoroso e seus desdobramentos

Tiroteiro entre Euclides da Cunha e Dilermando. Ilustração publicada na revista *O Malho*. Doze anos após o massacre de Canudos, Euclides teve um fim trágico.

deve ter por finalidade não as fofocas de alcova, mas sim entender a sociedade da época e seus artifícios para manter o controle sobre seus membros.

Euclides era um intelectual tão respeitado e amado a ponto de a ira da sociedade contra Ana e Dilermando atravessar o século XX?

Por que as promoções de Dilermando, na carreira militar, demoravam tanto a sair?

E os filhos desse casal por que eram tão discriminados?

Dessas perguntas, a primeira talvez tenha uma resposta mais acessível e através dela se encontrem as respostas para as outras.

Euclides da Cunha, ao morrer, já era um autor de sucesso, seu livro *Os Sertões* já tinha quase sete anos de publicação e inúmeras edições, mas nem por isso sua vida era tranquila, no que diz respeito à segurança de um trabalho. Desde 1892, já aparece, em carta ao advogado paulista Reinaldo Porchat, uma preocupação nesse sentido.

> Soube aqui que se acha em plena organização a Escola de Engenharia daí. Imediatamente lembrei-me de uma aspiração antiga: abandonar uma farda demasiadamente pesada para os meus ombros e passar a vida numa função mais tranquila e mais fecunda e nobilitadora. Oferece-se-me este ensejo agora. Lembrei-me que forçosamente haverá nessa Escola a cadeira de Astronomia, ciência à qual me tenho aplicado muitíssimo ultimamente, frequentando o Observatório Astronômico (CUNHA, 1997, p. 31).

O engenheiro Euclides pediu ainda, ao amigo, maiores informações sobre as bases essenciais da Escola e falava ainda das consultas a outros amigos de São Paulo. Note-se que as vagas para essa escola, a Escola Politécnica, eram preenchidas por nomeação do governador do Estado sob indicação do conselho da escola. Porém ele nunca conseguiu ser nomeado, apesar das inúmeras vezes que seu nome apareceu para ser indicado, mas as críticas que fez à Instituição por ocasião da sua organização o teriam afastado de vez do sonho de lá ser professor.

Durante muitos anos Euclides teve problemas financeiros e mudou de trabalho várias vezes, porém ao morrer tinha acabado de tomar posse da cadeira de Lógica no Colégio Pedro II. Estudioso e dedicado que era, havia passado num concurso em 2º lugar, porém a posse foi dada a ele e não a Farias de Brito, o 1º colocado.

Esse episódio serve para ilustrar o quanto sua vida teria sido cheia de dificuldades financeiras, porém as ajudas chegavam de forma esporádica e paliativa como justificativa de seu caráter reto e honesto, que não aceitava auxílios de amigos influentes, muito embora ao ler sua correspondência, várias vezes apareça seu pedido para indicação a uma cadeira na Escola Politécnica de São Paulo.

Em 1912, três anos após a morte de Euclides, um grupo de amigos inicia uma homenagem, reunindo-se anualmente, até os dias de hoje, diante da cabana onde ele escreveu parte de *Os Sertões*, em São José do Rio Pardo, no Estado de São Paulo. Um gesto que foi iniciado por um grupo inconformado com a absolvição de Dilermando de Assis e que dizia ser "Por protesto e adoração" chegou aos dias atuais conhecido como Romaria Cívica, embora hoje o caráter desse movimento seja intelectual e cultural.

Observando fotos desse movimento vários anos seguidos é possível perceber que nelas aparecem apenas homens, desde crianças até velhos, e nunca mulheres. Elas só aparecerão muitos anos depois, acompanhando suas famílias, naquela que passou a ser uma atividade lúdica e social, no dia 15 de agosto.

Todo esse comportamento da sociedade, homenageando Euclides, tornando-o um ícone, embora seja incontestável o seu legado à cultura brasileira, o esforço em mostrar as dificuldades pelas quais passava e que mesmo assim não aceitava aquilo que não fosse de direito seu e que é desmentido pelo concurso de Lógica do Colégio Pedro II, somado às perseguições que Ana e Dilermando sofreram durante quase a vida toda nos leva a questionar: não teria sido tudo enfatizado por essa sociedade para explicar

o comportamento de Ana de Assis, pois sendo ela uma moça de família respeitada, educada e católica, jamais poderia ter cometido esses desatinos? Caso fosse ela uma mulher pertencente às camadas mais baixas da sociedade, ou uma mestiça, a ciência da época trataria de explicar seu comportamento como sendo o de uma degenerada, "vítima da mestiçagem", ou de uma "subraça", nas palavras do próprio Euclides da Cunha. Fosse Ana negra, a justificativa estaria no fato de pertencer a uma raça inferior, de quem não se poderia esperar outra coisa; ela estava determinada a isso.

Roberto Ventura, no texto *Gilberto Freyre: sexo na senzala*, faz importante esclarecimento quanto a esse comportamento da sociedade quando se refere a Freyre e suas predileções por mulheres afrodescendentes:

> Sua predileção pelas mulatas se ancoraria no gosto imemorial dos colonizadores portugueses pela "mulher de cor", desde os tempos do cativeiro árabe na Península Ibérica até o latifúndio escravocrata nas plantações brasileiras, segundo o velho ditado: "Branca para casar, mulata para foder, negra para trabalhar". (VENTURA, 2009)

No entanto, Ana era filha da melhor sociedade e ousou ir contra todas as convenções sociais de sua época, teve atitudes inconcebíveis para uma mulher branca, da sua posição, mulher "para casar", teve coragem de romper com conceitos preestabelecidos, teve coragem de viver, ousou amar e, pagou um preço muito alto por isso.

A justificativa dada pela sociedade para tão pesada condenação a Ana não repousa apenas no crime de adultério praticado com Dilermando, mas ganhou maior força com a morte de Euclides da Cunha Filho, pelo mesmo homem.

Agora não se trata apenas de uma mulher adúltera, mas de uma mãe que consegue viver com o homem que tirou a vida de seu filho.

Lembrando que as mulheres, no início do século XX, eram consideradas incapazes, não eram reconhecidas como cidadãs e, segundo a legislação civil vigente, eram equiparadas às crianças, não votavam e não podiam ser votadas, precisavam de autorização dos maridos para sair de casa. (ELUF, 2009, p. 138)

A única saída encontrada foi a de mostrar e reafirmar o tempo todo o quão íntegro e dedicado era Euclides da Cunha, e Ana, como mulher, não conseguia ter a mesma integridade, pensar com a mesma seriedade de um homem, era fraca, vulnerável, sem vontade própria, seduzível, teria sido também uma vítima de Dilermando de Assis.

Como a sociedade patriarcal manteria o controle sobre seus membros? Como evitar que outras mulheres da sociedade tivessem atitudes semelhantes?

Às demais mulheres da sociedade caberia se comportar, pois poderiam ter um fim tão trágico quanto o de Ana: atravessar o século XX sendo julgada e arrastada pela história por querer viver uma paixão.

Euclides, Ana e Dilermando: todos foram vítimas da paixão, porém mais arrasadora do que ela foi a sociedade para com eles.

Campinas, outubro de 2009.

Euclides, Ana e Dilermando: todos foram vítimas da paixão...

Rachel Aparecida Bueno da Silva é professora do Ciclo de Estudos Euclidianos.

Nota

1 Este texto foi apresentado no Ciclo de Estudos Euclidianos, durante a 97ª Semana Euclidiana, na cidade de São José do Rio Pardo (SP). Foi elaborado especialmente para marcar o centenário da morte de Euclides da Cunha.

Referências bibliográficas

ASSIS, Judith Ribeiro de (em depoimento a Jeferson de Andrade). *Anna de Assis* - história de um trágico amor. 7.ed. Rio de Janeiro: AM produções literárias, 1987.

CAVALCANTI, Dirce de Assis. *O pai*. 5.ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 1998.

CUNHA, Euclides da. Correspondência (1890-1909). In: Galvão, W. N.; GALOTTI, O. *Correspondência de Euclides da Cunha*. São Paulo: Edusp, 1997.

ELUF, Luiza Nagib. *A paixão no banco dos réus*. 3.ed. São Paulo: Saraiva, 2007.

_____. *Matar ou morrer*: o caso Euclides da Cunha. São Paulo: Saraiva, 2009.

SANTANA, José Carlos Barreto de. *Ciência e arte*: Euclides da Cunha e as ciências naturais. São Paulo: Hucitec / Feira de Santana: Universidade Estadual de Feira de Santana, 2001.

VENTURA, Roberto. *Retrato interrompido da vida de Euclides da Cunha*. CARVALHO, M. C.; SANTANA, J. C. B. de (Org.). São Paulo: Cia. das Letras, 2003.

_____. *Gilberto Freyre: Sexo na senzala*. Casa de Cultura Euclides da Cunha. Artigos. Euclides da Cunha - a história como tragédia. Disponível em http://casaeuclidiana.org.br/artigos/Euclides/euclidesdacunhaahistoriacomotragedia.php. Acesso em 01 jun. 2009.

A construção de *Os Sertões*

RENE VALENCIA

"Quem volta de região assustadora
De onde eu venho, revendo inda na mente,
Muitas cenas do drama comovente
De guerra despiedada e aterradora,

Certo não pode ter uma sonora
Estrofe ou canto ou ditirambo ardente,
Que possa figurar dignamente
Em vosso álbum gentil, minha senhora.

E quando com fidalga gentileza
Cedeste-me esta página, a nobreza
De vossa alma iludiu-vos, não previstes

Quem mais tarde esta folha lesse
Perguntaria: "que autor é esse
De uns versos tão mal feitos e tristes?".

(Euclides da Cunha apud RABELLO, 1966, p.138-139).[1]

Este texto é um capítulo extraído de meu TCC e objetiva esclarecer a construção da obra *Os Sertões*, de Euclides da Cunha, expondo a forma de introdução de teorias sociológicas na obra, bem como a sua intencionalidade. O poema que inicia esta parte chama-se "Uma Página Vazia" e foi escrito pelo jornalista, ainda na Bahia, no álbum de Francisca Praguer, uma baiana de Salvador.

Ele revela muito sobre a obra máxima do jornalista, podendo ser considerado como uma explicação de que o livro seria construído a partir do zero; justificando ser uma obra não relacionada ao material que ele enviara para São Paulo em forma de telegrama ou carta, da mesma forma que não conteria a ideia errada que o engenheiro tinha, antes de ir à Bahia, de que os conselheiris-

tas eram monarquistas. E Euclides, realmente, muda o discurso em *Os Sertões*. Uma análise em seus livros *Caderneta de campo* e *Canudos, diário de uma expedição* deixa claro que a intenção do autor é uma antes, quando escrevia artigos n'*O Estado de S. Paulo*, e outra, totalmente oposta, nas páginas de seu *Livro Vingador*.

A compreensão de como Euclides arquitetou seu "livro vingador" necessita do entendimento das teorias correntes no pensamento científico europeu do século XIX. É a partir delas que o autor busca amparo para seu livro. A biografia do autor explica muito sobre o caminho seguido pelo jornalista nas páginas d'*Os Sertões*. Educado em instituições que aplicavam exaustivamente a ciência positiva de Comte, Euclides esquematiza seu livro sobre uma base positivista; e em cima desta desenvolve suas ideias, fazendo uso de várias teorias de sua época.

> Euclides toma emprestado de Comte uma espécie de esquema conceitual e metodológico, o qual, perpassado pela associação entre os espíritos progressistas da ciência e moralizante da tradição, se caracteriza pela utilização da natureza como paradigma, pela noção de unidade da humanidade e pela equivalência no texto entre narrador, sociólogo e reformador da humanidade. (LEMOS, 2000, p. 80)

Logo na Nota Preliminar d'*Os Sertões*, alguns intelectuais europeus, que desenvolveram teorias científicas, as quais ele utilizou, como Gumplowicz, são citados:

> A civilização avançará nos sertões impelida por essa implacável "força motriz da História" que Gumplowicz, maior do que Hobbes, lobrigou, num lance genial, no esmagamento inevitável das raças fracas pelas raças fortes. (CUNHA, 2002, p. 66)

Hippolyte Taine também é citado na parte final da Nota Preliminar do livro:

> E tanto quanto o permitir a firmeza do nosso espírito, façamos jus ao admirável conceito de Taine sobre o narrador sincero que encara a história como ela merece: ... *Il s'irrite contre les demi-vérités que sont des demi-faussetés, contre les auteurs qui n'altèrent ni une date, ni une généalogie, mais dénaturent les sentiments et les moeurs, qui gradent le dessin des événements et en changent la couleur, qui copient les faits et défigurent l'âme: il veut sentir em barbare, parmi les barbares, et, parmi les anciens, em ancien.* (CUNHA, 2002, p. 67)[2]

Essa citação diz muito do que pretende Euclides com sua obra. É praticamente um aviso de que não é uma obra de ficção.

> ...sempre vendo e vivendo o seu assunto, é que Euclides conseguia dominá-lo, recriando-o artisticamente, a ponto de nô-lo transmitir com aparências de desfiguração. Poeta autêntico, capaz de ver o que os outros não viam, não foi à toa que ele colocou no final da introdução de seu livro aquele trecho de Taine, trazendo à baila uma questão que poucos lograram enxergar no fundo da intenção, mas que ele próprio, visivelmente, sobrepôs a tudo, à preocupação com a ciência inclusive, como vimos mais de uma vez. (ANDRADE, 1960, p. 295)

E Euclides, utilizando a tríade de Taine (raça, meio e momento), divide sua obra em três partes: "A Terra", "O Homem" e "A Luta". Desta forma, o autor consegue unir discurso literário e científico, obtendo um viés para o determinismo ambiental das teorias utilizadas no livro. Lemos (2000, p. 52) afirma que "Euclides elege os conceitos conflitantes tanto dos defensores como dos detratores da América como forma de expressão. É sobre estes aportes que começa a tomar corpo a geografia particular do sertão".

Euclides toma emprestado de Comte uma espécie de esquema conceitual...

Estilo e ideias

O estilo de Euclides, junto às teorias científicas utilizadas por ele, tem uma função primordial para que *Os Sertões* tenha a dimensão alcançada. O vocabulário rebuscado do escritor, rejeitado por alguns críticos da época e elogiado por outros, tem a intenção de unir ciência e arte, seguindo assim a proposta de Taine (LEMOS, 2000). Euclides utiliza muitos recursos, como onomatopeia, polissíndeto, metáfora, metonímia, hipérbole, antítese, além do uso de muitas expressões estrangeiras, principalmente palavras em latim, e termos técnicos e científicos. Isso fez com que Joaquim Nabuco, como descreve Andrade (1960, p. 301), dissesse que Euclides "escreve com cipó...". Esse estilo, descrito por Nabuco, mostra a complexidade com que o autor preparou *Os Sertões*.

> Juntando adjetivos a substantivos já de si imensos, para torná-los ainda maiores; substantivando verbos para melhor

submetê-los ao seu querer; justapondo palavras contrastantes que ia buscar no passado distante ou na boca do vaqueiro que ouvia; pluralizando termos como o do próprio título do livro; praticando uma série de atos temerários para seus amigos que bem conheciam os clássicos da língua, como vimos, Euclides apenas procurava exprimir-se como desejava, levando às últimas consequências o aprofundamento temático, embora sem se dispor a contrariar o "viés tradicional da língua"... (ANDRADE, 1960, p. 297)

um isolamento temporal, do povo sertanejo através de seu ambiente:

> Porque ali ficaram, inteiramente divorciados do resto do Brasil e do mundo, murados a leste pela Serra Geral, tolhidos no ocidente pelos amplos campos gerais, que se desatam para o Piauí e que ainda hoje o sertanejo acredita sem fins. (CUNHA, 2002, p. 189)

O escritor também mostra, na primeira parte do livro, que a terra, assim como o sertanejo, sofre a influência dos fatores mesológicos.

> ...buscava no "casamento certo das palavras" dar ritmo à obra...

Não obstante a essa busca por uma arquitetura perfeita das palavras, o escritor alterou muitas palavras n'*Os Sertões* quando a obra já estava impressa e pronta para ser vendida. Euclides buscava no "casamento certo das palavras" dar ritmo à obra; por isso, segundo Citelli (1998), o autor utilizou aliterações e assonâncias. Isso, junto a formas de trabalhar o tempo cronológico, faz com que o livro passe a sensação de que no sertão o tempo passe mais devagar que em outras regiões. Esta passagem do livro evidencia bem essa intenção:

> E avançando célere, sobretudo nos trechos em que se sucedem pequenas ondulações, todas da mesma forma e do mesmo modo dispostas, o viajante mais rápido tem a sensação da imobilidade. Patenteiam-se-lhe, uniformes, os mesmos quadros, num horizonte invariável que se afasta à medida que ele avança. (CUNHA, 2002, p. 86)

Em outra passagem o escritor mostra o isolamento físico, que acarreta

> As condições estruturais da terra lá se vincularam à violência máxima dos agentes exteriores... (...)... é de algum modo o martírio da terra, brutalmente golpeada pelos elementos variáveis, distribuídos por todas as modalidades climáticas. (CUNHA, 2002, p. 87-88)

Outro recurso muito usado por Euclides em *Os Sertões* é a antítese, como nesta parte (CUNHA, p. 766): "Os sertanejos invertiam toda a psicologia da guerra: enrijavam-nos os reveses, robustecia-os a fome, empedernia-os a derrota." O uso desse recurso caracterizou o escritor como um utilizador do barroco, como cita Citelli:

> O fato de *Os Sertões* fazer intenso uso das formas opositivas tem levado alguns analistas do texto euclidiano a afirmar que nele existe um "barroco científico". Termo, ele próprio paradoxal, serviria, porém, para afirmar o caráter assumidamente conflitivo de quem deseja apresentar na aparência da imagem antitética o problema íntimo de um tempo e uma época marcados pela impossibilidade da conciliação. (CITELLI, 1998, p. 110)

O uso das antíteses, ou barroco, de modo a criar uma diferenciação de tempo no mesmo espaço tem, segundo Citelli (1998), a intenção de destacar as diferenças entre povo sertanejo e povo do litoral. Uma passagem de *Os Sertões* evidencia isso:

> O elemento africano de algum modo estacou nos vastos canaviais da costa, agrilhoado à terra e determinando cruzamento de todo diverso do que se fazia no recesso das capitanias. Aí campeava, livre, o indígena inapto ao trabalho e rebelde sempre, ou mal tolhido nos aldeamentos pela tenacidade dos missionários. A escravidão negra, constituindo-se derivativo ao egoísmo dos colonos, deixava aqueles mais desembaraçados que no Sul, nos esforços da catequese. Os próprios sertanistas ao chegarem, ultimando as rotas atrevidas, àquelas paragens, tinham extinta a combatividade. (...) Deste modo se estabeleceu distinção perfeita entre os cruzamentos realizados no sertão e no litoral. (CUNHA, 2002, p. 181)

Esta distinção é fundamental para que as teorias científicas usadas por Euclides sejam plausíveis.

"O cerne vigoroso da nossa nacionalidade"

A visão positivista de Euclides da Cunha faz com que escreva uma obra que não tem o interesse apenas de contar a história de uma guerra, no caso, a de Canudos, mas sim explicar o que deveria ser executado pela República após a guerra. É aí que o escritor vai dizer: "Eram, realmente, fragílimos aqueles pobres rebelados... Requeriam outra reação. Obrigavam-nos a outra luta. Entretanto, enviamos-lhes o legislador

Comblain[3]; e esse argumento único, incisivo, supremo e moralizador – a bala" (CUNHA, 2002, p. 320)[4].

O escritor entende que o povo sertanejo deve ser agregado à nação, que este ainda não consegue conceber pelo isolamento físico e temporal. Segundo Murari (2007), o fanatismo religioso que o sertanejo demonstra nas páginas de *Os Sertões* é fruto de seu atraso; assim como a República se mostra em um estágio atrasado por utilizar o aparato militar para resolver uma questão cujo único problema é a exclusão social.

> Enquanto a representação de Antônio Conselheiro construída por Euclides da Cunha caminha no sentido de dissolver a ideia da loucura individual e atribuir a ela significado, coerência e relevância na comunidade em que surgiu, a personificação de Moreira César trabalha a noção de loucura de forma oposta: o desequilíbrio individual é agravado quando colocado em contato com uma forma coletiva de insanidade. (...) a gravidade dos fatos ocorridos na guerra de Canudos deveu-se à instabilidade política pela qual passava a república nascente... (MURARI, 2007, p. 185)

O conflito de Canudos se configura, segundo Lemos (2000, p. 81), "uma guerra inútil entre representantes de duas formas evanescentes, atrasadas, retrógradas, de organização social". Cunha (2002, p. 67) descreve o quão atrasada estava a forma aplicada pelo governo republicano ao se referir ao combate no sertão: "E foi, na significação da palavra, um crime. Denunciemo-lo". Também mostra que essa forma de resolver a situação de impasse enquadrava o Estado no primeiro estado positivista.

> É nesta ideia que Euclides parece se apoiar para criar a imagem de uma nacionalidade fadada a desaparecer para fundir-se no grande futuro da humanidade. Canudos – ordem teológica – e a República – ordem militar – representam a ordem prestes a desaparecer. (LEMOS, 2000, p. 83).

Nas publicações da época da Guerra de Canudos, Antônio Conselheiro era retratado como um louco - Charge, in *Revista Ilustrada*, 1897.

No campo psicológico, segundo Lemos (2000), envolvido pelas teorias da Escola Italiana e estudos do brasileiro Nina Rodrigues, Euclides faz o fanatismo religioso de Antônio Conselheiro equivaler-se à demência do radicalismo militar do coronel Antonio Moreira César. Esse é um estudo posterior, pois a psicologia, para Murari (2007), é resultado da caracterização da raça.

As discussões sobre o que caracterizava uma raça foram intensas no país na segunda metade do século XIX, principalmente durante a fase naturalista, e encontra-se na obra *Os Sertões* uma busca de definição das raças presentes no Brasil.

Segundo Lemos (2000), o mestiço é sempre visto como um degenerado nas teorias racialistas do século XIX; enquanto a raça europeia é tratada como a raça "superior".

> A degeneração não tem causa social ou cultural; sua única causa é a mestiçagem. O homem degenerado é produto de misturas sucessivas que fazem com que a raça original perca seus valores heróicos originais. (LEMOS, 2000, p. 113)

No Brasil, o aproveitamento das teorias racialistas europeias é muito grande, mas encontra problemas ocasionados por suas generalizações. Segundo Murari (2007), os intelectuais brasileiros não as aceitavam, pois elas impactavam sobre toda a população do país, inclusive eles mesmos.

Os autores europeus dessas teorias, para adquirirem autenticidade, vão estudar Geografia e História, criando assim as teorias das *raças históricas* e a an-

tropogeografia. Essa tendência encontra amparo no evolucionismo, primeiro de Lamarck, depois de Darwin.

> Jean-Baptiste Lamark, autor da primeira teoria biológica evolucionista, é central para que se compreendam os conceitos que, na esteira das discussões em torno da obra de Darwin, circulavam na segunda metade do século XIX sobre o evolucionismo, como aqueles relacionados à origem e variação das espécies vivas. (LEMOS, 2000, p. 148-149)

Atualizado com o pensamento europeu, Euclides segue as ideias científicas do "velho mundo"; mas, para quebrar os determinismos, mescla teorias. Com isso, o determinismo ambiental ganha um viés proveniente das teses evolucionistas.

De acordo com Murari (2007), no capítulo "A Terra" o escritor descreve, de início, o Brasil, valendo-se dos estudos feitos por estrangeiros e brasileiros que escreveram vários relatos de viagem. Porém, ainda nesta parte do livro, Euclides começa a fazer associações entre o ambiente e seus habitantes.

> ... este outro ponto de vista, também correspondente ao fator "meio" na obra de Taine, foi inserido no início da parte II de *Os Sertões*, "O Homem". De fato, na crítica taineana o meio é visto como modificador dos homens, como força que os pressiona e os envolve, modelando as nações da mesma forma que a cultura modela o indivíduo. (MURARI, 2007, p. 65-66)

O condicionamento do homem ao meio em que vive nas páginas de *Os Sertões* tem, segundo Murari (2007), muito da teoria de Buckle. Não à toa Euclides cita o historiador inglês mais de uma vez em seu livro. Cunha (2002, p. 168) diz: "A nossa história traduz notavelmente estas modalidades mesológicas". E o condicionamento aos fatores mesológicos aparece em várias passagens, como na em que o escritor mostra a interação entre o sertanejo e o umbuzeiro.

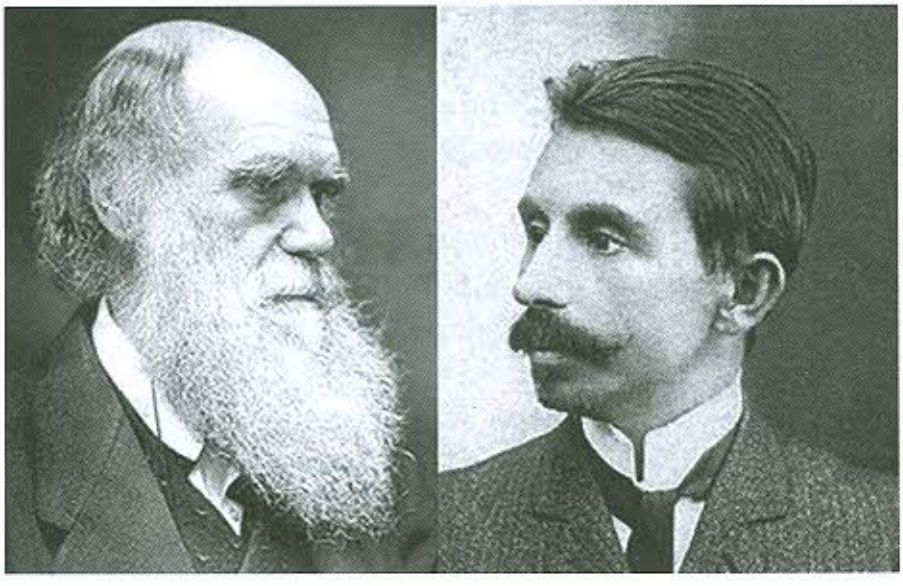
> É a árvore sagrada do sertão. Sócia fiel das rápidas horas felizes e longos dias amargos dos vaqueiros. Representa o mais frisante exemplo de adaptação da flora sertaneja. Foi, talvez, de talhe mais vigoroso e alto – e veio descaindo, pouco a pouco, numa intercadência de estios flamívomos e invernos torrenciais, modificando-se à feição do meio, desinvoluindo, até se preparar para a resistência e reagindo, por fim, desafiando as secas duradouras, sustentando-se nas quadras miseráveis mercê da energia vital que economiza nas estações benéficas, das reservas guardadas em grande cópia nas raízes.
> E reparte-as com o homem. Se não existisse o umbuzeiro, aquele trato de sertão, tão estéril que nele escasseiam os carnaubais tão providencialmente dispersos nos que o convizinham até ao Ceará, estaria despovoado. O umbu é para o infeliz matuto que ali vive o mesmo que a *maurita*, para os garaúnos dos *llanos*.
> Alimenta-o e mitiga-lhe a sede. Abre-lhe o seio acariciador e amigo, onde os ramos recurvos e entrelaçados parecem de propósito feitos para a armação das redes bamboantes. E ao chegarem os tempos felizes dá-lhe os frutos de sabor esquisito para o preparo da *umbuzada* tradicional. (CUNHA, 2002, p. 128-129)

E esses fatores mesológicos mudam a natureza de forma a alterar a raça:

> Neste caso – é evidente – a justaposição dos caracteres coincide com íntima transfusão de tendências e a longa fase de transformação correspondente erige-se como período de fraqueza, nas capacidades das raças que se cruzam, alteando o valor relativo da influência do meio. Este como que estampa, então, melhor, no corpo em fusão, os seus traços característicos. Sem nos arriscarmos demais a paralelo ousado, podemos dizer que, para essas reações biológicas complexas, ele tem agentes mais enérgicos que para as reações químicas da matéria." (CUNHA, 2002, p. 175)

Essa parte determinista do livro, segundo Murari (2007), vai sofrendo uma alteração acarretada pela ideia que

Euclides estava atualizado com o pensamento europeu e as discussões em torno da obra de Darwin.



Euclides tinha de levar o progresso a todas as partes do Brasil, criando assim uma civilização que abrangesse todo o país, inclusive o retrógrado sertão. Isso faz com que Euclides discorde de Buckle, já que o escritor inglês acreditava que um povo que habita uma região quente não é capaz de mudar sua condição. Por isso o contraste entre litoral e sertão agora passa a ser entre sul e norte do país.

> Duas sociedades em formação, alheadas por destinos rivais – uma de todo indiferente ao modo de ser da outra, ambas, entretanto, envolvendo sob os influxos de uma administração única. Ao passo que no Sul se debuxavam novas tendências, uma subdivisão maior na atividade, maior vigor no povo mais heterogêneo, mais vivaz, mais prático e aventureiro, um largo movimento progressista em suma – tudo isso contrastava com as agitações, às vezes mais brilhantes, mas sempre menos fecundas, do Norte – capitanias esparsas e incoerentes, jungidas à mesma rotina, amorfas e imóveis, em função estreita dos alvarás da corte remota. (CUNHA, 2002, p. 168-169)

Segundo Murari (2007), a polarização que o escritor cria entre sul e norte, que era entre litoral e sertão, tem a intenção de dividir o país em duas partes, uma civilizada, nos moldes europeus, e outra bárbara, essa sim condicionada ao meio. Porém, ao contrário do determinismo da teoria do inglês, Euclides entendia que a "sub-raça" sertaneja poderia sim ser melhorada. O que ela precisava era do apoio da elite do sul.

> A (...) missão (...) era (...) expandir o território efetivamente nacional, vencendo o deserto e as distâncias, para que toda a base física do país fosse integrada ao tempo da nacionalidade moderna. (MURARI, 2007, p. 76-77)

O escritor, de acordo com Lemos (2000), via loucura na atitude do governo republicano e entendia que a guerra de Canudos destruía, na verdade, a nossa origem. E isso fica claro na passagem em que Cunha (2002, p. 766) diz "entalhava-se o cerne de uma nacionalidade. Atacava-se a fundo a rocha viva da nossa raça". Assim o autor retoma o assunto que é tema do segundo capítulo d'*Os Sertões*, a raça; ou, como está escrito no livro, "O Homem".

...entendia que a "sub-raça" sertaneja poderia sim ser melhorada.

E, segundo Murari (2007), é nesse capítulo do livro que Euclides vai buscar a origem do povo brasileiro, sempre citando partes do primeiro capítulo, "A Terra". A segunda parte do livro utiliza muitas teorias, ora mesológicas, ora biológicas, além dos mais recentes estudos feitos no campo da psiquiatria.

> *Os Sertões*, como também já foi apontado, guarda apenas uma relação indireta com a craniometria e a herança da frenologia. A caracterização do jagunço e da nacionalidade nesta obra se apoia fundamentalmente sobre o amplo espectro de relações entre visível e invisível que atravessa a Psicologia do fim do século, na qual as patologias mentais são associadas ao conceito de patologias sociais. (LEMOS, 2000, p. 187)

A parte em que Cunha (2002, p. 175) diz: "Não há um tipo antropológico brasileiro" inicia a busca pela raiz racial do país. E Euclides começa a explicar como se formou a parte norte do Brasil.

> Procuremos, porém, neste intrincado caldeamento a miragem fugitiva de uma sub-raça, efêmera talvez. Inaptos para discriminar as nossas raças nascentes, acolhamo-nos ao nosso assunto. Definamos rapidamente os antecedentes históricos do jagunço.
> Ante o que vimos a formação brasileira do Norte é mui diversa da do Sul. As circunstâncias físicas, originaram diferenças iniciais no enlace das raças, prolongando-as até ao nosso tempo. (CUNHA, 2002, p. 175-176)

Murari (2007) afirma que o anseio em ter uma raça autóctone era de toda elite, que desde o romantismo procurara um tipo genuinamente nacional. E o autor de *Os Sertões*, pertencente à elite intelectual do Brasil, só veio a corresponder a esse desejo nas páginas de seu livro.

> As teorias sobre as raças visavam, muitas vezes, incluir a nacionalidade pela via de sua diversidade étnica no discurso da ciência, alocando-a num lugar "mais favorável" na hierarquia das raças ou das nações. (LEMOS, 2000, p. 125)

O surgimento de tantas teses brasileiras sobre raças mostra o quão importante era o tema para a elite. Desde os estudos propostos por Nina Rodrigues, até a tese de um de seus seguidores, Oscar Freyre, sempre questionavam a hierarquia das raças. Isso ocorria porque a escravidão, criticada duramente por muitos intelectuais brasileiros, era, segundo Nabuco (2007),[5]

Segundo alguns estudiosos, as teses positivistas influenciaram a caracterização de Euclides da Cunha em relação aos jagunços e aos sertanejos, que eram vistos como pertencentes a um estágio social inferior de desenvolvimento.

prejudicial por depreciar, através da mestiçagem, as "raças superiores". E Joaquim Nabuco vai, ao lado de Sílvio Romero, defender um "branqueamento" da nação brasileira.

De acordo com Iokoi (1989), a visão da inferioridade do negro no Brasil acontece por causa da produção cafeeira no Oeste paulista, que utilizava mão de obra imigrante.

> O trabalhador imigrante não representava necessariamente a introdução do moderno nas relações de produção. Nos acordos que os chefes de família assinavam, (...) persistiam resquícios pré-capitalistas. Muitas vezes, o que eles recebiam como pagamento eram produtos ou bilhetes, o que os forçava a uma relação de dependência que acabava por envolver toda a família no trabalho para cumprir o contrato. Efetivamente, eles tinham que garantir uma produtividade muito elevada. O resultado do seu trabalho não era suficiente para a sua sobrevivência e da família. Iniciava-se então uma intensa luta dos imigrantes (...) no sentido de conseguir o espaço do corredor dos cafezais para a produção de gêneros de subsistência (...). A introdução do sobre trabalho (...) para garantir alimentação e sobrevivência, possibilitava um processo de melhoria do solo, aumentando a produtividade do cafeeiro (...). O cafeeiro do Oeste paulista, com maior produtividade e com grãos de melhor qualidade, gerou o mito de que o imigrante tinha melhor competência que o escravo, que tecnicamente estaria mais bem preparado, determinando a preferência do produtor pelo trabalhador branco. (IOKOI, 1989, p. 59)

...o jagunço provém da mistura do índio com o branco.

Vivendo essa atmosfera que relegava ao negro a característica de uma raça inferior; e que quando esse se misturava ao branco depreciava a raça deste último, Euclides vê, segundo Leite (1983), nas missões bandeirantes uma mistura que ocorreu entre o branco, paulista que rumava ao norte, e o índio, residente do sertão. Cunha (2002, p. 188) diz: "jagunços: colaterais prováveis dos paulistas". Isso, segundo Murari (2007), é o mote que Euclides aproveita para iniciar sua etnologia do brasileiro. O sertanejo continua a ser um mestiço, mas diferente do mestiço do litoral, que é fruto do relacionamento entre o branco e o negro, o jagunço provém da mistura do índio com o branco.

O isolamento do sertanejo é descrito por Cunha (2002, p. 66):

> "Além disso, mal unidos àqueles extraordinários patrícios pelo solo em parte desconhecido, deles de todo nos separa uma coordenada histórica – o tempo".

Segundo Lemos (2000) essa é uma forma de mostrar que o povo do sertão somente estava em um estágio atrasado. Encontrava-se no primeiro estado positivista, o teológico, mas sendo agregado à nação, conseguiria avançar.

> É (...) do racialismo europeu que Euclides da Cunha retira todas as noções utilizadas para produzir sua análise da sociedade sertaneja. Próximo à *embriogenia do espírito humano* de Renan, o escritor transfere o homem do interior para um estádio social inferior, uma fase primária na escala de aprimoramento das funções intelectuais humanas, mas considerada por Euclides da Cunha perfeitamente acessível e adequada ao que seria o nível de desenvol-

vimento mental das "raças inferiores". (MURARI, 2007, p. 130)

Em uma parte do livro Euclides mostra a consequência do isolamento no qual vive o homem do sertão.

> Insulado deste modo no país que o não conhece, em luta aberta com o meio, que lhe parece haver estampado na organização e no temperamento a sua rudeza extraordinária, nômade ou mal fixo à terra, o sertanejo não tem, por bem dizer, ainda capacidade orgânica para se afeiçoar à situação mais alta.
> O círculo estreito da atividade remorou-lhe o aperfeiçoamento psíquico. Está na fase religiosa de um monoteísmo incompreendido, eivado de misticismo extravagante, em que se rebate o fetichismo do índio e do africano. É o homem primitivo, audacioso e forte, mas ao mesmo tempo crédulo, deixando-se facilmente arrebatar pelas superstições mais absurdas. Uma análise destas revelaria a fusão de estádios emocionais distintos. (CUNHA, 2002, p. 237-238)

Provar a originalidade de uma raça brasileira significava mostrar que no país existia uma "raça histórica", que seria, assim como a europeia, não uma raça pura, mas estável. Segundo Murari (2007), é na teoria de Gumplowicz sobre "luta de raças" que Euclides encontra uma forma de provar a raça histórica brasileira.

> O conceito de "raça histórica" fornece ao autor uma brecha para que o sertanejo escape à "maldição do mestiçamento". É, neste ponto, uma síntese perfeita a proposição de que o homem sertanejo (...) estaria atrasado na linha do tempo evolutivo, mas teria tido condições de vencer a heterogeneidade de seus elementos formadores, ao contrário do eternamente instável mestiço do litoral. (MURARI, 2007, p. 131)

Para Euclides, o sertanejo estaria na fase religiosa do desenvolvimento humano, na qual ele facilmente é arrebatado pelas superstições.

E seguindo essa linha é que Euclides faz uma síntese de todo seu pensamento quanto ao condicionamento de uma raça ao meio; do resultado do isolamento físico e dos tipos de raças mestiças, no caso a do sertanejo.

> O abandono em que jazeram teve função benéfica. Libertou-os da adaptação penosíssima a um estádio social superior, e, simultaneamente, evitou que descambassem para as aberrações e vícios dos meios adiantados.
> A fusão entre eles operou-se em circunstâncias mais compatíveis com os elementos inferiores. O fator étnico preeminente transmitindo-lhes as tendências civilizadoras não lhes impôs a civilização.
> Este fato destaca fundamentalmente a mestiçagem dos sertões da do litoral. São formações distintas, senão pelos elementos, pelas condições do meio. O contraste entre ambas ressalta ao paralelo mais simples. O sertanejo tomando em larga escala, do selvagem, a intimidade com o meio físico, que ao invés de deprimir enrija o seu organismo potente, reflete, na índole e nos costumes, das outras raças formadoras

> apenas aqueles atributos mais ajustáveis à sua fase social incipiente.
> É um retrógrado; não é um degenerado. Por isto mesmo as vicissitudes históricas o libertam, na fase delicadíssima da sua formação, das exigências desproporcionadas de uma cultura de empréstimo, preparam-no para conquistá-la um dia. (CUNHA, 2002, p. 203)

E, segundo Murari (2007), é no "relativismo temporal" que o escritor dá legitimidade à raça sertaneja, já que essa, isolada no sertão, não adquiriu os problemas atribuídos aos mestiços do litoral brasileiro.

> É certo que o uso que o autor de *Os Sertões* faz deste conhecimento racialista é bastante heterodoxo. Os teóricos racialistas aceitam a mistura, algumas vezes até considerando-a benéfica, mas impõem restrições. Uma delas, observada por Euclides da Cunha, é que esta mistura passe por um lento processo de homogeneização. Outra é que esta mistura não inclua elementos de raças muito distintas, ou não inclua "raças inferiores". Esta condição não é obedecida pelo autor de *Os Sertões*, cuja teoria demanda que se acredite na possibilidade de aperfeiçoamento das "raças inferiores" por meio de sua fusão às raças consideradas superiores, o que apenas seria possível após uma lenta estabilização ainda não concluída de todo. (MURARI, 2007, p. 131)

De acordo com Murari (2007), Euclides da Cunha acreditava que o povo sertanejo alcançaria a civilização graças à sua estabilidade racial, causada pelo seu isolamento. E que questões sobre como conseguir uma definição acerca de uma raça genuinamente brasileira incomodavam muito o escritor, pois o futuro do país dependia disso.

Uma frase escrita por Euclides da Cunha (2002, p. 157) em *Os Sertões* define bem seu pensamento: "Ou progredimos, ou desaparecemos". (cc)

Rene Valencia é funcionário público, graduado em Licenciatura Plena em Letras pela FIA.

Referências bibliográficas

ABREU, Modesto de. *Estilo e personalidade de Euclides da Cunha*. 2. ed. Rio de Janeiro: Academia de Letras do Estado do Rio de Janeiro, 1988.

ANDRADE, Olímpio de Sousa. *História e interpretação de "Os Sertões"*. 2. ed. São Paulo: EdArt, 1960.

BRANDÃO, Adelino. *A Sociologia de "Os Sertões"*. São Paulo: Editora Panorama, 1974.

_____ . *Paraíso perdido*. São Paulo: Ibrasa, 1997.

CANDIDO, Antonio. *Literatura e sociedade*. São Paulo: PubliFolha, 2000.

CITELLI, Adilson. *Roteiro de leituras*: Os Sertões de Euclides da Cunha. 2. ed. São Paulo: Ática, 1998.

COMTE, Auguste. *Os pensadores*. São Paulo: Nova Cultural, 1996.

CUNHA, Euclides da. *Caderneta de campo*. 1. ed. Introdução, notas e comentário por Olímpio de Souza Andrade. São Paulo: Cultrix, 1975.

_____ . *Canudos* – Diário de uma expedição. São Paulo: Martin Claret, 2006.

_____ . *Contrastes e confrontos*. 1. ed. Introdução de Olímpio de Souza Andrade. São Paulo: Cultrix, 1975.

_____ . *Migalhas de Euclides da Cunha*. 1. ed. Seleção e organização de Miguel Matos. São Paulo: Editora Migalhas, 2009.

_____ . *Os Sertões*. Edição, prefácio, cronologia, notas e índices de Leopoldo M. Bernucci. São Paulo: Ateliê Editorial. 2002.

IOKOI, Zilda Márcia Gricoli. *Lutas sociais na América Latina*. Rio Grande do Sul: Mercado Aberto, 1989.

LAKATOS, Eva Maria. *Sociologia geral*. 5. ed. São Paulo: Atlas, 1986.

LEITE, Dante Moreira. *O caráter nacional brasileiro*. 4. ed. São Paulo: Pioneira, 1983.

LEMOS, Maria Alzira Brum. *O doutor e o jagunço*. São Paulo: Unimar, 2000.

LIMA, Luiz Costa. *Terra ignota*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1997.

MACEDO, José Rivair e MAESTRI, Mário. *Belo Monte, uma história da Guerra de Canudos*. São Paulo: Moderna, 1997.

MOURA, Clóvis. *Sociologia política da Guerra camponesa de Canudos*. 1. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2000.

MURARI, Luciana. *Brasil, ficção geográfica*. 1. ed. São Paulo: Annablume, 2007.

NASCIMENTO, José Leonardo do. *Os Sertões de Euclides da Cunha*: releituras e diálogos. São Paulo: Editora UNESP, 2002.

PAIM, Antonio. *A filosofia da Escola do Recife*. 2. ed. São Paulo: Convívio, 1981.

RABELLO, Sylvio. *Euclides da Cunha*. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1966.

SÉGUIER, Jaime de. *Dicionário prático*. Porto: Lello & Irmão, 1959.

SOARES, Orlando. *O Estado, as Classes Dominantes e os Excluídos*. 1. ed. Rio de Janeiro: Gráfica Forense, 1999.

Consulta Internet

GALLINDO, Cyl. *Canudos*. Disponível em: http://www.casaeuclidiana.org.br/texto/ler.asp?Id=765&Secao=123. Acesso em 10/07/2009.

CUNHA, Euclides da. *A nossa Vendeia*. Disponível em http://www.euclidesdacunha.org.br/. Acesso em 15/09/2009.

Notas

1 FILHO, Francisco Venâncio. A glória de Euclides da Cunha. São Paulo, 1940, p. 129 apud RABELLO, Sylvio. *Euclides da Cunha*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. 1966.

2 Este fragmento é parte do livro *Essai sur Tite Live*. A tradução é: "... ele se irrita contra meias-verdades que são as meias-falsidades, contra os autores que não alteram nem uma data, nem uma genealogia, mas desnaturam os sentimentos e os costumes, que conservam o desenho dos acontecimentos mudando-lhes a cor, que copiam os fatos desfigurando a alma: quer sentir como bárbaro entre os bárbaros e, entre os antigos, como antigo".

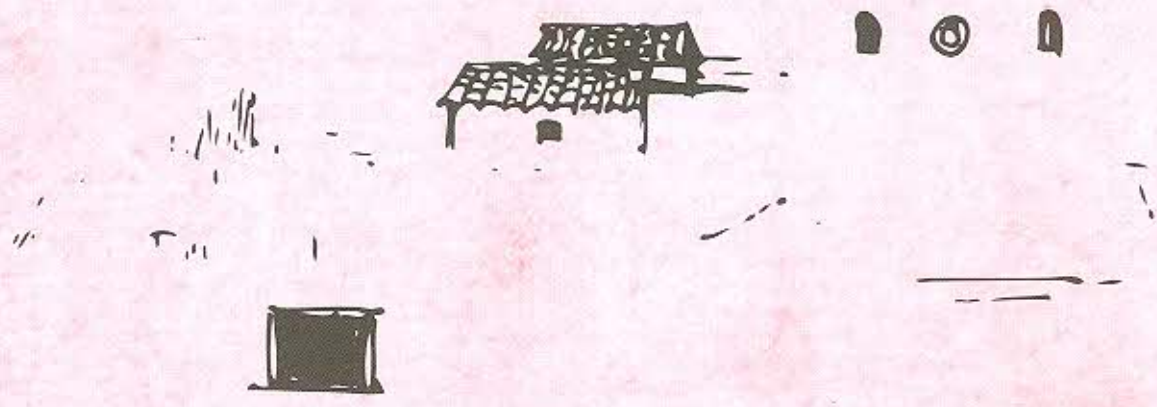
3 Comblain era o nome do fuzil utilizado pelo Exército na guerra de Canudos.

4 Bernucci, em *Os Sertões – Campanha de Canudos*, apresenta, no rodapé, p. 320, uma versão de Afonso Arinos: "(...) para aqueles desgraçados patrícios, sobre os quais nunca se fez sentir a ação civilizadora da administração do país; para aqueles, cujo primeiro contato com o governo de sua Pátria foi a ponta da baioneta e a boca de carabina – a crueldade do vencedor é o maior atestado da bravura do vencido" (*O Comércio de São Paulo*, 14/10/1897).

5 NABUCO, Joaquim. *O Abolicionismo*. 5.ed. Petrópolis: Vozes, 1988. 1.ed. 1883, p. 37, apud MURARI, Luciana. *Brasil, ficção geográfica*. São Paulo: Annablume, 2007.

A impressão que a obra de Euclydes da Cunha causa a um alemão

Prof. KARL SCHWARZENBACH



Artigo publicado no livro *Comemorações Euclidianas* (São Paulo: Guanumby, 1947).

NOTAS BIOGRÁFICAS DO PROFESSOR KARL SCHWARZENBACH

Filho de Maria e Ludwig Schwarzenbach, nasceu o Prof. Schwarzenbach a 23 de Outubro de 1900, em Kaufberen, Alemanha. Tendo feito em sua cidade natal o curso primário, seguiu o secundário e o superior em Lauiengen, em seminário desta região que se dedica especialmente à formação de professores. Apenas diplomado, começou a lecionar em Augsburg, no subúrbio de Goeggingen, transferindo-se, posteriormente, para a própria cidade.

Após um período profissional não muito extenso, foi preso pela Gestapo.

Permaneceu prêso por quase meio ano, nas prisões preventivas de Augsburg e Munich; quando da sua soltura, teve cassada a licença de livre exercício da profissão.

Transferindo-se, a seguir, para a Áustria onde tentou colocar-se, não o conseguindo em consequência de sua anterior prisão pela Gestapo por causa da invasão alemã, pouco depois iniciada.

Fugiu, por essa época, para o Brasil, aqui chegando em 1938.

Dedica-se, desde sua vinda, ao magistério particular, lecionando seu idioma.

O Prof. Schwarzenbach não tem, até o momento, obra publicada.

Parece-nos, assim, mais digna de estímulo sua iniciativa, porquanto, em país estranho, de alheio idioma, de costumes diversos é que publica sua primeira obra, a qual, longe de prender-se à terra que houve de deixar, embalsama-se de respeito pela nova pátria, cujo vernáculo perlustrou com energia, no afã de fazer conhecida na Europa a obra de maior latitude da literatura sertanista do Brasil.

RUY NOGUEIRA

Recebi com grande prazer o honroso convite para participar da "Semana Euclidiana", aqui em São José do Rio Pardo, pois desta maneira é-me dado conhecer o lugar em que o mestre Euclydes da Cunha escreveu sua obra monumental: "Os Sertões". Além disto, a vossa gentileza faculta-me o prazer de falar-vos sôbre o meu trabalho de tradução dêsse livro e de tecer alguns comentários acerca de escritores que, na literatura e historiografia alemãs, tenham importância paralela àquela atribuida a Euclydes da Cunha entre nós.

Certamente os senhores terão interêsse em saber por que motivo eu me dispus a verter para minha lingua materna "Os Sertões".

Cheguei a êste país em fins de 1938 como refugiado politico, embora não por motivos raciais. A minha profissão de professor delineara-me até então um programa de vida que não cogitara de uma possível viagem para ultra-mar. Porém, valeram-me também nessa ocasião as fatídicas palavras de Schiller de que "com as forças do destino não é possivel fazer uma aliança perene". Naquêles dias, os mais sombrios da minha vida, o Brasil acolheu-me hospitaleiramente, dando-me oportunidade de recompô-la com novos rumos.

Passei a observar e a estudar terra e gente. Procurei desde logo adquirir uma visão geral sôbre a história do Brasil, pois a história constitui, por assim dizer, a chave de compreensão da vida de um povo; ela é o espelho do "bem" e do "mal", do espirito lúcido e do nefasto. Neste anseio de aprofundar-me no conhecimento das cousas brasileiras, conheci também a obra de Euclydes da Cunha. Amigos brasileiros já me tinham falado repetidas vêzes acerca do grande mestre, recomendando-me sua leitura e assim, há mais de três anos, comecei com o estudo do grandioso "Os Sertões", sem ter, todavia, a menor intenção de traduzir o livro. Com dificuldade imensa penetrei no estilo brilhante e exuberante e em pouco tempo notei que, sem dúvida, o autor era um mestre de grande valor. Veio-me a idéia de traduzir um trecho dos mais caraterísticos para o alemão, tarefa árdua, cujo resultado, porém, me encheu de grande satisfação. Insensivelmente, contudo, ia-me tornando um prisioneiro de Euclydes, de quem não mais me libertei. Por três anos dediquei todo o meu Tempo livre e muitas horas roubadas ao sono à tradução integral dos "Sertões" até que, em Junho próximo passado, pude com alegria e alivio apôr a mais fácil palavra de tôda a tarefa: fim.

Surgiram obstáculos em quantidade, condicionados não sòmente pela imensa riqueza da linguagem de Euclydes, como ainda pela necessidade de se formular o material traduzido de uma maneira compreensivel aos leitores, em alemão fluente. Era minha intenção conservar o mais possivel a ideologia do autor e por isto tentei traduzir a rigor sempre que isto fôsse viável. Se eu quisesse fazer uma tradução livre, por certo já teria terminado a tarefa há mais de ano. Durante muito tempo quis conservar para a tradução alemã o titulo original, mas finalmente resolvi alterá-lo por razões várias, em parte de ordem linguística. A minha preferência caiu então sôbre um outro conceito, apresentado por Euclydes repetidas vêzes na sua exposição e que se me apresentava mais conveniente. No 1.º capítulo, — a terra — Euclydes da Cunha, ao descrever a região do norte da Bahia, onde os acontecimentos se desenrolaram, fala na "terra ignota". Achei a palavra alemã correspondente a isto, mais explicita para servir de titulo para a obra: *Unbekanntes Land*. Razões cientificas levaram-me a conservar uma série de têrmos, como "sertão", "sertanejo", "jagunço", "matuto", "caboclo", "bandeirante", etc., no original, dando por meio de anotações de rodapé as necessárias explicações que dispensam ao leitor a procura em outras fontes. O meu amigo snr. Joaquim Franco de Toledo, funcionário do "Instituto Botânico de São Paulo", teve a gentileza de me fornecer notas explicativas sôbre as plantas de que fala Euclydes em sua obra e uma série de desenhos aprimorados feitos por êle ilustrarão a edição alemã.

Passemos a considerar a própria obra.

Quais são as impressões suscitadas pela leitura dos "Sertões" no leitor-alemão?

Em resumo poderia dizer que ao leitor europeu "abre-se um mundo novo". Há uma série de aspectos que fazem sobressair notàvelmente os "Sertões" sôbre o modo usual de historiografia. Não se trata da simples relação inteligente do drama de Canudos; antes de tudo, impõe-se a brilhante descrição da terra, o palco em que se deram aquêles acontecimentos dramáticos, seguida da magistral caracterização do elemento protagonista no capítulo "o homem". Onde pôde um europeu ler, até aquí, descrição do Brasil tão lògicamente desenvolvida, tão profunda, em estilo claro e brilhante?

Quadros de uma amplitude impressionanate passam diante os olhos do leitor, descrições magnas abrangendo rincões desde o Rio Grande do Sul até o Amazonas, de Mato Grosso até às margens do São Francisco e aí perdendo-se nas caatingas.

Não conheço outro autor que, como Euclydes da Cunha, tivesse acumulado um material tão imenso dos diversos setores das ciências naturais e da investigação histórica, conservando sempre, em tôda a complexidade da exposição, a relação interna, o nexo entre os diversos elementos, penetrando as leis que regem os diversos fenômenos e concatenando as singularidades numa arquitetura empírica geral. Êle sabe aliar a sua sinceridade realista a um conceito poético da natureza. Pela primeira vez a grande massa de leitores meus compatriotas terá uma visão perfeita da caatinga e do terror da sêca. Euclydes descreveu êsse deserto de maneira tão plástica que várias vêzes me veio o desejo de ver com meus próprios olhos tudo aquilo.

A segunda parte, o capítulo "o homem", pode ser considerado uma obra prima não só quanto ao aspecto historiográfico mas em relação à literatura em geral. Euclydes prova aí o seu imenso cabedal de conhecimentos e de sabedoria viva, colocando-se numa posição superior alcançada por pouquíssimos de seus pares. Esta parte apresenta uma variedade surpreendente e em qualquer ponto o autor revela-se senhor da matéria, saciando-nos com abundantes riquezas espirituais. Assemelha-se mesmo a um poço artesiano munido de muitos canos condutores, dos quais jorra o flúido em abundância. Considero êsse capítulo "o Homem" uma obra prima da literatura mundial, conforme disse há pouco, porque Euclydes entra aí no estudo dos caracteres, estudo êste que êle continúa no terceiro capítulo — a lúta —. Apresentado e descrito o palco, surgem agora os personagens; de um lado o sertanejo, constituindo um grupo do qual sobressai a figura do protagonista, o herói trágico de Canudos em meio da massa multicor de seus adeptos; de outro lado os antagonistas, os soldados com Moreira Cesar, os generais Savaget, Arthur Oscar e Barbosa, o marechal Bittencourt. Todos êles tornam-se vivos na descrição de Euclydes, tomam forma plástica e dinâmica. Pessoalmente só encontrei nas historiografias de Schiller descrições de personagens que se igualem às euclidianas em fôrça e vitalidade. Só há uma grande diferença a considerar: as figuras de Euclydes da Cunha resistem à prova histórica e continuam firmemente enquadradas no conjunto da história, ao passo que os personagens de Schiller, embora interessantes sob o ponto de vista literário, não resistem mais à crítica científica. Em parte deve-se isto à época em que as obras foram escritas. Schiller não tinha ocasião de consultar tôdas as fontes fidedignas; em parte êle próprio é culpado pelas adulterações pois declarou que "os objetos devem concordar em tornar-se o que eu quero, em minhas mãos".

Afim de não me afastar do fim visado por esta palestra, quero repassar com os senhores, ràpidamente, a literatura alemã, salientando aquí e acolá semelhanças e analogias com o autor de "Os Sertões", para finalmente apresentar-vos aquêle alemão que, ao meu ver, se assemelha mais a Euclydes da Cunha.

Desde os tempos dos historiadores Salustia, Cesar, Flavius Josephus, Eusébio, os naturalistas Plínio e Virgílio, o "pai do ocidente", como o denomina Theodor Haecker, até os nossos dias, a historiografia é considerada valiosa ou fútil, conforme ela se pronuncie ou não a favor do homem e das qualidades humanas. Modernamente procede-se com rigor especial neste sentido e nós homens hodiernos concedemos importância especial àquela forma de historiografia em que o homem se move harmonicamente em meio da flora e fauna, da ambientação geográfica e quiçá astronómica. Se olharmos para a historiografia, tal qual se concretiza pouco a pouco na antiguidade, poucas vêzes vemos obras de grande vulto, enquanto que as mediocridades abundam; a maior parte do material extinguiu-se, todavia, levado pela borrasca dos séculos.

Em Euclydes da Cunha eu vejo o protótipo do historiador humano e se desejo apresentar entre os historiadores alemães aquêles que considero seus equivalentes, devo estabelecer desde logo que abundam aí os profissionais de grande formato. Lembro só de passagem nomes como os de Ranke, Weiss, Treitschke, Pastor e anteriores a êles Gregorovius, Goethe, Schiller, etc. Entretanto, são poucos os que se lhe assemelham nas qualidades: seja porque lhes faltam a elegância e o espírito de estilo euclidiano, que em vários capitulos dos "Sertões" chega a brilhar qual o melhor ensáio da literatura francesa, ou então escrevem sôbre povos estranhos, chegando, outras vêzes, na glorificação dos soberanos, a esquecer-se da sorte do povo. Nossos historiadores, em sua maioria, fazem hitória humana sem considerar o ambiente, a natureza e outros fatores correlacionados. Colocam o homem, por assim dizer, nú, em meio da engrenagem de jogos de fôrça e poderio, como se tivesse saído do paraiso nesse mesmo instante. Como é grandioso aí Euclydes da Cunha que encobre a nudez de seus personagens com fôlhas de parreira e os acompanha compassivamente através do vale de lágrimas.

Neste ponto o mestre é tão singularmente original que meus esforços de encontrar um paralelo perfeito na literatura alemã foram vãos.

Muitas vêzes êle relembra os primeiros historiadores alemães dos séculos IX e X, especialmente o monge Notker Balbulus, autor da célebre "Gesta Caroli", o abade Walafried Strabo e principalmente o gênio universal daqueles tempos, o monge de Reichenau Herman der Lahme (Germano o Coxo). Em todos êstes autores, porém, verificamos desde logo o primitivismo da ciência daquela época. Passa-se longo tempo até que floresçem os "anais" e as "crônicas" do século XV, suscitadas pela inovação revolucionária da descoberta de Gutenberg.

Entre êsses cronistas encontramos homens talhados a Euclydes. Estas crônicas patrióticas, populares, sinceras e vigorosas, — qualidades tão típicas de Euclydes da Cunha, — se as mesmas pudessem ser revistas com a forma de um "essay" moderno, patenteariam ainda mais a congenialidade de seus autores e do grande escritor brasileiro. Ouçamos o alto conceito em que um deles tem sua profissão: "Os poderosos espirituais e temporais desta terra devem aprender da história passada seriedade, humildade e a prática do bem, afim de que o leviano cáia em vergonha e miséria e o orgulhoso seja aniquilado pelo juiz divino. Entretanto, ao que fôr humilde e praticar o bem com tôdas as suas fôrças, a êste abundarão graças e alegrias. Há um principe supremo acima de todos os juizes terrestres, um sumo gratificador e castigador. É isto que deveis aprender da história de tempos passados."

Se pudesse dar-vos alguns exemplos dessa prosa pura e singular do século XV deixaria falar-vos o maior historiador daquela época, o abade Johann Trithemius e cronistas afamados como o brilhante Konrad Peutinger, Sigmund Meisterlin, Burkard Zink, Jakob Unrest, Franz Friedlieb, chamado Irenicus, Heinrich Deichsler e.o.m. A cada passo êles lembram o criador dos "Sertões", quando colocam o leitor bem no meio da vida e das atividades do povo, levando-o para dentro dos lares de ricos e pobres, relatando histórias de lágrimas e de sangue. Compõem suas histórias não só baseando-se nos documentos, mas utilizando

experiência e sofrimentos próprios. São verdadeiros monumentos históricos, dos quais a crítica diz que os tempos posteriores dificilmente possuem em língua alemã obras de veracidade tão evidente e de popularidade tão bem fundamentada. Naquela época o povo alemão desenvolveu uma atividade produtiva literária imensa, que abrangia tôdas as classes, tornando-se assim bem comum. Obras como a "Crônica da cidade de Nuremberg" de Sigmund Meisterlin ou a "Crônica da Santa Cidade de Colônia", de autor indeterminado, mereceriam ser traduzidas para o português. O mesmo diga-se da "Descrição da Alemanha" de Irenicus. O leitor verificaria dentro em pouco a linha comum a todos os grandes historiadores, precisada por um dêles como sendo: "Um espêlho da justiça divina, louvando os homens bons do passado e firmando um monumento de vergonha para os maus." Disse outro: "Tome nota, o mal se castiga a si mesmo." Ninguém teria tido a idéia então de escrever, por exemplo, uma história da arte com a finalidade do objeto mesmo — *l'art pour l'art* — um simples ato de vaidade.

Passando, neste estudo comparativo, aos séculos subsequentes, devemos apressar o passo. Desde os dias de Marco Polo avolumam-se as descrições de viagem e estudos de pesquisa realizados por argonautas, descobridores e sábios em geral. Lembro tão sòmente as figuras de Gustav Nachtigall, Heinrich Barth, Herberstein, Hans Staden e outros. Infelizmente, as revoluções e perturbações no campo religioso e no político tiveram efeito terrível sôbre a arte da prosa. Firmavam-se, então, só os escritos e as polêmicas de ironia, de calúnia, dramas sangrentos ou sôbre a dissolução dos costumes, histórias de malfeitores e sátiras. Êste estado de cousas prolongou-se profundamente pelo século XVIII a dentro. São poucos os escritos, como por exemplo o notável "Simplicissimus" de Grimmelshausen, história autêntica da guerra dos 30 anos, que sobressaem dêste lodo literário. Os espíritos de então estavam ofuscados pela paixão partidária e as artes não serviam mais à verdade.

O absolutismo dos príncipes, consequência da reforma, dificultava enormemente qualquer conceito são e livre de historiografia. Naquele tempo os historiadores como Johann Sleidan que se lançavam nos seus escritos contra Imperador e Igreja, eram muito cotados.

Quando, posteriormente, o grande Leibniz, um dos maiores espíritos de todos os tempos, teve a intuição de restabelecer a hierarquia do espírito, quando Bach e Haendel levantaram as suas vozes por sôbre o caos, quando Winkelmann abriu para seus contemporâneos e para a posteridade o mundo altivo da Grécia antiga, já encontramos poucos homens dignos de serem comparados a Euclydes da Cunha.

Schiller escreveu a "História da Separação dos Países Baixos", "Migração dos povos", "Cruzadas" e "Idade Média", bem como a "História da Guerra dos 30 Anos". O genial poeta confessa, no entanto, que a história só lhe servira de repositório para sua fantasia. Pouco progresso houve com isto em relação aos cronistas das guerras camponesas como Peter Haarer e Lorenz Fries, ou Heinrich Gresbeck, o maior expoente dos anabatistas, que presenciaram aquilo que relataram e cujos escritos lembram em muito o gênero dos "Sertões".

A cisão religiosa e política continúa na Alemanha por altos e baixos até os tempos hodiernos, comprometendo consciente ou inconscientemente a objetividade do historiador. A livre evolução do espírito não encontrou como obstáculo — que por certo não foi o menor — o prussianismo florescente que condenou as musas ao serviço militar, isto é, submeteu-as aos postulados de interêsse político-estatal. Mesmo historiadores de renome, como Ranke, não puderam esquivar-se a êsse freio, e outros como Treitschke e Meineke submeteram-se por completo. Entre os alemães, comprimidos no espaço, entrechocaram-se os contrastes, pois faltavam os horizontes largos que um Euclydes da Cunha podia divisar impunemente.

Era êste um privilégio reservado aos poetas, aos naturalistas e viajantes. É justamente neste círculo ilustre que vamos encontrar no tempo dos classicistas um gênio aparentado ao escritor dos "Sertões", uma das maiores figuras que a Alemanha produziu e que, como o faz Euclydes da Cunha, empolga o leitor, enchendo-o de admiração, quando o conduz por paragens longínquas e afastadas, seguindo os traços e as pegadas de povos desaparecidos há muito, ou desvendando paragens com incolas desconhecidos: é Alexander von Humboldt. Para compreender-lhe o valor basta ouvir a opinião externada por Goethe a respeito dêste grande alemão; diz êle: "Percebo, quando homens como Alexander von Humboldt passam por aqui (Weimar), que em um único dia me trazem mais proveito naquilo que procuro e preciso conhecer do que conseguiria realizar durante anos em meu caminho solitário."

E o leitor germânico, ao folhear as páginas dos "Sertões", ficará surpreendido ao deparar em Euclydes da Cunha um naturalista congenial, possuidor de um estilo que combina primorosamente a forma literária com o conhecimento de causa e as qualidades anímicas. Aqui, como nas descrições de Humboldt, êle se empolgará com a riqueza de descrição do quadro natural e a fluência pulsante da vida.

Não é tão sòmente esta arte que irmana os dois autores; o fator que os torna tão atraentes para nós é o modo como plantam no centro de sua obra o homem, amalgamado com a natureza circundante, na qual frequentemente rege a evolução e sob cuja influência decorre sempre a história humana.

Iria longe, se acaso quisesse prolongar-me nestas divagações, no emprêgo de superlativos absolutos. Permitam-me por isto referir ainda uma só indicação sôbre o valor seja de Euclydes seja de Humboldt. O tribunal invisível das musas já decidiu sôbre ambos os autores e concedeu-lhes os louros da imortalidade. Aquêles escritores e cientistas que, uma geração após a sua morte, são considerados ainda dignos de serem lidos, o continuarão sendo mesmo depois de séculos. Não é a impressão de momento, a propaganda artificial e obstinada que conservarão atual uma obra artística, mas tão sòmente o seu valor real intrínseco. Pessoalmente vi surgirem no céu da literatura alemã astros aos quais atribuia-se a imortalidade e ràpidamente caíram no ocaso. Revendo a história de qualquer povo, os senhores encontrarão repetidas vêzes confirmações dêste fato. Por mais que certos fatos possam receber hoje em dia interpretação mais correta que nos tempos de Euclydes, os homens de então eram singulares como nós o somos hoje em nosso ambiente e o mestre fixou-os dessa maneira na história. Ficam vivos naquêle estado e êle com as suas figuras. É fato que já não se pode mais afirmar das figuras propriamente históricas dos escritos em prosa de Schiller. Se eu não estivesse convencido dêste valor vital intrínseco da obra, não teria levado a têrmo a tradução iniciada.

Em poucas semanas a tradução estará passada a limpo e poderá ser dada à publicidade. Não sei, por óra, se ela poderá ser impressa em minha pátria, dadas as dificuldades de comunicação e o estado de cousas agora lá reinantes. Entretanto, é meu maior desejo mandar imprimir a obra diretamente na Alemanha.

Com esta realização desejo que a presente tradução contribua para que Euclydes da Cunha torne-se um escritor familiar na Alemanha, da mesma forma como Humboldt e muitos outros que discorreram sôbre cousas brasileiras.

Que minha tradução de "Os Sertões" para o alemão venha contribuir para reaproximação dos dois grandes Povos, pois, dos atos dos bons todos os bons devem poder tirar proveito, para que tais atos tragam frutos não só para o próprio povo, mas para tôda a humanidade!

E. Roquette—Pinto

Euclydes da Cunha naturalista

Conferência realizada em 15 de agosto de 1917, na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro; e a 11 de abril de 1918, no Conservatório Dramático de São Paulo.
Artigo publicado no livro *Por Protesto e adoração:* In memoriam *de Euclydes da Cunha* - Edição do Grêmio Euclydes da Cunha 15 de agosto de 1909-1919.

Foi na terra de S. Paulo, minhas senhoras e meus senhores, que Euclydes da Cunha nasceu para a arte e para a gloria.

Pouco importa que seus olhos tenham visto primeiro a luz de outros lugares; suas azas, elle as viu crescer entre vós. Aqui surgiram, do profissional da engenharia, o poeta, o historiador, o scientista.

Não vos admireis portanto, si o Gremio Euclydes da Cunha bate hoje á vossa porta, para recolher uma contribuição que a vossa cultura, vosso abençoado nativismo, vossa gratidão civica, de certo já destinavam ao monumento que será consagrado ao Xenophonte dos «Sertões».

Não se trata, minhas senhoras, permitti que a vós me dirija, não se trata de uma associação de moços embriagados de rimas, corações mais ou menos enredados nos fios subtis e macios que o amor espalha no ambiente, para distracção ou alegria dos jovens. Não é academia em que se passa o tempo a remoer cousas de arte ou de litteratura. Não...

Congregaram-se, alli, homens que estão sacrificando alguns dos melhores dias de sua mocidade, por um ideal sem jaça. Uns, ainda estudantes; outros, já separados pelo diploma, da vida universitaria, já collocados entre as garras das necessidades da existencia, todos, minhas senhoras, n'uma idade e n'uma época em que só a corrida ao ganho se leva em conta, todos se fizeram cavalleiros andantes da justiça, para prestar, á memoria de Euclydes, a assistencia do seu «protesto» e o culto da sua «adoração», nos amplos limites da divisa que Alberto Rangel traçou para seu Gremio.

Eu vos agradeço em nome do Gremio Euclydes da Cunha, que me honrou solicitando-me estudasse a obra naturalistica de seu epónymo; agradeço tambem em meu proprio nome a paciencia com que me ides ouvir.

A Vicente de Carvalho, o mais humano dos nossos lyricos de todos os tempos, devo dizer que esta noite, em que elle me faz tamanha homenagem, ha de brilhar na minha lembrança, como um dia de Sol, immerecido mas consolador.

***

Presa das emoções que o *grande* e o *forte*, o *bello* e o *bom*, haviam conseguido suscitar em sua alma decrepita, depois que se ella renovou por um prestigio estranho, Fausto ergue, no seio da floresta, o grito de sua admiração:

— Espirito sublime! Fizeste-me rei da Natureza. Deste-me força para sentil-a e para gozal-a. Permittiste que eu lesse no seio profundo da Terra, como no peito de um amigo. Ensinastes-me a conhecer os meus irmãos que vivem nos bosques silenciosos, no ar e nas aguas. E quando a tempestade se desata, e ronca na floresta, rolando as arvores em fragoas, levas-me ao asylo das cavernas, e me collocas diante de mim mesmo... e as maravilhas secretas da minha propria consciencia se revelam...

Cada brasileiro que sabe lêr, ai! de nós, somos tão poucos ainda, poderia repetir aquella invocação que o Goethe põe nos labios do sabio remoçado, sempre que, finda a leitura, cerrasse certas paginas de Euclydes. Não ha, nem houve, e nunca haverá quiçá, quem descreva a natureza do Brasil de maneira tão formidavel.

Se aponta as erosões phantasticas, realisadas pelos grandes rios; se descreve os aspectos phytographicos; se discute a tectonica de certas regiões; se menciona os typos da fauna; se narra a vida humana que transcorre nos páramos por onde andou, a sua lingua é estuante, grandiloqua, solemne como a voz de um povo.

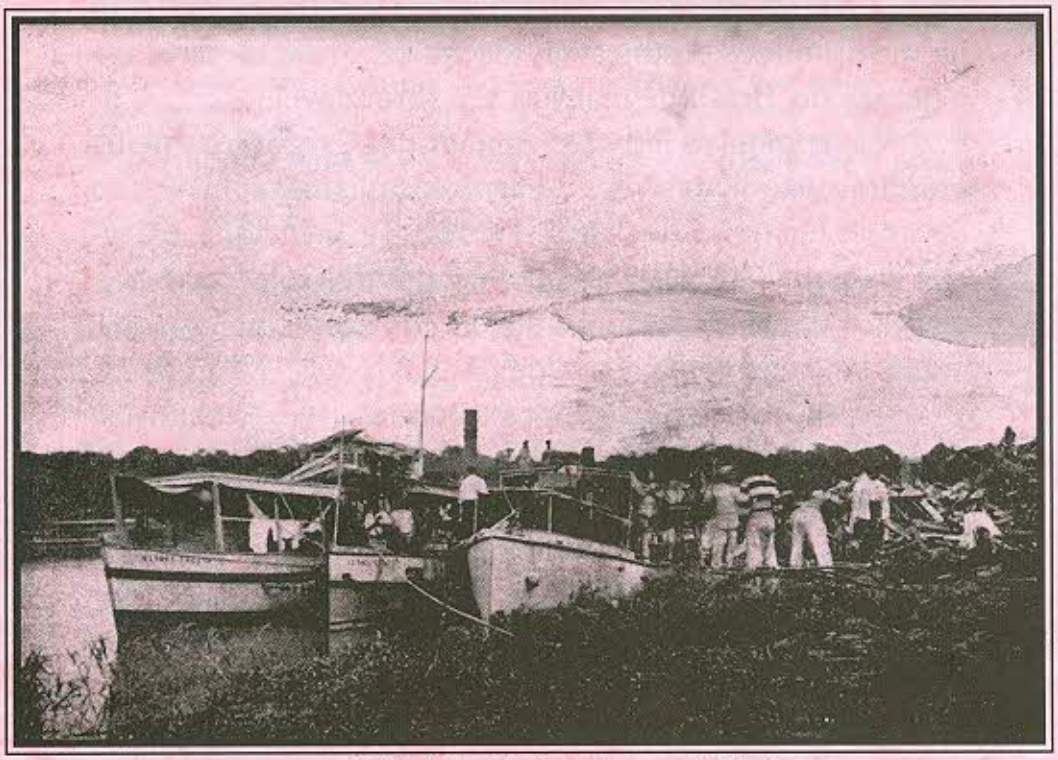
Na litteratura nacional, os «Sertões», o «Reconhecimento do Purús» e alguns capitulos da «A' Margem da Historia», não são maços de folhas de arte. Sonidos vibrantes são, recheiados de harmonicos, que lhes augmentam o timbre, ampliados pela vibração syntonica do meio social em que estalaram. Assim a faisca, gerada no céo, abala o écho das quebradas, e faz tremer a criação.

Para elle, a vida humana, nos recantos da terra brasileira que palmilhou, era pungente episodio de um qua-

dro natural revolto pelas condições da propria instabilidade. A feição definitiva do *meio* ainda não havia attingido, em seu conceito, a indispensavel precisão de linhas; elementos naturaes em lucta, não offereciam aos povoadores senão condições incertas, incapazes de garantir a vida sempre progressista e calma.

E foi por essa miseria, e foi por essa tristeza que Euclydes se apaixonou. Sentindo, como Heine, que é preciso transformar as nossas dores em cantigas; pensando, como o proverbio hebreu, que a melhor mentira ainda é a verdade, foi, a um só tempo, scientista e poeta. Em tudo quanto escreveu, frisou os pontos escuros, a sombra dos nossos quadros.

A lenda perniciosa de uma natureza paradisiaca, por demais tem influido no animo dos brasileiros; tem-lhes provocado o descuido no agir; tem-lhes entorpecido o caminhar consciente. Bellezas naturaes não correspondem sempre a vantajosos feitios; algumas são até prejudiciaes ao progresso material e pratico. Considerai o numero de lindas cachoeiras que, inaproveitaveis para fornecer ener-



Partida de Euclydes da Cunha para o Alto-Purús

gia electrica, funccionam apenas como obstaculos á livre navegação de certo rios...

Euclydes pouco se embalou na rêde mentirosa, por exagero, que se tece no bastidor da nossa rutila phantasia. Bem que as tenho procurado conhecer, ao certo, essas fabulosas riquezas... São muitas, mas, qusi todas acham-se em estado potencial. Niuguem mais do que Euclydes reuniu as provas deste asserto, quando as ajuntou pacientemente, convencido de assim servir melhor ao seu destino. Admirando as multiplices maravilhas, traduzia o espanto que lhe causavam, e logo tambem ia dizendo sua real influencia sobre os destinos do povo que vive ao redor dellas.

Vêde Euclydes na Amazonia.

O grande rio parecia-lhe muito differente da imagem que a fama lhe gerára na imaginação; concebia o quadro immenso, a moldura verdejante a contrastar o barroso tom do immenso alluvio. E não encontrou, senão a chata planura de um mar amarello, anonymo e impessoal.

Recordou-se então, pelo surto natural das imagens parallelas e diversas, do littoral do Sul, nas lattitudes em que nascera... e reconheceu que o grande rio, «esthetica-mente, é inferior a um sem numero de paragens».

A costa fluminense, de Cabo Frio á Munduba, desse ponto de vista, valia muito mais... O rio não o esmagou; Euclydes o julgou monotono.

As paysagens amazonicas mostraram-se-lhe «de uma só côr» e de «um só modelo».

Accentua, então, a pathogenia geologica do grande cancro geographico, que é o rio destruidor da Amazonia, na expressão de Hartt; apontando-o de novo poetisa com verdade o phenemeno erosivo, e diz que alli «a terra abandona o homem». Porém, dilatando a importancia de um facto real, Euclydes, que vê no rio Amazonas as terras de um continente caminhando, chega a desconhecer o seu delta evidente, attestado, ainda melhor, pelos mondongos de Marajó, paúes a que, todavia, se refere.

A mesma impressão que alli, na Amazonia, tivera Bates, naturalista-philosopho, elle tambem recebeu: entra-se, lá, n'um retalho de mundo antigo, mergulhado na desordem da era primaria; tem-se uma «visão paleozoica» de florestas carboniferas, embora de especies vegetaes superiores, a cujo lado escorregam saurios caracteristicos, e onde pouco depois existirão as primeiras aves, ainda mal acabadas, na pressa com que a natureza as recompoz.

Então Euclydes cita a *cigana*, que o proprio Bates já apontára como ave de typo em andamento, e Geoldi estudára minuciosamente.

A cigana *Opisthocomus cristatus* dos ornithologos, é excellente citação. Por si só, a referencia basta para caracterisar o espirito profundamente synthetico do autor.

E' uma galinacea arboricola, cujos quatro artelhos se articulam ao nivel do mesmo plano, cujo esqueleto possue multiplas disposições ancestraes. verificadas por Huxley desde 1873. Vive em grandes bandos, que difficilmente diminuem, porque um cheiro desagradavel das suas carnes, que, na phrase de Bates, «os brasileiros chamam catinga», torna a especie inaproveitavel. Para melhor approximar esta ave archaica dos typos compositos, que viveram na era mésozoica, e que se hoje desenterram do *jurassico* e do *cretaceo*, archeopteryx e hesperornis, Goeldi, no Pará, Quelch e Beddard, na Goiana Ingleza, descobriram, nos membros anteriores dos jovens da especie, particularidades altamente interessantes; pois que, embora já transformados em azas, ainda possuem dedos individualisados, e no pollegar e no indicador, mergulhadas nas pennas, garras bem definidas como as dos saurios.

Wallace, em 1876, já dizia que a *cigana* era representante de grupos extinctos; Goeldi a considerava ultima sobrevivente daquelle typo transitorio.

A visão antiga do territorio amazonico completa-se na obra de Euclydes, quando descreve o Purús, cujas ca-

beceiras elle explorou com o passo de primeiro desbravador. Ao animo indiviso do philosopho aquelle meio tumultuario não se ajustou muito bem; Euclydes ficava lá indo-se-lhe os olhos em todos os vapores que desciam...

Como naturalista elle foi, antes de tudo, um admiravel ecólogo.

Debalde procura-se, na sua obra, a descripção individual. Nunca se preoccupou com um typo qualquer, mineral, planta, ou animal. Foi um grande naturalista que não descreveu uma « especie nova »...

Sua visão ia mais longe. A terra, a flora, a fauna, para elle, eram, apenas, elementos connexos do grande quadro. No valle amazonico, ou nas lombadas estorricadas do nordéste, só existiam, para o observador, peças do mesmo scenario. A natureza compunha o ambiente para os dramas historicos que assistiu e documentou; e, nella, elle via, individualisado, o homem.

Foi esse o elemento natural que absórveu, por toda parte, sua attenção. Ha espectadores que, assistindo a uma representação theatral, deixam-se embevecer pelo colorido das bambinellas, e peló brilho das gambiarras, pelas cores e pelas luzes; esquecem-se até do artista que se move sobre o palco...

O scenario os domina. Geologos, botanicos, zoologos são, todos, um pouco assim. De Euclydes, como de Humboldt, Martius, D'Orbigny ou Bates, pode-se dizer exactamente o contrario. Si elle não deixou, como os outros desta luminosa lista, monographias especialisadas, que, se quizesse, poderia ter composto, todavia, como elles, viu a natureza de um plano muito alto, e por isso mesmo, mais geral. Do grande Humboldt, principalmente, Euclydes muita vez se approximou, pela preocupação social que o animava, e pela força das expressões que encoutrou, para traçar suas titanicas descripções. Porém, mesmo nestas, ha multiplos traços individuaes.

Os quadros, elle os tracejou violentamente, « gizando-os », como elle mesmo dizia, o bastante para ca-

racterizal-os. Dos seus scenarios foi, talvez, a geologia o que mais o preoccupou; como se desejasse descrever antes o palco pizado pelos actores que via. Então o scientista surgiu, firme e incisivo, seja recordando o grande lago terciario, que recobria o valle amazonico, ou acompanhando grandes rios, gigantes brincando como crianças, visto que divagam como arroios.

A divagação hodierna do Purus, documentada pela comparação das cartas de Chandless e de Euclydes-Bueñano, representa um dos mais importantes factos geologicos adquiridos pela sciencia brasileira. Levantadas a 40 annos de distancia, uma da outra, as cartas do curso do Purus, executadas pelo honesto geographo inglez, e pelos delegados da Commissão Brasileiro-Peruana de 1904-1905 não coincidem em muitos pontos, porque o rio, de 1864 a 1904, parte de um mundo em formação, variou de leito, e onde Chandless passou em canoa, Euclydes achou florestas de embaubas. Euclydes navegou em trechos do rio onde Chandless « contemplou bellos recantos de floresta ». Outra contribuição pessoal, nesse mesmo terreno, é a nota referente á formação dos *sacados* ou *tipiscas* circos de erosão, que o rio antigo não apresentava; dos *salões*, segundo a giria local, baixios fluviaes de argila vermelha, e, finalmente, o grupamento de paus cahidos, que elle indica de um modo inteiramente original, com a denominação de *abatizes submersos*. Eis ahi uma feição puramente brasileira de um phenomeno geral, documentada por Euclydes.

Abatizes submersos! – que linda expresão para nomear um accidente dos nossos rios centraes, que escorrem entre florestas e se carregam de galhos e madeiras!

Em certos pontos as frondes despedaçadas se entrelaçam, accumulam-se no fundo; e surge. assim, um recife, ramificado como os de coral, perigoso á navegação das canoas como aquelles o são ao caminho dos grandes barcos. O emmaranhado de troncos e galhos,

obstaculos que, muitas vezes, bastam para impedir a marcha, ou mesmo para abrir as embarcações e fazel-as naufragar, lembrou a Euclydes antigas trincheiras, que os militares chamavam abatizes, nos tempos em que a tactica se resolvia sobre o solo, e os homens não luctavam como formigas e ratos...

E porque tal foi sua situação, de espectador quasi alheio ao *décor* e fascinado pelo actor, Euclydes muitas vezes viu nossas paizagens immotas. Os quadros pareciam-lhe iterativos ; sentia-os monotonos, porque não attentava bem nas variações.

Euclydes andava no mundo com os olhos abertos para ver os movimentos e as expressões do homem : com a alma por demais occupada para deleitar-se em procurar as linhas miudas das coisas circumvizinhas.

Muitas vezes andava tambem vendo dentro de si mesmo, com os olhos parados, de quem descobre o antro em que vive o dragão de uma dor...

A *ecologia*, na bella expressão de Morselli, cuida da "harmonia di tutto il creato". Veio, portanto, desde Aristoteles, sem nome especial, passou por Buffon e Humboldt, e foi baptisada por Haeckel, em 1889, sendo errado affirmar que o creador do termo fôra o illustre botanico Warming, o qual até em 1896, restringiu seu conceito ás relações das plantas com o meio. Porém, na verdade, o conceito real é mais amplo. Os naturalistas que o acceitam, e trabalham para reformar os moldes segundo os quaes os seres devem ser estudados, só farão trabalho util procurando. sempre, mostrar aquella harmonia de toda a criação.

Emquanto todo mundo repetia que a lei suprema,na historia dos seres vivos, é a lucta pela existencia, gerando a selecção dos mais aptos pela eliminação dos outros ; emquanto os scientistas se esqueciam das construcções geniaes de Lamark, que demonstravam a insophismavel influencia do meio. gerando a adaptação dos organismos, a ecologia não se podia comprehender. Hoje, porém, o

néo-lamarkismo passou a dominar, juntando-se á doutrina de que as especies podem gerar outras novas, sem luctas, por mutação, e ás leis da predominancia de caracteres hereditarios, formuladas pelo frade Mendel. Posto de lado o puro darwinismo, eminentemente separatista, o mundo sabio póde acceitar facilmente a ecologia, como historia integral da Natureza.

Todo estudo especialisado passa a ter destino muito mais elevado, desde que se o considere como elemento indispensavel á representação completa de um canto do nosso planeta.

O estudo das especies vai-se approximando do ideal physiologico; os naturalistas já se não contentam em descrever as fórmas e as disposições, graudas e miudas, de plantas e animaes; procuram conhecer os segredos da existencia dynamica de cada qual.

E afinal, para dar o seu a seu dono, forçoso é reconhecer que a moderna ecologia é pouco mais que o estudo do organismo no meio, conforme a concepção de Blainville.

Os naturalistas que tanto se esforçam por classificar os mineraes, as plantas, os animaes e os homens, não se hão de espantar se aqui fôr ensaiada a chave taxonomica de sua ordem...

Ella póde ser dividida em quatro grandes familias...

Ha morphologistas; ha physiologistas, ou como alguns preferem dizer, com pouca propriedade, biologistas; ha taxonomistas, decididos a arrumar os seres em grupos, de modo a pôr um pouco de ordem na desordem da criação; ha ecologos, que vêm a Natureza como é, cheia de entrelaços e entrefolhos, que a sciencia mal póde separar.

Assim era Euclydes da Cunha.

Para elle a natureza do Brazil era global; só a via em conjuncto.

Como um professor do Museu moderno recompõe num grande mostruario a miniatura de uma região, ajuntando na desordem natural os elementos de estudo que o methodo antigo separava, Euclydes descreveu sempre

o que viu, por essas nossas terras, sentindo o conjuncto dos seres.

A's vezes descreveu minucias, mas só para bem dar ideia do todo, e apanhar o movel das acções do elemento mais trefego do systema: o homem, fosse elle o jagunço sertanejo, o caucheiro conquistador, o seringueiro industrial.

Faz sempre a synthese dos quadros; procura meticulosamente as ligações com o passado, e dellas tira illações para o futuro. No Brasil não houve, desde Varnhagen, que era caçador-naturalista, ethnographo e historiador, ninguem que mostrasse objectivamente, como Euclydes, as ligações das sciencias naturaes com as que se chamam sociaes.

Se alguma vez o conceito de nação formulado por Fred. Ratzel: um pedaço ds terra habitado por um povo, resaltou luminoso da obra de um escriptor, foi certamente do livro monumento de Euclydes.

O caracter integral de sua obra, pequena e profunda, é esse: Euclydes é um ethnologo. Os «Sertões» são um tratado de ethnographia sertaneja.

Nas descripções phytographicas peculiares e indispensaveis, a propria terminologia resulta-lhe tendenciosa. Elle não vê as plantas senão como viu a terra. Esta, o supporte do homem; aquellas, elementos circumstantes, governando sua vida.

O povoamento da Amazonia, com suas modalidades proprias, resultou antes da flora; o caúcho—(Castilloa sp.)—é arvore que vive espalhada em areas enormes, e não fornece latex senão uma só vez. Nada adeanta ao caucheiro golpeal-a em diversas sessões, porque ella não resiste. Então elle a abate logo, aproveitando-lhe todo o latex. A hevea—(seringueira)—ao contrario, é planta que vive em sociedade espalhada em ambito relatimamente pequeno. Póde ser golpeada muitas vezes; e ella, «arreiada», fornece leite durante muito tempo, soffrendo os novos golpes quasi sem deperecer. Enfraquece, torna-se anemica, murcham-se-lhe as folhas tristes, como escrava que padece, resignada, o castigo de um barbaro senhor; mas resiste.

Pois o caucheiro é nomade, gerado pelas condições da vida da planta a que ligou seu destino; e o seringueiro é sedentario, obrigado a zelar pela «estrada», onde se alteiam as madeiras que lhe dão trabalho fixo.

«Todo o alto «Madre-de-Dios», escreveu Euclydes, e todo o alto Ucayale foram entregues á sciencia geographica pelos audazes matteiros, de que é Fiscarrald—(Fitz-Carral)—a figura mais completa. Nestas largas peregrinações, sendo inevitavel o continuado encontro de tribus variadas, educou-lhes a combatividade em constantes refregas contra o barbaro, que lhes deram, consequentemente, mais incisiva que a feição industrial, a feição guerreira e conquistadora».

Sem o caucheiro e sem o serigueiro, toda a região balisada pelo Inambari e pelo Tarauacá, n'uma extensão de 7.º de latitude, diz Euclydes, dos Pampas do Sacramento ás margens do Madeira, seria ainda o deserto. Não esqueçamos agora que esses transformadores de deserto, esses representantes da cultura moderna, no que ella tem de essencial, na sua immensa maioria, são individuos mestiços, nascidos nos estados do nordeste brasileiro...

No sertanejo do nordeste, crystalisado no prisma irregular que é o jagunço, forma em que a hemiedria de uma raça, denunciadora de multiplices cruzamentos se desenha, achamos o mais interessante dos personagens com que Euclydes da Cunha praticou.

«Intentamos esboçar os traços mais expressivos das sub-raças sertanejas do Brasil»—disse elle nas primeiras paginas nos «Sertões»; e sua contribuição scientifica foi, dest'arte, culminada em um livro de genuina ethnographia.

Apezar das falhas doutrinarias, quem não as tem? daquelle livro unico, ali se coodernaram pela primeira vez, com programma assente e claro, estudos das populações realmente brasileiras do Brazil; porque no Brazil, quanto peza dizel-o! ha populações, além das indigenas, que só por desleixo de linguagem tem aquelle nome...

O autochtonismo do homem americanô, o esmaga-

mento fatal das raças fracas, os males do cruzamento — eis algumas doutrinas pouco seguras que Euclydes acceitou, para estudar as acções do grande drama que assistiu ao redor de Canudos, a «Troia Sertaneja» que o caracter de patricios, incultos e fortes, ergueu nos sertões do S. Francisco.

Ora, o autochtonismo do homem americano está longe de ser provado : ao contrario, nem os fosseis das cavernas do rio das Velhas, nem os que, nestes ultimos annos foram desenterrados na Argentina, são peças convincentes de seguro autochtonismo. Ha, hoje, bastos documentos de que uma raça antiga, sufficientemente caracterisada por disposiçoes osseas especiaes, principalmente por extraordinaria altura e insolito alongamento do craneo, — (Hypsistenocephalia) — habitou grande parte do continente sul-americano. Seus primeiros representantes conhecidos foram os que se fossilisaram em Lagoa Santa; porém, por toda a America, successivamente foram apparecendo restos dessa gente ; em 1881, na Argentina ; em 1884 na California ; em 1908, no Equador. E taes achados, de Lund, Roth, Ten Kate, Rivet, são hoje filiados na raça paleamericana (de Quatrefages) ou raça da Lagoa Santa.

E' raça autochthone ? Não parece.

Nas cavernas brasileiras Lund encontrou esse homem fossil junto com ossos de animaes extinctos : onças, tatús, capivaras, cavallos differentes dos typos hodiernos. Provada a contemporaneidade de todos esses restos, receberia a theoria do autochtonismo excellente subsidio : a certeza de uma grande antiguidade do homem na terra brasileira.

Porém, um exame cuidadoso das condicçoes da jazida, realizado por Lütken, veio contestar o isochronismo da existencia do homem e daquelles animaes. A raça de Lagoa é, portanto, mais recente ; e, por melhor proval-o, basta considerar que muitos dos seus traços anthropologicos se encontram em populações que ainda vivem : Botucudos, Fueginos, etc. Resta, todavia, aos partidarios da origem americana dos amerindios, a theoria argentina,

que Euclydes não conheceu, mas que vale a pena resumir em duas palavras : a Argentina foi o berço da humanidade. Ali, nos terrenos pampeanos que Ameghino filiava no terciario (mioceno), encontraram-se uma vertebra (atlas) e um femur, que o sabio paleontologo considerou como fosseis de um animal differente do genero *Homo*, a que chamou *Tetraprothomo*. Desse typo foram sahindo, por evolução gradual tres outros : *Triprothomo*, *Diprothomo* e *Prothomo* ; e. deste ultimo, surgiram então, de um lado, o homem americano, que se differenciou em branco e amarello, e do outro, o homem negro, que se degradou em macaco.... O macaco passa, nesta doutrina, de tio avô a néto...

Na America do Norte, onde sem medir despesas nem sacrificios, estudam-se hoje estas questões anthropologicas com verdadeiro luxo de minucias, organizou-se, ha pouco tempo, uma expedição destinada a verificar, de modo positivo, as relações existentes entre as populações asiaticas septentrionaes e as hyperboreas americanas.

Tratava-se de tirar a limpo os documentos comprobatorios da origem asiatica dos indios.

Foi a « Jesup North Pacific Expedition. » Seus resultados foram fataes á doutrina do autochtonismo.

A verdade é que o homem parece ter chegado, na America, por ultimo ; não é provavel que tenha assistido qualquer transformação geologica do continente. Quando muito, coube ao grande planalto brasileiro servir de meio, em que se differenciaram os typos immigrados em épocas remotas.

O esmagamento fatal das raças *fracas* pelas *fortes* é outra doutrina que Euclydes, como todos os — eo-darwinistas, defendia.

Nossos sertanejos, de qualquer nome e feitio, extinguir-se-ão bem cedo, não porque sejam assimilados pelos contingentes europeus que os modificam, e por elles são tambem modificados;nossos typos cruzados,essencialmente representativos do povo que se formou aqui, vão sumir

brevemente, acreditava Euclydes, esmagados pela civilização, porque não podem mais attingir, na evolução que devem soffrer para acompanhar o progresso, a velocidade de transformacão indispensavel.

Sua inferioridade, pensava elle, deriva do cruzamento. E então, Euclydes escreve a mais formidavel pagina pessimista sobre o valor negativo dos mestiços. Ouçamol-o :

« A mistura de raças mui diversas é, na maioria dos casos, prejudicial. O mestiço é quasi sempre um desequilibrado ; os nossos, em particular, mulato, cafuz ou mameluco, são decahidos, sem a energia dos ascendentes selvagens, sem a altitude intellectual dos ascendentes europeus. Espiritos fulgurantes, ás vezes, mas frageis, irrequietos, inconstantes, deslumbrando um momento e extinguindo-se prestes, esmagados pela fatalidade das leis biologices, chumbados ao plano inferior da raça menos favorecida, quando são capazes de grandes generalizações ou de associar as mais complexas relações abstractas, todo esse vigor mental repousa (salvo excepções) sobre uma moralipade rudimentar em que se presente o automatismo impulsivo das raças inferiores.»

Ao escriptor fulgurante dessas heresias anthropologicas, que actualmente nem mesmo os mais ferrenhos darwinistas acceitam integralmente, coube a gloria, immorredoura, de demonstrar, no mesmo livro-monumento, onde se encontram taes reminiscencias de enthusiasticas leituras de Agassiz, o valor insophismavel, esmagador, de mestiços que o sólo do Brasil permittiu se gerassem cobertos pelo céo dos tropicos. Porque, Euclydes mostrou que o jagunço é mestiço ; e da maneira por que provou o seu valor moral e pratico não é preciso dizer, tão brilhante ainda ella perdura na consciencia dos que leem, no Brasil. Ora, aquelle pessimismo, injustificavel numa testemunha ocular da tragedia de Canudos, é a repetição dos conceitos errados de Agassiz, naturalista que sahiu do Brasil deixando, atraz de si, a tradicção de tres erros colossaes : os blocos erraticos da Tijuca, as especies ichtyolo-

gicas individuaes do Amazonas, a mestiçagem da população do paiz :

« Ceux qui mettent en doute les pernicieux effects du melange des races et sont tentés par une fausse philanthropie de briser toutes les barrières placées entre elles, devraient aller au Brésil. Il leur serait impossible de nier la décadence résultant des croisements, qui ont lieu dans ce pays plus largement que partout ailleurs. Ils y verraint que ce melange efface les meilleures qualités soit du blanc, soit du noir, soit de l'indien, et produit un type métis indescriptible, dont l'énergie physique et mentale s'est affaiblie...»

Agassis nasceu na Suissa: mas, quando escreveu isso, era professor nos Estados Unidos, onde se lynchava um negro com a mesma facilidade com que se mata um mosquito...

A base dessa doutrina é o conceito da *gerarchia das raças*, um dos themas predilectos do dilettantismo scientifico.

Comissão Brasileira de Reconhecimento do Alto-Purús, da qual foi chefe Euclydes da Cunha.

Diversificam-se effectivamente as raças humanas, nos attributos do corpo todo: e o typo cerebral de cada qual, não permitte que se as considerem no mesmo gráo de semelhança. Até ahi, todas estão de accordo.

Onde, porém, a dissidencia começa, e os erros se avolumam de um lado, é na seriação dos typos; porque a verdade é que ellas se differenciam no mesmo nivel. As raças são desiguaes como as radiações do espectro. Do vermelho ao violeta, todos os raios occupam o mesmo plano.

E' innegavel que ha raças mais *intelligentes*; outras mais *sentimentaes* e terceiras mais *pertinazes*. Tambem no espectro ha raios calorificos, raios luminosos e raios actinicos. Ide pedir calor dos raios ultra-violetas; e se o vos não derem chamal-o-eis de *inferiores*?

Buscarieis luz nos raios infra-vermelhos, e como elles só vos podem fornecer calor, dirieis: raios *inferiores*? E se pedisseis luz a estes e áquelles, e nenhum vol-a désse, porque só têm calor ou força actinica, gritarieis: — *inferiores*?

Não. As raças não se podem collocar em planos de altura differente, como as zonas do espectro não se podem adiantar ou atrazar, senão em intensidade.

Se a vossa phantasia vos levar a exigir do *negro* a intelligencia que não é o grande apanagio de sua feição psychica; do branco a *paciencia* do amarello, e deste a *sentimentalidade* do primeiro, fareis varios quadros, em que a *inferioridade* ethnica de todos, será brilhantemente documentada, cada qual de sua vez...

E terieis assim realizado, porventura, a observação scientifica das raças?

Estamos, em geral, habituados a julgar do valor dos homens pelo seu estado de civilização. Raças fortes, ou superiores, são as que tomam parte activa no progresso material e intellectual da humanidade, dizem os pregoeiros da anthroposociologia.

Porém essa experiencia lugubre, que se dilata e se retrahe, que se contorse como um reptil mal-ferido, excita-

do pelo golpe mortal, que a especie vae assistindo ha tres annos seguidos, basta para mostrar que o progresso material e mesmo intellectual, sem sentimento, nada vale.

Forte, é o povo altruista, que deseja prosperar á sua propria custa ; forte, é o povo honesto, que não enthesoura violencias para esmagar visinhos, e roubal-os pelas mãos de seus guerreiros ; forte, é o povo calmo, que agazalha o extrangeiro e lhe descobre, lealmente, os meandros de sua vida de familia , e nem sequer o despede se elle trahe, pelo crime, a gratidão da hospedagem ; forte, é o povo que desbrava um continente inteiro, luctando com selvagens, féras e doenças, e recorta a vastidão da sua terra de trilhos e caminhos, realizando uma obra anonyma, impessoal, que ha de ser a eterna gloria das gerações ; é o povo resignado, teimoso, abstémio, frugal, resistente, modesto...

E, por isso tudo, os brasileiros, sem orgulho e sem vaidade, simples, desataviados das linhas apollineas, pouco menos feios do que os japonezes, os brasileiros são fortes....

Tambem os japonezes, escreveu o professor von Luschan, cathedratico de anthropologia na Universidade de Berlim, nobre da Prussia, tambem os japonezes eram collocados entre as *racas inferiores*, eram homens crepusculares (Dämmerungs-Menschen), bem perto de tramontar.

Pequenos, feios, pelo conceito esthetico europeu, oriundos do cruzamento de chins amarellos, aïnos brancos e negros phillipinos, não ha como os japonezes para illustrar a controversia sobre os destinos da população mestiça do Brasil.

Conta Friedrich Ratzel uma historieta eloquente a respeito deste caso. Entre os estudantes que acompanhavam o curso de Broca, que embora mais conhecido pelos seus trabalhos sobre a historia natural do homem, era tambem professor de cirurgia na Faculdade de Paris, havia um moço baixo, amarellado, de cabellos muito negros,

quieto e trabalhador. Um dia, ouvindo o estudante, interrompe o mestre a conversa e pergunta-lhe admirado :

– Não sois japonez ?

– Não, responde o moço ; sou do Brasil. Mas, em Paris tenho passado muitas vezes por japonez....

O episodio de Canudos, ao contrario do que Euclydes pretendia, não foi o começo do esmagamento de uma raça fraca ; foi o desdobrar solemne das energias adormidas naquelles atrazados sul-americanos, cuja apparencia nipponica não devemos, todavia, accentuar pela injecção de mais sangue amarello, ao gosto de alguns capitalistas...

Existe nessa questão da hierarchia das raças uma fabula incluida, uma moralidade implicita. Emquanto se tratava de deprimir apenas os povos negros e amarellos, procurando provar, de todo modo, sua inaptidão para o progresso, sua incapacidade anatomica e psycho-psysiologica para a civilização, pouca gente protestava, entre os scientistas europeus e americanos.

A doutrina anthropologica da desigualdade, servia até, muito bem, ao ideal dos inglezes, que desejavam dominar o Transwaal ; dos Francezes, que se empenhavam em conquistar Madagascar e a Algeria ; dos Italianos, que cubiçavam a Erythréa. Porém, um bello dia, um diplomata francez, de Gobineau, de quem os diplomatas diziam que era grande anthropologista, e os anthropologistas affirmavam que era excellente diplomata, homem de bôa penna, começou a escrever com calor, em prol de uma these ainda mais apurada :

Mesmo na raça branca ha typos destinados á servidão, e outros predestinados ao dominio ; os dominadores seriam os celeberrimos «aryanos», gente escolhida que, nunca, ninguem conseguiu encontrar homogeneamente caracterizada. Porém, em França mesmo, completou-se a falha da doutrina; e, desde 1896, Lapouge proclamava que o typo dominador tem caracteres anatomicos definidos: é alto, tem craneo longo, cabellos louros e olhos claros.

Mas, a theoria começou a infiltrar a politica externa da Prussia, e foi citada para justificar o esmagamento impiedoso da França, em 1870, para justificar ameaças, e para preparar a trituração da Belgica em 1914... ; então, aterrorizados com a construcção que tinham ajudado a erguer, os scientistas enthusiastas cahiram em si...

E hoje...

O pobre negro, inferior, a imprestavel... é talvez o mais forte baluarte da linha, atraz da qual se asylam os verdadeiros monumentos da civilização. O negro, que toda hora nos era lançado em rosto, como attestado escandaloso da nossa inferioridade ethnica, desmente no solo da Europa aquelles tristes vaticinios ; e até os medicos francezes já o consideram o soldado de melhor sangue: é o que resiste mais ao calor, ao frio, aos ferimentos e ás doenças ; é dos mais valentes, dos mais sobrios, dos mais disciplinados.....

Estamos de accordo...

A Europa se povoa de mulatinhos e já devora feijão preto ; presente-se que vae chegando a hora da rehabilitação dos *povos feios*.

E quando vier o fim da lucta, o negro será chamado irmão pelo altivo indo-europeu.

Dois preconceitos hão de ruir, com os destroços daquelle cataclysma humano : o preconceito da raça e o preconceito da força. Porque o conflicto demonstrou que a violencia já não basta para resolver as questões que se levantam entre os homens ; e forneceu, aos calumniados da sciencia, a opportunidade que até então lhes tinha faltado.

Eis ahi a grande illusão de Euclydes, que consistiu em considerar *inferior*, gente que só era atrazada ; incapazes, homens que só eram ignorantes.

Que o mestiço do centro do Brasil representa um typo muito mais definido, e portanto, mais adiantado que o do littoral, ninguem póde contestar. O immenso littoral deste paiz é uma continua ameaça á sua nacionalização ; o trabalho demorado de anthropogenesis, que se vae no sertão affeiçoando, é, na costa, continuamente perturbado

por accessorios elementos; ahi, Euclydes acertou. Porém, muito maior mal do que essa injecção de sangue extranho, como corpo perturbador da reacção, é a influencia deleteria do cosmopolita, ganancioso e desmoralizador, que turva o meio social nos centros directores da nação, para dominar mais depressa e enriquecer mais socegado.

A mestiçagem que deu o jagunço, apezar de tudo, foi a mesma: o jagunço não é mameluco, filho de indio e branco.

Euclydes o estudou na Bahia; pois Bahia e Minas são os dois Estados da União em que mais se espalhou o africano.

Elle se esforça por mostrar que o isolamento, condicionado pelo meio physico, preservou a evolução do cruzamento que forneceu aquella variante admiravel. E' incontestavel que a segregação fortalece as especies, garantindo-lhes a differenciação dos typos originarios; é uma realidade a lei de Wagner.

Todavia elementos não faltam no livro dos «Sertões» para provar que aquelles homens que «antes de tudo eram fortes», tinham fartas gottas de sangue negro. E' só reler a descripção do poviléo de Canudos:

«Todas as idades, todos os typos, todas as côres... Grenhas maltratadas de creoulas retintas; cabellos corredios e duros, de caboclas; trunfas escandalosas, de africanas; madeixas castanhas e louras, de brancas legitimas, embaralhavam-se sem uma fita, sem um grampo, sem uma flôr, o toucado ou a coifa mais pobre».

Quanto aos homens, aquelles indomaveis espartanos, que não morreram para a historia, porque o genio de Euclydes os amparou, na ponta da sua penna, brilhante como um relampago, a mistura é a mesma: Antonio Beatinho, o discipulo mais chegado do apostolo delirante, era mulato; Pedrão, que com 30 homens guardava, contra um exercito, as vertentes da Canna-Brava, era cafuso: Estevam, guarda da estrada do Cambaio, era negro; e tinha o corpo tatuado á bala e á faca.

Taes foram os maximos representantes daquella gente mestiça, cujos caracteristicos Euclydes traçou em paginas que afortunadamente o mesmo leitor póde encontrar mais adiante, para attenuar o que elle diz dos mestiços nos primeiros capitulos. E' licito então concluir: o sertanejo resultou de complexa mestiçagem; seu typo sublimou-se numa completa adaptação ás condições ecologicas: elle é um forte; representa um verdadeiro typo de raça brasileira.

Eis ahi, nessas conclusões fataes da grande obra de Euclydes, a justificativa da sua glorificação scientifica.

Como aquelles grandes descobridores, que mal imaginam as applicações futuras dos seus achados, elle procurou ouvir, demasiadamente, o que alguns scientistas segredavam sobre typos que mal conheciam; preoccupou-se demais com os quadros horridos que teve de pintar, e mal percebeu que uma nação que possue filhos daquelle molde, que elle chamou de «titans» á falta de melhor, não pode deixar de conquistar o seu lugar no mundo, caminhando para o dominio integral da sua terra.

Tenho por seguro que o contraste que Euclydes apontava, entre o jagunço e o gaucho, ao envez de ser um mal. para a nossa força de nação é uma das nossas melhores garantias. Ligados pela mesma lingua, ambos, o paciente e o affoito, o alto e o baixo, o alegre e o triste, differentes no typo morphologico e nos costumes, têm qualidades que se completam, adornando uma alma commum.

O gaucho tem a iniciativa prompta, o impeto fogoso. o ardor vibrante; o jagunço tem a firmeza e a resistencia; calcula friamente, é tenaz.

A pathologia elucida muitas vezes as ligações normaes dos phenomenos, que só quando exagerados pelo estado morbido se pódem apprehender; e o episodio de Canudos em miniatura, repete-se no Contestado. Tenho em mãos documentos altamente interessantes, para o es-

tudo da psychologia dos «fanaticos» de Tamanduá: orações fetichistas, armas de madeira, votivas, objectos do culto religioso paranoide. A alma dos camponios do Brasil, fóra, longe das zonas em que a nossa desidia tem consentido na diluição dos nossos traços mais individuaes, é uma só.

Não teremos unidade de raça, exclama Euclydes. E que povo a tem?

Todos os europeus, segundo hoje se acredita nasceram do cruzamento de uma raça de craneo curto (raça alpina), com typos negroides, de craneo longo. E nem por isso existe unidade raça naquelle continente. Quantos typos na Allemanha, que é o mais coheso grupamento humano que a historia contemporanea regista?

E' que as noções de raça e povo baralham-se muito frequentemente, mesmo na linguagem dos scientistas. E assim foi na de Euclydes.

As raças destinguem-se por caracteres somaticos: são unidades biologicas. Os povos, ao contrario, caracterizam-se por elementos *sociologicos*. E, por isso, um mesmo povo póde ser formado de raças mui diversas sem maior perigo para o seu futuro, desde que os fundamentos de sua sociedade (lingua, fórma de governo, familia, historia, etc.) forem mantidos no ambiente commum.

Aqui, ainda, a terra do Brasil, com a sua vastidão, suas bellezas e seus antagonismos, offerece perigos ao seu povo.

Os traços realmente originaes, na contribuição naturalistica da obra de Euclydes da Cunha, acham-se no capitulo terceiro dos Sertões. São apenas 35 paginas; mas, em synthese suprema, ali está, esboçada, a ethnographia sertaneja, naquelle estylo cujo molde o crime partiu, ha 8 annos; naquella linguagem que faz lembrar a magestade das florestas, quando segredam ao caminheiro, na apparente confusão dos sons profundos, os mysterios de toda a Terra.

E no Palacio da Bôa Vista, onde meu desejo vê, plasmada, a alma da minha patria, a «Sala Euclydes da Cunha» guarda, nos seus mostruarios, a vida dos sertanejos.

Afranio Peixoto

Euclydes da Cunha: dom e arte do estylo

Conferência realizada em 15 de agosto de 1919, em comemoração do centenário da morte de Euclides da Cunha, na Biblioteca Nacional. Artigo publicado no livro *Por Protesto e adoração:* In memoriam *de Euclydes da Cunha* - Edição do Grêmio Euclydes da Cunha 15 de agosto de 1909-1919.

Uma grande gloria pesa sempre aos contemporaneos. Se ella não é o que os homens mais ambicionam na vida, é certamente o que menos perdôam aos seus semelhantes.

Não espanta que Aristophanes preparasse a cicuta de Socrates, que Virgilio e Horacio nem sequer pronunciassem o nome de Cicero, que Madame de Sevigné, com egual clarividencia, prophetizasse, Racine passaria, como havia de passar a moda recente do café...

Quando um monstro, um Hugo, depois de encher um seculo com a atroada e o clarão do seu genio, mor-

re por fim, a humanidade que elle coagira ao admirar, suspira desabafada, e tacitamente conspira, dahi por diante, em não lhe repetir uma imagem, declamar um verso, reler um livro, divertindo-se em lhe devassar a intimidade para o reduzir á miseria commum dos viventes. Ai de quem possue uma gloria exclusiva, e, portanto intoleravel, ou peior, uma gloria duradoira, e, então, fatigante!

O nosso Euclydes da Cunha não correu, felizmente, este risco. Se o seu livro lhe deu immedinta e alarmante consagração, de grande escriptor, lido, treslido, e ás vezes decorado, paginas inteiras, como eu mesmo vi, e deponho por testemunho, do norte ao sul do paiz, desse litoral onde vivemos ainda, «arranhando as praias como carangueijos» no dizer do velho chronista, áquelles sertões broncos, adustos e longinquos, que elle trouxe definitivamente á preoccupação nacional, o mau destino do homem, servindo á gloria do artista, pôs fecho tragico naquella trajectoria de astro, e «por protesto e por adoração» nos reuniu, seus amigos e seus admiradores, nesta homenagem que todos os annos lhe prestamos, e já vai por dez annos! com uma espontaneidade que não se distrae, sempre e mais crescente fervor!

Lembra-me a commoção, em Ravenna, no mausoléu do Dante, vendo arder, noite e dia, uma pequena lampada votiva que illumina como apotheose tocante o longo somno do Poeta. Veiu-lhe o oleo de todas as partes do mundo, dessas Sociedades Allighieri, que assim como disseminam a cultura latina e o culto da «Divina Comedia», num symbolismo magnifico entretem a chamma da perpetua adoração ao genio que lhe personifica hoje as tradições do passado millenar, a lingua nacional, a gloria literaria, as reinvidicações politicas, como se fora o mesmo transumpto da Patria ... Que valem as estatuas frias e apagadas no centro isolado das praças ou nos desvãos abandonados dos parques, diante dessa solicita e carinhosa, lucida e ardente glorificação.

Assim sois vós, mocidade de minha terra, que vos esqueceis dos tumulos da idade e das solicitações da hora que passa, para recordardes ao Brasil desattento que um dos seus filhos, dos maiores pelo talento e pela bravura, passou sem cumprir todo o seu destino, impedido brutalmente de dar toda a seara do oiro do seu genio e que é mister e justiça consolar, compensar, exaltar, na pompa destas commemorações!

A SIGNIFICAÇÃO d'«OS SERTÕES»

Euclydes da Cunha deve ser louvado, não com epithetos, mas na sua obra, no seu grande livro, no merito incisivo delle, pelo qual tocou e prendeu a alma nacional, o estylo, com que conseguiu reunir a attenção dispersa e interessar a esquiva curiosidade do Brasil.

Quem reflicta sobre as causas do exito triumphal desse livro, desde 1902,

Ce siècle avait deux ans...

poderá achar varias, que serão de segunda ordem, sem esta primeira e maior que é o estylo d'«Os Sertões».

Será, pois, este o nosso thema.

O livro tem, entretanto, um endereço patriotico e um alcance scientifico.

E' a denuncia da incapacidade civilisadora que até agora tem sido o nosso peccado, ainda sem remissão, talvez sem penitencia, no desbravar e possuir o continente que nos legaram os nossos maiores e que lhes coube mau grado delles, na fortuna do mundo distribuido aos aventureiros.

Um episodio bem caracteristico é o pretexto do volume. O livro, porem, é, propriamente, uma monographia, como o estava a pedir a raça sertaneja, que os povos colonizadores constituiram durante estes quatro seculos no recesso de terra, e da qual sahirão amanhã, de-

puradas as origens adventicias e autochtonas que hão de desapparecer, os verdadeiros brasileiros, naturalizados, pelo clima, pela adaptação, pelo condicionamento, pela labuta, pelo soffrimento e pelo amor a donos do Brasil.

Ja Sarmiento havia dado na Argentina, nesse outro livro de genio, «Facundo», o exemplo de uma monographia-biographica do homem, symbolo grandioso de uma raça e de um momento historico, nas terras livres e licenciosas da America. Um seculo de caudilhismo sanguinolento, rapace, irrequieto, entrecortado de gestos cavalheirosos e de inauditas violencias entre a miseria dos campos, a indifferença das cidades, a tristeza do deserto e a ancia pela civilização, ahi estão nesse livro, o primeiro dos maiores que o continente começou a produzir. Data com effeito de 1845 e foi escripto para desaffrontar a Civilisação promettida a America, contra a tyrania, agora de Rosas, que ainda nesse tempo aterrorizava o Rio da Prata. Tambem «Os Sertões» são um revide á barbaria, que mantida pela incapacidade do homem, é afogada por elle num momento de desespero numa chacina de caudilhagem.

Sarmiento retrata no «Facundo», antes que desappareça, mais meio seculo transcorrido talvez, a historia torva e deploravel do primeiro instante de emancipação desse espirito americano, filho de Terra Virgem e do Colono devassador, criatura grosseira, insubmissa, turbulenta, e, entretanto, capaz de esforço disciplinado e proveitoso, para a prosperidade e para a razão educada, que felizmente lhe vêm chegando. O quadro da terra grossa e das gentes grosseiras cercam as figuras do drama: são os pampas e as cordilheiras, o rastreador, o vaqueano, o gaucho, o caudilho; a insubordinação, a revolução, a guerra civil, o despotismo, cercam e dão perspectiva sinistra á figura tragica de Facundo Quiroga, seus asseclas e inimigos, «heroes e bandidos» da mais negregada especie que tem conhecido os annaes da humanidade.

Euclydes da Cunha era genio para empresa semelhante. Lembra-me que concordamos uma vez neste pen-

samento. Servia elle ao Ministerio das Relações Exteriores e falou-se que seria mandado ao Rio da Prata, ao Paraguay, como Ministro plenipotenciario.

Reluctava, timido e desageitado, se podia desempenhar as funcções futeis do cargo, que, parece, são, hoje em dia, as da maior preoccupação, não só dos mandantes como dos mandatarios. Não pensei no protocolo e muitas vezes lhe implorei que acceitasse, porque nos traria uma epopéa de Rosas, Francia ou López, de Artigas, San Martin ou Bolivar, se conseguisse ir estudar-lhes os modelos e reminiscencias nessa America espanhola.

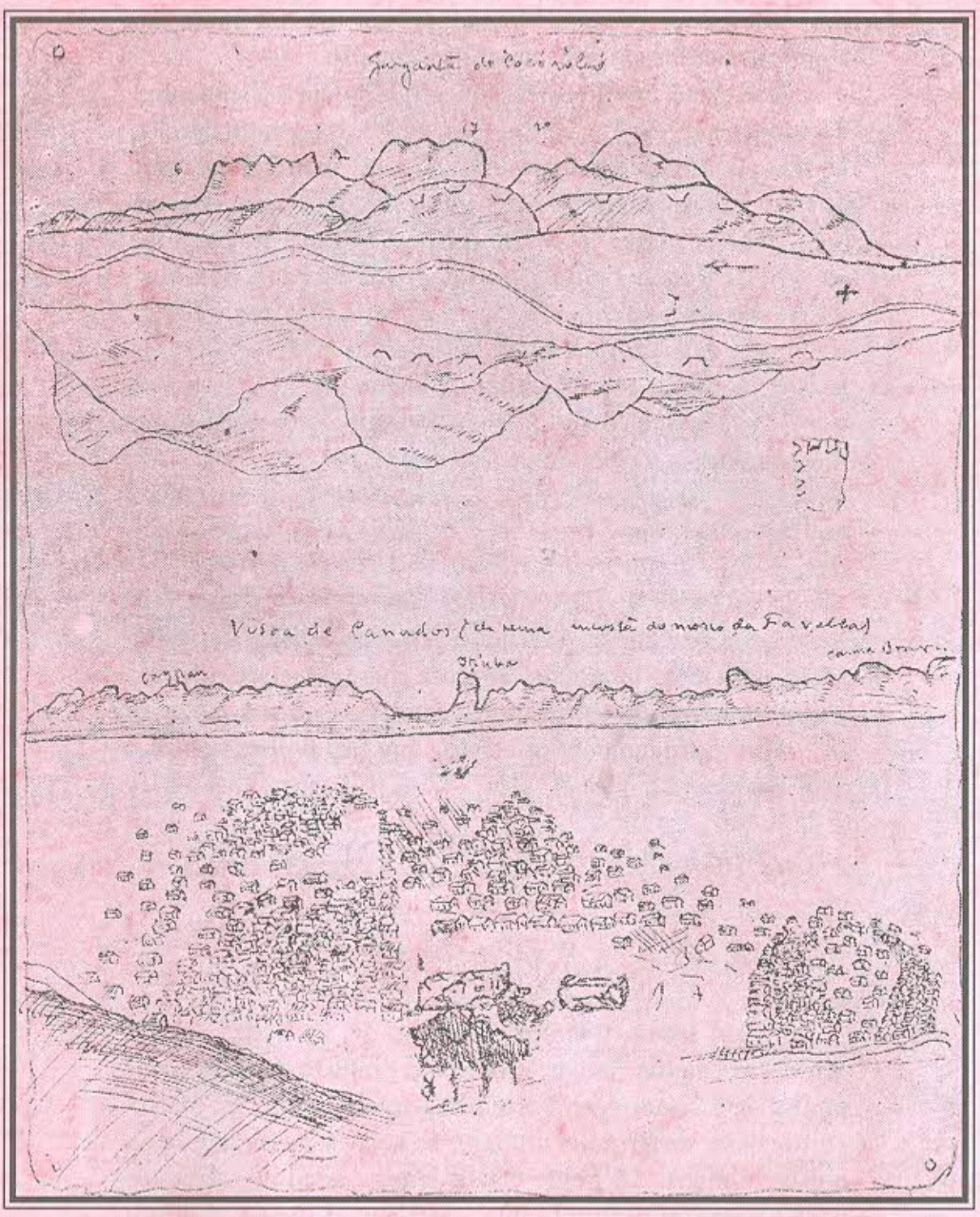
O jagunço que Euclydes estudara era um ser transitorio, esporadico, revivescente, periodico e sempre ephemero, como as crises que o suscitam, pela politica, a miseria, o fanatismo, o cangaço, quando assolam os nossos sertões. Não têm o relevo e a projecção symbolica e collectiva, que conduzem á Historia.

São os nossos caudilhos aborsos, e seus arremessos não chegam siquer a guerrilhas, porque pécam em aventuras policiaes. Imaginae agora a maravilha que elle nos daria, procurando os grandes caudilhos no seu meio.

Um Sarmiento com estylo, que prodigiosa replica a «Os Sertões» !

A INVOCAÇÃO

Foram estes o maior da obra de Euclydes. Teve tento em chamar assim, embora o pretexto fosse a Campanha de Canudos, embora o desenvolvimento da idéa o conduzisse da terra ao homem, ás acções desse contra os outros homens. A gente e seus feitos é anedota mediocre para o scenario deslumbrante e terrivel, o quadro empolgante e commovedor que nos descreveu, a penna apontada em diamante—«Os Sertões»! Elles dominam toda a obra, da primeira a ultima pagina, presentes sempre,



Fac-simile de croquis de Cocorobó e arraial de Canudos, extrahido do caderno do Instituto Historico.

perduraveis ainda talvez por seculos, como desafiando o nosso espanto e a nossa conquista... Um dia, ai de nós! muito remoto ainda, quando os domarmos em campos roteados e prestadios, serranias galgadas e abatidas, açudes e barragens que hão de criar e propagar a abundancia, nas paginas do bandeirante que no-los descobriu e revelou, em Euclydes da Cunha, teremos guardado o contraste do seu presente retrato...

Tamanha foi a impressão desse descobrimento ou dessa revelação, que teve força até para mudar a indole de um vocabulo da lingua.

Antes de Euclydes não havia sertões; parecia que o nome não comportava demasias, porque de si já era singular. O Sertão é o recesso, é o intimo do deserto, o «desertão», como o mundão é lá muito longe, ainda mais longe, onde o mundo parece acabar e recomeça o mundo... E' o augmentativo de uma qualidade; não tem plural. Deu-lh'o Euclydes porque, antes delle, reunira Coelho Netto algumas novellas sob este titulo: «Sertão». Depois, Affonso Arinos, encontrando um precursor, chamou a um seu livro de contos sertanejos, «Pelo Sertão». Euclydes da Cunha não pôde tambem ousar senão «Os Sertões».

E' um provinciano Coelho Netto, adoptado como o mais cidadão dos cariocas, mas, pela obra, se lhe descobre que vem de longe, da India, da Persia, da Grecia Antiga e apenas ás terras barbaras do Brasil concede, por prodigalidade, algumas mealhas, de cunho e de preço inestimaveis, como só os tem os seus thesouros. Affonso Arinos, esse era caipira, lá do Paracatú, das Minas Geraes, mas em S. Paulo aprendeu o caminho de Paris e viveu dahi por diante repuxado entre os seus ideaes, um que o prendia á terra natal e lhe dava assomos de ternura com que lhe contava, como ninguem, as historias rudes e pitorescas, outro que o atrahia de longe, para o fascinar, e distrahir da obra prima que nos devia e de que nos deixou apenas os grandes esboços.Euclydes da Cunha, não, era sertanejo e continuou sertanejo toda a vida, bem ca-

bôclo, ainda mais depois de devassar o Brasil, terra unica que conheceu e amou, de Minas ao Amazonas, de S. Paulo a Bahia, nunca affeito ás attitudes urbanas e polidas que a Civilização lhe impunha, obrigando-o, torturado e canhestro, a fugir para a solidão livre dos seus sertões. Só elle os poderia completamente comprehender e revelar, como o fez, nessa amplificação magnifica do seu livro, que lhe começa até na amplificação singular do titulo.

O PRESTIGIO

E esse, tamanha foi a influencia de a quem serviu, que é o dominador hoje em dia. Já não sabemos mais falar do sertão, porém dos «sertões» do Brasil, os «nossas sertões», que é preciso approximar com estradas, lograr com irrigação, agricultura, colonização, transportes, sanear com hygiene da saude e da educação, contra os males do corpo e da alma, acabando nelles os jagunços e cangaceiros, as sêcas e o êxodo, as sezões e a opilação, que os damnam e perdem para nós.

Os sertões estão na moda. Andam nas preoccupações politicas, jornalisticas, scientificas e literarias. Na occasião dos programmas e das promessas, quando o assumpto escassêa nas redacções, se ha sabio em disponibilidade, estão os letrados inappetentes de themas peregrinos, elles inspiram e suggerem o que lhes sobra de interessante, novo, esperançado, original, patriotico, com que satisfazer e abastar numa variedade ou numa distracção o cansaço ou a curiosidade das cidades no litoral. Como é proprio da industria seguir a sciencia, já os exploram sertanejos e sertanistas, endoçando, num proveito pessoal de momentos, esse bom gosto racional.

Foi Euclydes da Cunha que trouxe estes sertões até nós, nas paginas impressionantes do seu livro. Se os estudiosos das fontes literarias tiveram um dia de pesquizar as influencias que o precedem e donde vem como derivação, nós, os seus primeiros admiradores, po-

demos desde já iniciar a exegése social de tudo o que provem delle no Brasil, todo esse vasto movimento de idéas e de intuitos, até de gosto e de iniciativas, que alteram ou ampliam o roteiro da Civilização nacional.

Para dar exemplo, em assumpto literario que agora não quero desflorar e reservo para thema de futuro estudo, da serie que ides continuando, esse da influencia do livro de Euclydes da Cunha sobre os escriptores que vêm vindo, e até sobre os escriptores feitos, seus contemporaneos, venha um só exemplo que não deixará sem prova o meu asserto.

Lembrae-vos que ao maior dos escriptores nacionaes, a Ruy Barbosa, se ousou um dia, com bravura e originalidade, contrastar Euclydes da Cunha. Foi o paralello dos «dois grandes estylos». Só a intrepidez de Araripe Junior era capaz de tamanha temeridade. Conduzia-o á reprovação nacional, quasi certa, alem daquella penetração de espirito e excellencia de gosto que descobria e apreciava antes dos outros— e com que achou e encareceu a Euclydes da Cunha,— o arrojo, a independencia, a insubmissão — com que mantinha os seus direitos de livre critica, —com que se atreveu até o humourismo ou á caricatura épica, naquelles «Dialogos das novas Grandezas do Brasil.»

A comparação, se não impunha preferencia, deixava liberdade ao fervor—, mas exaltava logo Euclydes a uma tal preeminencia nas letras nacionaes que, por força, havia de impor a soberania delle aos mais desattentos, quando não aos contrarios. Já em outra occasião referi como Joaquim Nabuco, que poderia aqui representar o espirito classico, europêu e de importação, contra essa tendencia nova, americana, nacionalista, definira o estylo de Euclydes. Não seria composto com o estylete civilizado, mas escripto a cipó. A imagem pretendia caricaturar ousadias e truculencias, suppostas ou reputadas barbaras. Tal critica e tal antinomia bastavam para contentar a um grande ambicioso. Estava Araripe Junior justificado.

Outra autoridade, José Verissimo, pedagogo até na literatura, acceitando a originalidade admiravel da estréa, esperava que a consagração e o tempo fizessem o milagre e trouxessem o barbaro a civilizado, gastando-lhe as arestas, pòlindo-lhe as asperezas, compassado e commedido, nas obras successivas. Foi só no desespero dessas previsões, quando Euclydes continuou Euclydes, que lhe lembrou, como admoestação, o conceito do philosopho que só as coisas de gosto moderado possuem o dom de agrado, a tudo e a todos, taes como o ar, a agua, o pão nosso de cada dia... Os manjares extravagantes ainda saborosos, muito doces, picantes ou condimentados, terminam no enjôo. O brilho sempre offuscante, a fanfarra sempre heroica, da prosa euclydeana acabariam na fadiga.

Expunha o critico um principio de psychologia, collateral desse outro, que tem sua razão aqui: a constancia de uma sensação tira a propria consciencia della. Insensibilidade e fadiga se permeiam na continuidade das sensações identicas e prolongadas, mas então seja a prosa lisa e fluente de Machado de Assis ou revolta e encachoeirada de Euclydes da Cunha,

Contra toda espectativa, como na mocidade fizera a Castro Alves, o acolhimento de Machado de Assis a Euclydes da Cunha não teve restricção. Não foi das menores ironias de seu espirito esta de amar e admirar aos seus contrastes. Não só lhe deu com alegria o voto, quando bateu ás portas da Academia Brasileira, como mais tarde, ao desconfiado, esquivo e talvez rebelde academico, indicou para presidir aos seus pares, numa daquellas eleições em que só o suffragio de Machado de Assis quebrava a unanimidade com que sempre o reconheceram o primeiro da sua gloriosa companhia. Num cenaculo literario em que havia outras grandes figuras que sobre o prestigio social juntavam a condição imponente da idade, essa predilecção de Machado era para orgulhar a Euclydes da Cunha.

Os maiores, pois, foram tocados da força sumptuosa daquelle talento, que, irradiada pelo ambiente do seu

meio viria attingir, á distancia, os mais altos e nobres cimos da intelligencia nacional. Prometti dar uma prova que, por singular, não é menos bastante. E' o proprio exemplo de Ruy Barbosa. Até elle, na sua altura e no seu afastamento, no seu genio e na sua cultura, tão oppostos e diversos de todo o Euclydes, até neste se descobrem hoje em dia os vestigios da influencia euclydeana. Com effeito só depois d'«Os Sertões," só depois desse meio novo que elles criaram em nosso ambiente social e literario, se encontram na obra de Ruy Barbosa esta inclinação cada vez mais evidente ás coisas da terra e da gente, na sua rudeza selvagem, na sua espontaneidade barbara, que antes lhe repugnavam á cultura refinada e peregrina. De classico, castiço, brasileiro ainda lusitano pela lingua e pelas imagens, passou a brasileiro que não desdenha já as palavras de calão, o linguajar pitoresco do populacho, agora chamado «brasileirismos»... ou as comparações sertanejas, imaginosas e bravias metaphoras, uma vez possuam esse gosto acido, essa frescura espumante, do espirito agreste de nossa gente.

Enclydes da Cunha pode ser assim galardoado com um titulo magnifico, de mestre de nacionalismo. E mestre de que alumnos! Melhor prova da excellencia desse ensino não darei do que aquellas paginas de anthologia, intituladas «o minhocão», «o perdigueiro e o tatú assú», «o Chantecler dos potreiros», o «Carangueijo» «aves palradeiras ou guinchantes», «a malaria», «o Brasil caxingó», o «Geca Tatú»... e nas quaes esse novo endereço das realidades intimas de nossa terra clamam aos brasileiros desprevenidos, nas expressões mais formosas de nossa linguagem.

Podereis se o quizerdes, para proveito de estudo, numa lição de «dois grandes estylos», compara-los num mesmo thema que Euclydes da Cunha riscou impressionadoramente, e Ruy Barbosa concertou e poliu para nossa maravilha. E' o «estoiro da boiada». Na leitura oral, um depois do outro, e não como será depois, juxta-postos,

será mister chamar-vos a attenção para o que na fórma graphica resaltará logo aos olhos menos demorados. Os dois mestres estão nestas paginas da mesmas descripção como devia ser, com as suas inconfundiveis personalidades. Retomando um assumpto, que Euclydes da Cunha illustrara com o seu rude genio, Ruy Barbosa não o alcançou, não o venceu: conseguiu outro tanto, não outro Euclydes de Cunha, mas sempre o mesmo Ruy Barbosa

Anda a boiada sua marcha vagarosa nas batidas chãs do sertão: Euclydes, todo movimento, não se contem e obrigado a refrear-se para preencher um dos dypticos do quadro, põe o vaqueiro a matutar sobre os lombos do alazão, emquanto Ruy compõe uma paisagem maravilhosa que essas alimarias mansas e tardas povoam de bucolico encantamento. A boiada, porém, arranca. São tres ou quatro phrases com que Ruy Barbosa define essa violencia, que lhe repugna ao espirito sereno; Euclydes da Cunha é então que se revella arrepellado, indomito, possesso, «estoirando» elle mesmo e arrastando o seu leitor na vertigem desabalada do arranco.

Comparae-os e julgareis.

O ESTOIRO DA BOIADA (1)

Euclydes da Cunha: «OS SERTÕES p. II, c. III, pag. 127, 1902

Segue a boiada vagarosamente, á cadencia daquelle canto triste e preguiçoso. Escanchado, desgraciosamente na sella, o vaqueiro, que a revê unida e accrescida de novas crias, rumina os lucros provaveis: o que toca ao patrão, e o que lhe toca a elle, pelo trato feito. Vai dalli mesmo contando as peças destinadas á feira; considera, aqui um velho boi que elle conhece ha dez annos e nunca levou a feira, mercê de uma amizade antiga, além um mumbica claudicante, em cujo flanco se enterra estrepe agudo, que é preciso arrancar; mais longe mascarado, cabeça alta e desafiadora, seguindo apenas guiado pela compressão dos outros, o garrote bravo que subjugou, pegando-o de «saia», e derrubando-o, na caatinga: acolá, soberbo, caminhando folgado, porque os demais o respeitam, abrindo-lhe em roda um claro, largo pescoço, envergadura de bufalo, o touro vigoroso, inveja de toda a redondeza, cujas armas rigidas e curtas relembram, estaladas, rombas e cheias de terra, guampaços formidaveis, em lucta com

Ruy Barbosa: Conferencia em Juiz de Fora, a 17 fev. 1910

Vae o gado sua estrada, mansamente, rota segura e limpa, chã e larga, batida e tranquilla, ao som monotono dos «eias»: dos vaqueiros. Cahem as patas no chão em bulha compassada. Na vaga doçura dos olhos dilatados transluz a inconsciente resignação das alimarias, oscillantes as cabeças, pendentes a magrem dos perigalhos, as aspas no ar, em silva rasteira por sobre o dorso da manada.

Dir-se-hia a paciencia em marcha, abstracta de si mesma, ao tintinar dos chocalhos, em pachorrenta andadura, espertada authomaticamente pela vara dos boiadeiros.

---

(1) Em gripho faço compor a parte descriptiva essencial, para resalto da predominancia desta ou daquella scena, em cada escriptor.

os rivaes possantes, nos logradouros; além para toda a banda outras peças, conhecidas todas, revivendo-lhes todas, uma a uma, um incidente, um pormenor qualquer de sua existencia primitiva e simples,

E proseguem, em ordem, lentos, ao troar merencorio da cantiga, que parece acalental-os, embalando-os com o refrão monotono:

«E cou mansão...
E cou... ê cão!»

echoando saudoso nos descampados mudos...

De subito, porem, ondula um fremito sulcando, num estremeção repentino, aquelles centenares de dorsos luzidios. Ha uma parada instantanea. Entrebatem-se, enredam-se, trançam-se e alteiam-se fisgando vivamente o espaço, e inclinam-se, e embaralham-se milhares de chifres. Vibra uma trepidação no sólo; e a boiada "estoura".

A boiada arranca.

Nada explica, ás vezes, o acontecimento, aliás vulgar, que é o desespero dos campeiros.

Origina-o o incidente mais trivial — o subito vôo rasteiro de uma araguan ou a corrida de um mocó esquivo. Uma rez se espanta e o contagio, uma descarga nervosa subitanea, transfunde o espanto sobre o rebanho inteiro. E' um solavanco unico, assombroso, atirando de pancada por diante, revoltos, misturando-se embolados, em vertiginosos disparos, aquelles macissos corpos tão normalmente tardos e morosos.

E ia se vão: não ha mais contel-os ou alcançal-os. Acamam-se as caatingas, arvores dobradas, partidas, estalando em lascas e gravetos:

Eis senão quando, não se atina porque

a um accidente minimo, um bicho inoffensivo que passa a fugir, o grito de um passaro na capoeira, o estalido de uma rama no arvoredo, se sobresalta uma das rezes, abala, desfecha a correr, e após ella se arremessa, em douda arrancada, atropelladamente o gado todo.

Nada mais o reprime. Nem braços, nem aguilhadas o detém, nem tropeços, voltas ou barrancos por diante. E lá

desdobram de repente as baixadas num marulho de chifres ; estrepitam, britando e esfarelando as pedras, torrentes de cascos pelos tombadores ; rola surdamente pelos taboleiros ruido soturno e longo de trovão longinquo...

Destroem-se em minutos, feito montes de leivas, antigas roças, penosamente cultivadas ; extinguem-se em lameiros revolvidos, as ipueiras rasas ; abatem-se, apisoados, os pousos ; ou esvasiam-se, deixando-os os habitantes espavoridos, fugindo para os lados, evitando o rumo rectilineo em que se despenha a « arribada » — milhares de corpos que são um corpo unico, monstruoso, informe, indescriptivel, de animal phantasma, incessantemente, o panico em desfilada, como se os demonios o tangessem, leguas e leguas

(Conforme diagramação original, o texto continua na página 96)

para a movimentação facil sobre os *baguaes*, no galope fechado ou no corcovear raivoso; não se estragam em espinhos dilaceradores de caatingas. O seu poncho vistoso jamais fica perdido, embaraçado nos esgalhos das arvores garranchentas. E, rompendo pelas coxilhas, arrebatado na marcha do redomão desensoffrido, calçando as largas botas russilhonas, em que retinem as rosetas das esporas de prata; lenço de séda, encarnado, ao pescoço; coberto pelo sombreiro de enormes abas flexiveis, e tendo á cinta, rebrilhando, presas pela *guaiaca* a pistola e a faca — é um victorioso jovial e forte. O cavallo, socio inseparavel desta existencia algo romanesca, é quasi objecto de luxo. Demonstra-o o arreiamento complicado e espectaculoso. O gaucho andrajoso sobre um *pingo* bem aperado, está decente, está correctissimo. Póde atravessar sem vexames os povoados em festa.

O vaqueiro, porém, criou-se em condições oppostas, em uma intermittencia, raro perturbada, de horas felizes e horas crueis, de abastança e miserias — tendo sobre a cabeça, como ameaça perenne, o sol, arrastando de envolta no volver das estações, periodos successivos de devastações e desgraças.

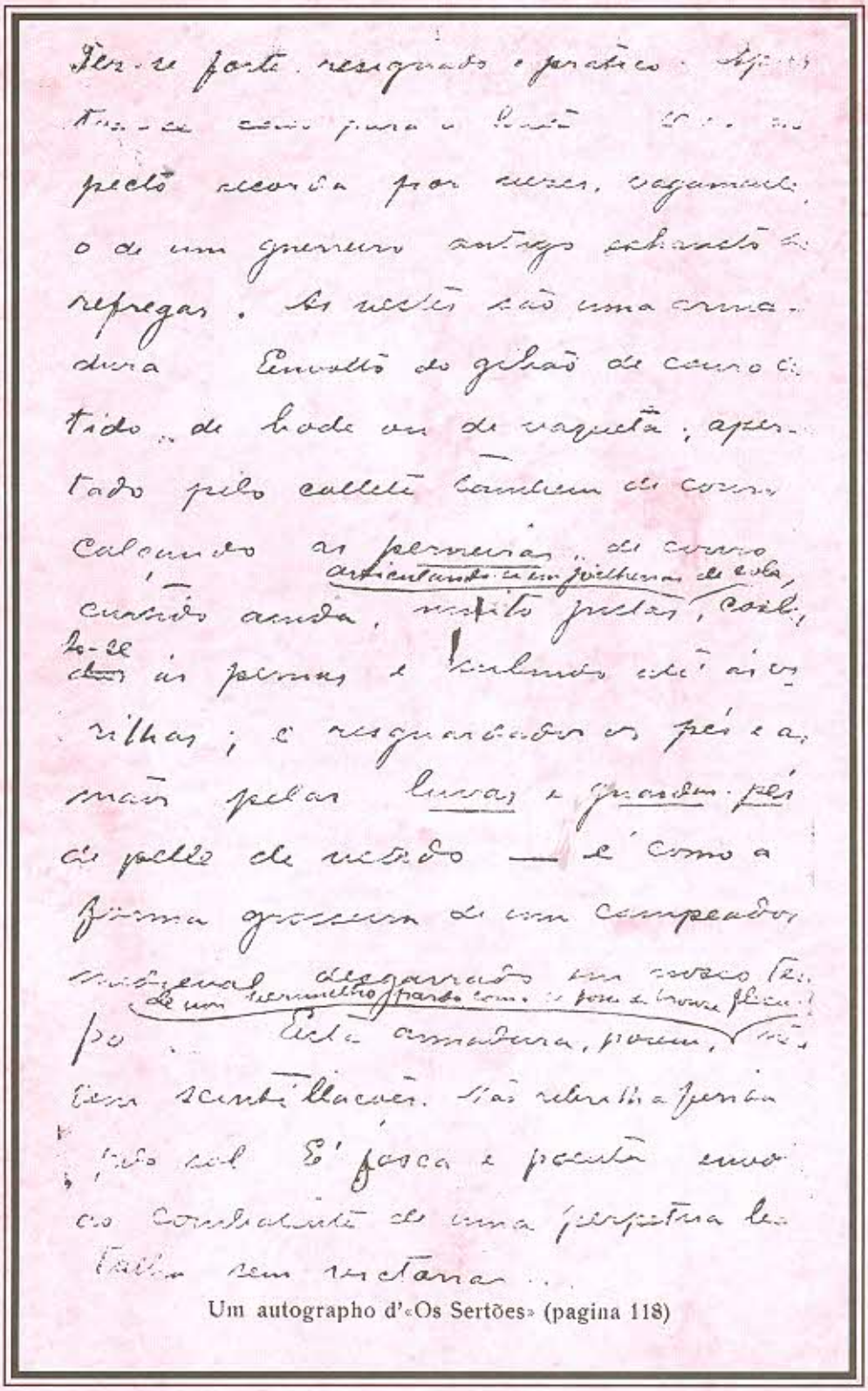
Atravessou a mocidade numa intercadencia de catastrophes. Fez-se homem, quasi sem ter sido criança. Salteou-o, logo, intercalando-lhe agruras nas horas festivas da infancia, o espantalho das secas no sertão. Cedo encarou a existencia pela sua face tormentosa. E' um condemnado á vida. Comprehendeu-se envolvido em combate sem treguas, exigindo-lhe imperiosamente a convergencia de todas as energias.

Fez-se forte, atilado, resignado e pratico.

Aprestou-se, cedo, para a lucta.

O seu aspecto recorda, vagamente, á primeira vista, o de guerreiro antigo exhausto da refrega. As vestes são uma armadura. Envolto no *gibão* de couro curtido, de bode ou de vaqueta; apertado no collete tambem de couro; calçando as

A pagina 118 da 3ª edição, com as emendas feitas por Euclydes.



Um autographo d'«Os Sertões» (pagina 118)

tastico, precipitado na carreira doudaa. E sobre este tumulto arrodeando ou arremessando-se impetuoso na esteira dos destroços, que deixa após si aquella avalanche viva, largado numa disparada estupenaa sobre barrancas, e vallos, e cerros, e galhadas — enristado o ferrão, redeas soltas, soltos os estribos, estirado sobre o lombilho, preso ás crinas do cavallo — o vaqueiro!

Já se lhe tem associado em caminho os companheiros que escutaram, de longe, o estouro da boiaaa. Renova-se a lida: novos esforços, novos arremessos, novas façanhas, novos riscos e novos perigos a despender e a atravessar e a vencer, até que o boiadão, não ja pelo trabalho dos que o encalçam e rebatem pelos flancos senão pelo cansaço a pouco e pouco afrouxe e estaque, inteiramente abombado. Reaviam-no á vereda da fazenda; e resoam, de novo, pelos ermos, entristecedoramente as notas melancholicas do aboiado.

até que exhausto o alento esmorece e cessa afinal a carreira, como começou pela cessação do seu impulso.

Eis o estoiro da boiada. Assim o movimento politico de maio: um baque, um susto, uma fuga, um esparrame e a desordem geral no mundo politico surprehendido.

O ESTYLO

Euclydes da Cunha é um grande pintor da acção.

Não se conforma e desdenha a immobilidade, do homem e da paisagem. E ainda quando o sertão, o desertão, os «descampados mudos», como elle chama, se offerecem a sua visão, povoa-os com as vertigens e o choque das antitheses e das comparações, e a deducção do que foram, a previsão do que hão de ser bastam para encher o quadro de movimento e de vida.

Como nos dias da Genesis não haveria mister de vivent es, para o mundo se encher de clamor. Arrumar montes e cordilheiras nos macissos que se alteiam emersos do pelago, aprofundar vallados e despenhadeiros que se excavam nas rechans e nas corredeiras, onde as aguas turvas dos rios se engastam retorcidas nos torvelinhos das cataractas, bastaria para o tumulto universal. Assim nesse estylo cosmico de Euclydes, no qual passa um sopro epico de borrasca ou de cataclysma, a proposito de qualquer recanto dos nossos sertões. Abramos ao acaso; lá vae elle:

«Estereographa-se, duramente nas placas rigidas dos afloramentos gneissicos e o talude dos planaltos dobra-se no socalco da Mantiqueira, onde se encaixa o Parahyba, ou desfaz-se em rebentos que apos apontoarem as alturas de pincaros centralizados pelo Itatiaya, levam até ao amago de Minas as paisagens alpestres do litoral.

Mas ao penetrar-se este Estado nota-se, mau grado o tumultuar das serranias, lenta descensão geral para o norte. Como nos altos chapadões de S. Paulo e do Paraná, todas as caudaes revelam este pendor insensiveis com derivarem em leitos contorcidos e vencendo, contrafeitos, o antagonismo permanente das montanhas: o Rio Grande rompe, rasgando-as com a força viva da corrente, a serra da Canastra, e, norteadas pela meridana, abrem-se adeante os fundos valles de erosão do Rio das Velhas e do S. Francisco Ao mesmo tempo, transpostas as sublevações que vão de Barbacena a Ouro Preto, as formações primitivas desapparecem, mesmo nas maiores eminencias e jazem sotopostas a complexas series de schistos metamorphicos infiltrados de veeiros fartos, nas paragens lendarias, do ouro. A mudança estructural origina quadros naturaes mais imponentes...»

E continua assim, sem parar a detença de um instante, apenas para tomar folego, possesso de divino dilirio. Miguel Angelo, se fizesse geographia, seria no arroubo desses scenarios gigantescos.

Não ha para elle a miudeza ou a minucia, a phrase somenos de transição que é liame indispensavel, ainda nas telas maravilhosas: elle os transmuda em encantamento, transfigurados. Um raio de luz que faisca numa ponta de pedra é toda uma epopéa, um drama que reponta, se desenvolve num conflicto, e acaba num desenlace tragico. Vêde:

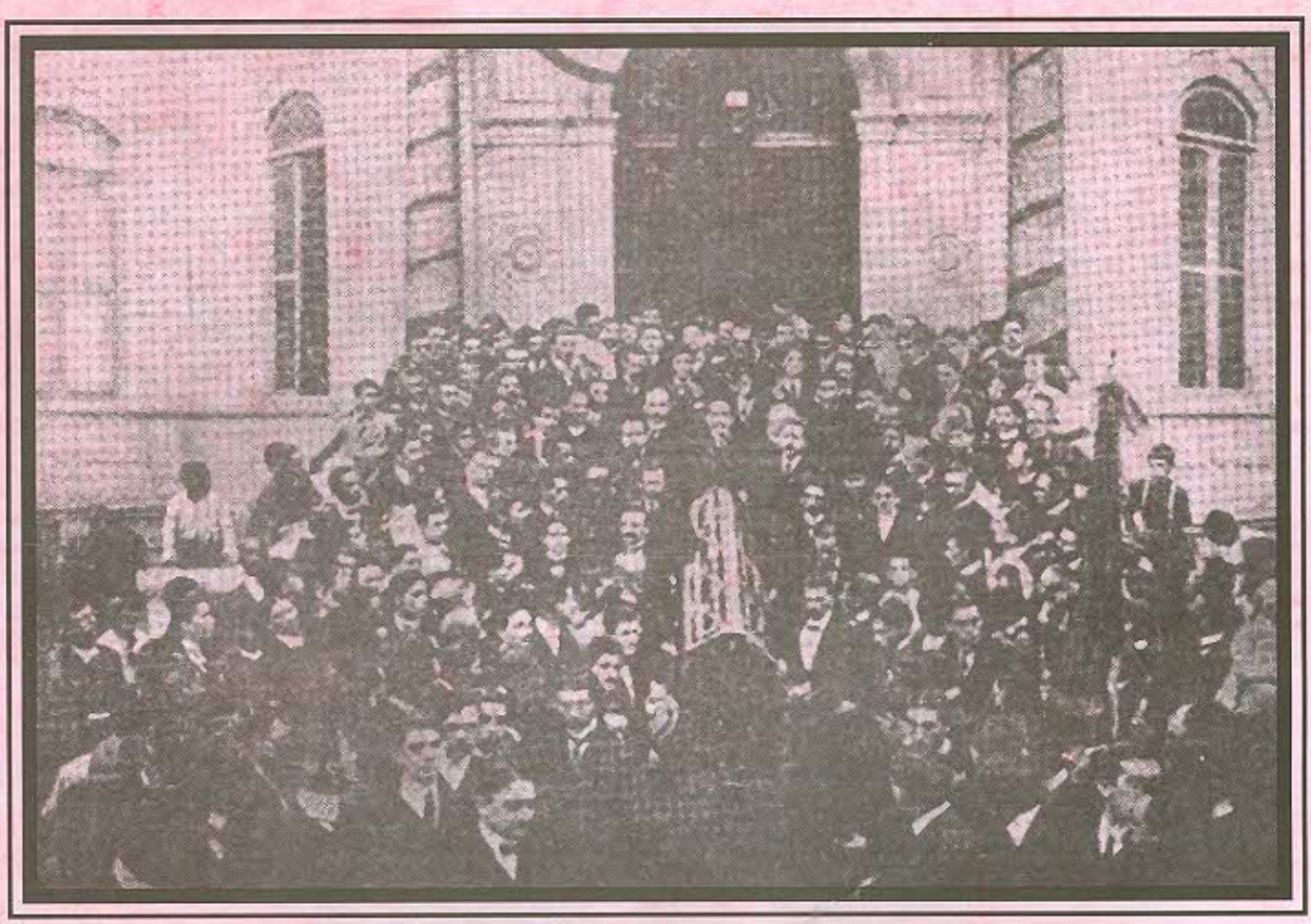
«A terra desnuda... Fere-a o sol e ella absorve-lhe os raios, e multiplica-os e reflecte-os, e refracta-os, num reverberar offuscante: pelo topo dos cerros, pelo esbarrancado das encostas, incendeiam-se as accendalhas de silica fracturada, rebrilhantes, numa trama vibratil de scentelhas; a atmosphera junto ao chão vibra num ondular vivissimo de boccas de fornalha em que se pressente visivel no expandir das columnas aquecidas, a effervecencia dos ares; e o dia, incomparavel no fulgor, fulmina a natureza silenciosa em cujo seio se abate, immovel, na quietitude de um longo espasmo, a galhada sem folhas da flora sucumbida».

Nesse estylo dominam imagens, expressões, palavras que se poderiam dizer «dynamicas», considerado o impulso e a energia que os conduzem á nossa impressão: «as cordilheiras soterradas numa inhumação estupenda», «no alto, sobrepujando-as ou circuitando-lhes os flancos os lençoes de grés», «grandes blocos superpostos, muramentos desmantelados de cyclopicos colyseus em ruiva», «visos dos escarpas obliquas sobranceiando as planuras interoppostos, restos de monstruosa abobada desabada», a «accidentação cahotica dos boqueirões escancelados e brutos», «os ventos turbilhonando revoltos em rebojos largos», «um bracejar immenso de flora agonizante», «embruscado em minutos, o firmamento golpea-se de relampagos precipites, successivos, sarjando fundamente a imprimidura negra da tormenta».

E por toda a parte «reponta», «inflecte», «golpea», «soergue», «assoma», «contorce», «desata», «subleva», «alcochetea», nas «socavas» «pedregaes», «bocainas», «es porões», «grimpas,» «ramalhos,» «muradaes.» «despenhos», «truncaduras»,... que mantem o leitor attento, admirado, confundido, vertiginoso, através dessas seiscentas paginas.

Entretanto, e colloborando no encanto e na novidade desse estylo lá vem as imagens que tem em Euclydes a originalidade forte e imprevista da natureza virgem e magnifica do Brasil. Volvida a ultima pagina, essas imagens não passam, não esquecem e nos acompanham na mente e no coração, impressionantes e obsessivas como se gravadas em agua forte ou a buril excavadas na memoria. Recordae algumas, para não relermos aqui o livro todo : «O

15 - Euclydes da Cunha em companhia de Coelho Netto e Goulart de Andrade, á sahida do cinema Ouvidor (Agos. de 1939)



Euclydes da Cunha, no enterro de Machado de Assis

sol poente desatava, longa, a sua sombra pelo chão» ; «numa enorme expansão de plainos perturbados, via-se um ondular estonteador; extranho palpitar de vagas longinquas; a illusão maravilhosa de um seio de mar, largo, irisado, sobre que cahisse, e refrangesse, e resaltasse a luz esparsa em scintillações offuscantes...»; e a proverbial indifferença com que nos volvemos ás cousas da terra — a inercia commoda de mendigos fartos» ; «os leitos endurecidos das ipueiras mostram, feito enormes carimbos, em moldes, os rastros velhos das boiadas» ; a flora extravagante que vo Martins encontrou nas paragens do Bendegó é a *«silva horrida»* «no seu latim alarmado» ; «desce a noite, sem crepusculo, de chofre — um salto da treva por cima de uma franja vermelha do poente» — ; requei-

mada pela adustão diurna «a noite sobrevem em fogo, a terra irradia como um sol obscuro» ; «o perfume suavissimo das flores, anteparos intacteis que nas noites frias sobre ella se levantam e se arqueiam obstando que soffram de chofre as quedas de temperatura, tendas invisiveis e encantadoras, resguardando-as..,» ; «sobre a natureza morta, apenas se alteam os cereus esguios e silentes, aprumando os caules circulares repartidos em columnas polyedricas e uniformes, na symetria impeccavel de enormes candelabros. E avultando ao descer das tardes breves sobre aquelles ermos, quando os abotoam grandes fructos vermelhos destacando-se, nitidos, á meia luz dos crepusculos, elles dão a illusão emocionante de cirios enormes, truncados a esmo no solo, espalhados pelas chapadas, e accessos...» Mas logo a furia divina recomeça, e num torvelinho de vertigem nos conduz á voragem, o seu estylo.

Entretanto nesses rebojos de cyclone ou nesses despenhos encachoeirados não ha quasi contorsões syntaxicas: a riqueza, a profusão, a novidade, o imprevisto dos termos technicos e das expressões imaginosas são que fazem a maravilha dessa linguagem. Por isso Euclydes da Cunha sendo ornado não é precioso ; emphatico é entretanto comprehensivel, insinuante, persuasivo.

A emphase não lhe vem só das palavras raras senão principalmente do gosto dos termos exdruxulos, dos verbos substantivados, dos adjectivos verbaes, dos gerundios que se alongam em syllabas harmoniosas; sobretudo do rythmo de medidas opulentas dos seus longos periodos, gradativos como uma torrente que despenhasse das chapadas escachoando pelos degraus das cataratas, ou, ao revesso, uma cavalgada de centauros que galgassem as escarpas escalonadas das serranias; não raro simplesmente, da brevidade das phrases curtas, que estacam fulminadas, fechando as descripções e os capitulos, como espasmo de fuzil ou scentelha de raio, que suspendem no espanto e na sorpreza a admiração e a curiosidade.

A razão insinuante, e persuasiva vem, a meu ver, no estylo de Euclydes, da precisão technica e scientifica, introduzida na descripção litteraria. Technogia de engenheiro com as suas «linhas de accesso»,«areas de nivel» «planos de menor resistencia», «curvas fechadas» «componentes de força,» «quadrantes,» «gisamentos,» «coordenadas...» que nos destrairam dos medicos e bachareis letrados e meio letrados, ha tanto tempo impenitentes nas accepções transiatas do seu vocabulario profissional. Com effeito já nos cansavam a «hypotheca da gratidão», «os sentimentos penhorados,» «o divorcio das opiniões,» «a fallencia do patriotismo.» «como os recursos anodynos,» «a prophylaxia politica,» «os revulsivos sociaes,» «a acephalia administrativa»... Os mathematicos escrevem por numeros, os engenheiros em cimento e ferro. Euclydes, que delimitou fronteiras e transpoz rios com vigamentos de aço, fez alguma coisa mais, essas paginas colhidas nas suas cadernetas de campo, que lhe traem a sinceridade technica, novas para nós que as admiramos, surpreendentes para nós e alem de nós quando já não tiverem mais a frescura da novidade, porque nesse estylo em que a arte e a sciencia se dão as mãos para um prodigioso effeito, o artista venceu ao sabio e emquanto houver gosto e admiração, já embora conhecida, a noção , será sempre proclamada pela linguagem mais epica que ainda se escreveu em prosa portuguesa.

Com uma personalidade, assim definida e inconfundivel, com o seu caracter, assim preciso e pessoal o talento que lhe definiu a vontade havia de dar-lhe um estylo, seu, proprio, original: foi o dom de estylo que teve, sobre esta qualidade natural, a outra, de uma cultura vasta, aperfeiçoada pelo estudo, pela technica, que adquiriu com o seu gosto, suas inclinações, seu ideal, com que a esse dom accrescentou então uma arte. Ella pode e deve ser estudada no seus manuscriptos, nas variantes de suas successivas edições, na sequencia dos seus livros e será certamente uma conferencia a mais, ou mais uma serie de es-

tudos euclydeanos, que vos proponho ao nosso culto, e que agora não caberiam no modesto quadro que me reservei.

O ESTYLO É O POVO

Não esgotei ainda os motivos de fama de Euclydes da Cunha, do seu prestigio na opinião publica nacional. Resumo-as, e as englobo todas, no louvor do seu estylo. Estylo delle, sim, pessoal e original, mas representativo ou o mais representativo da sua gente, do seu povo, e onde ella se deu á gloria de se rever, envaidecido e exaltado.

Por mais absurdo e incoherente que pareça esta formula, admittida a premissa que se não de antes, veiu de Seneca, «oratio vultus animi est»,—definiu Buffon—«le style c'est l'homme même»,—e na qual o consenso unanime convem sem restricção, não é menos certo que o estylo é o povo, pois que a physionomia dos individuos compõe a do povo que elles formam, como esta traduz, numa representação geral, a personalidade collectiva em que os aggrega. O homem é uma unidade que não conta isoladamente na sociedade, subordinado por herança physica e moral a uma innumeravel multidão de seres que o crearam a sua imagem, resumindo nelle todas as suas experiencias e ideaes, posto num meio cosmico e social de que recebe incessantemente infinitas influencias e contra as quaes reagiu se reprimem, coagem, coordenam, formando finalmente a entidade gregaria que altera o seu caracter proprio na somma ou do resultado das interferencias individuaes, no tempo e no espaço. Por monstruoso que seja um orgulho de homem, elle se ha de confessar tacita ou e explicitamente na dependencia ou em corelação com innumeraveis outros homens. Por isso, todas as producções humanas, arte, sciencia, religião, economia, costumes, direito, politica,

se permittem as differenças individuaes de pensamento ou de acção, são inilludivelmente producções collectivas. Num certo meio, com taes antecedentes, em tal momento da evolução historica, necessariamente, será a mesma, de um modo geral, «aquella», a mentalidade humana. E' a causalidade determinante acabando no effeito necessario. Ha uma mentalidade atheniense do seculo de Pericles, como não poderia haver antes, nem tão pouco depois, como houve o alexandrinismo e o bysantinismo, sem se confundirem com os periodos fatalmente diversos que se succederam outrora ou mais tarde, que se não confundiram com quaesquer outros, em quaesquer paizes. Assim ha um estylo em França e talvez na Europa, no seculo XVIII diverso do estylo do seculo de Luiz XIV, antes, como do estylo imperio, depois, reunindo em nomes politicos todas as feições isochronas e sympathicas da sociedade nesses tempos. A architectura, como a pintura, a escultura, a musica, a poetica, o theatro, o romance, a sciencia... tudo recebe, mantem, propaga, essa impressão geral e o transumpto de tudo se resume nesta palavra «estylo», que na variedade de aspecto das producções humauas lhes define a expressão caracteristica. Por consequencia, o estylo não será o homem, senão o povo, por que o homem, todos os outros homens são o seu povo, a imagem e a semelhança collectiva delle e delles do qual não seriam senão parcellas, não independentes nem originaes, mas representativas e symbolicas.

No fim do seculo XIX para o seculo XX qual seria o estylo brasileiro ? Não sei das outras artes, não o quero saber agora, mas na arte literaria podemos procurar uma resposta.

Os primeiros dos grandes homens que escreveram no Brasil colonial, Vieira no seculo XVII, ou Claudio Manoel da Costa, Gonzaga, Basilio da Gama, ou Santa Rita Durão, uns são lusitanos de origem, outros, se tem motivos nacionaes de inspiração, obedecem todos ao estylo

do tempo e recebem-no de Portugal, não podendo alcançar a autonomia de arte, quando nem ao menos se approximava a autonomia politica.

Depois da Independencia, continúa a soberania intellectual lusitana. Gonçalves Dias é o nosso maior poeta português. A prosa de João Francisco Lisbôa é tambem castiça. Apesar de velleidades nacionalistas o ideal de José de Alencar, Joaquim Nabuco, Machado de Assis ou Ruy Barbosa, se não está no Portugal quinhentista ou seiscentista, é por que anda por França ou pela Grecia antiga. São poesias, discursos, romances sobre themas nacionaes, em lingua senão classica, ao menos peregrina, como um Brasil em linguagem, sentimentos e ideas europeas. O atticismo da fórma, o gosto de expressão, não são brasileiros. Não retratam a exhuberancia, a pujança, o colorido, a vehemencia, a prodigalidade da nossa natureza: antes esta é entrevista coacta, podada, corrigida, amaneizada, moldada por modelos forasteiros.

Mas o tempo fez a sua obra. O clacissismo que nos educou, andou o seu tempo; os arcades passaram, o romantismo começou a nos acordar para o naturalismo, a principio corrompido, sempre de importação, para chegarmos ao realismo, de preoccupação e cuidado das necessidades e possibilidades reaes do Brasil, que se não traduziu só nas aspirações politicas e economicas, mas, principalmente, em seus transumptos de arte.

Nasce então o «nacionalismo brasileiro», aponta a independencia ou a aspiração de autonomia intellectual. Um livro os concretiza, a proposito de thema nacional, em que entra a terra do Brasil, o coração mesmo profundo delle, o sertão do Brasil, a mais legitima gente brasileira, porque nem é mais o incola, nem o africano, nem o reinol, porem o derivado delles, o brasileiro caldeado e no seu esboço mais definido, o sertanejo; e esse livro se escreve em estylo brasileiro, com a emphase, a truculencia, o excesso, a exhuberancia, o brilho, o arremesso, a prodi-

galidade, a magnificencia que nos caracterizam e talvez nos singularizem no mundo.

E' o livro e o estylo de Euclydes da Cunha. Todos os brasileiros se revêm nestas paginas que idealmente todos quereriam poder escrever, porque é assim que se exprimiriam se tivessem o dom e a arte da escripta literaria. E' por isso o estylo nacional.

O Brasil mudará, avançará e progredirá, não sei se para melhor, para differente, será insensivelmente diverso e terá, portanto, outros estylos. Então, outros genios falarão e escreverão por elle. Agora a sua voz, sincera e fiel é a de Euclydes da Cunha. Elle é a nossa voz sublime e heroica voz, e, quando passarmos, mudados e outros, que ficará guardando de nós a mais forte e perfeita das imagens. A gloria de Euclydes, não me canso de o repetir, porque isso explica a razão do seu triumpho, vem de seu estylo, estylo nosso, como que espelho ou retrato do Brasil. E quando os espelhos são fieis, e os retratos são parecidos, releva-se-lhes que nos favoreçam, como soe acontecer ás obras de arte e de genio e então não ha juizos de critica, restricção de parcialidade, invejas de comparsarias que demovam ou alterem o veredicto da turba, insuspeita por que desinteressada, que admira e applaude. Euclydes da Cunha está seguro porque alem de nós, que já vamos passando, vos tem a vós, mocidade de hoje e de sempre que constituis a posteridade.

Permitti-me ponha aqui o fecho de uma reminiscencia pessoal.

Um dia, na minha casa de rapaz, nas Laranjeiras, onde morava com amigos, chamou-me um delles, Carlos Peixoto Filho, cuja memoria é tão cara ao meu coração, como o devera ser á consciencia dos Brasileiros, e disse-me que ahi estava Euclydes da Cunha, então em trabalho de concurso no Collegio Pedro II, ameaçado pela inveja e pela incompetencia, até de ser reprovado.

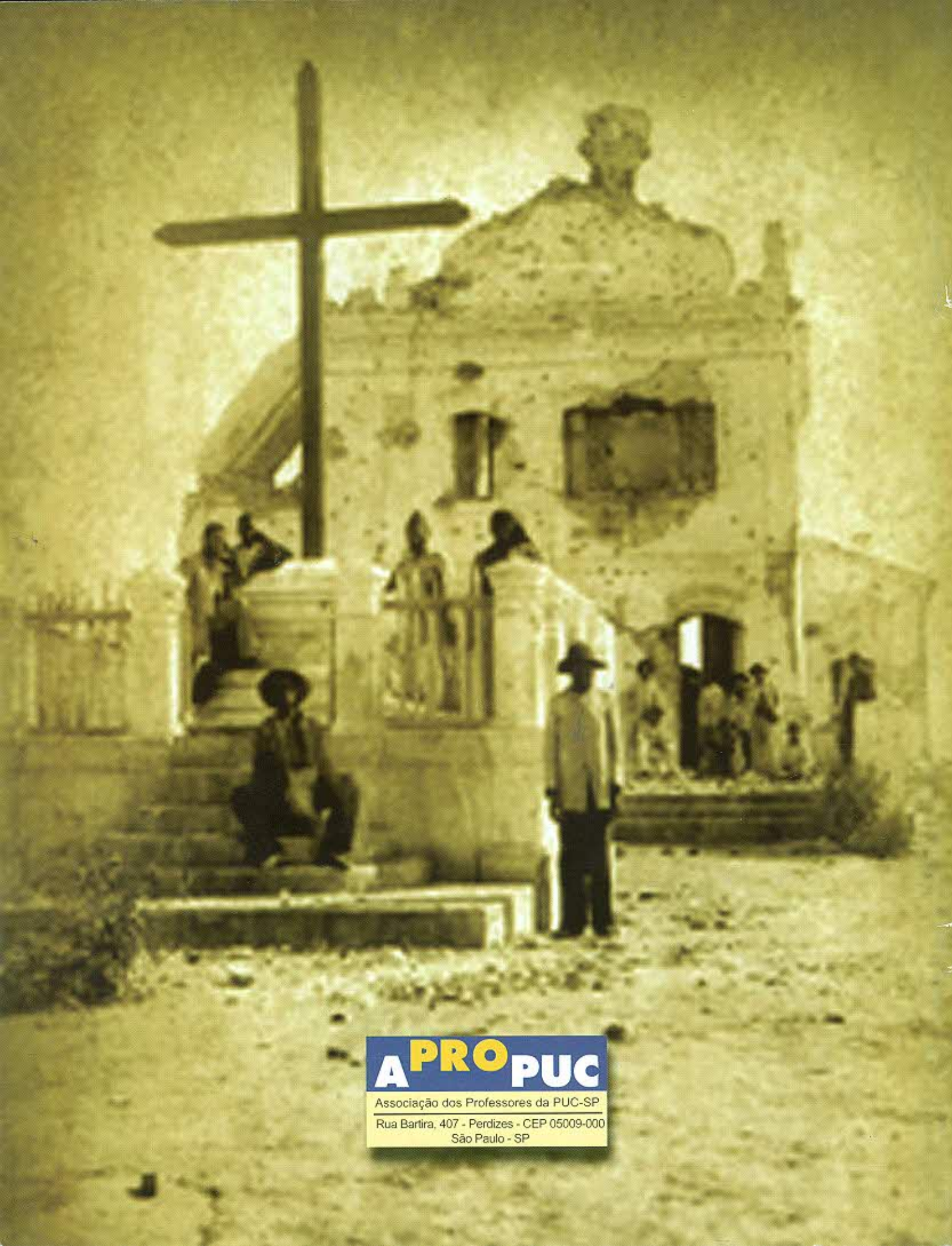
Tão agitado se mostrava, alludindo a que não resisteria a tamanho golpe, que a idéa sinistra passara pela cabeça de Peixoto e o alarmara na contradicta indirecta, respondida por Euclydes com aquella firmeza que denunciava proposito tomado. Sabendo de minha enternecida admiração por elle, chamava-me para o desconvencer, com o meu sentimento, pois que não o conseguira sua razão mesma, entretanto a mais persuasiva que a vida já me deu a conhecer.

Inspirou-me o sentimento o caminho curto e directo para tocar o outro. Comecei chamando-lhe a attenção para esta absurda confusão do seu espirito. Quem fazia naquelle momento um concurso de Logica, era um pobre pae de familia, necessitado de um estipendio para a abastança do seu lar, e não o autor d'«Os Sertões» e de outras e futuras obras primas : este era inaccessivel a todas as reprovações dos gymnasios, faculdades e academias reunidas do Brasil. Caso a conjura do despeito e do odio lograsse o seu infernal designio, tinha Euclydes, direito e razão em collaborar com elles, porque offendiam a um, tirando-lhe o premio ás suas provas de capacidade, matando o outro, que só teria por juiz a Posteridade, e subsistiria immarcessivel, na admiração dos vindouros, quando todos passassemos, máus que se vingavam na inveja, bons que lhe imploravam não ajudasse na maldade num gesto irreparavel?...

As palavras não seriam estas ; mais longas, mais desataviadas, certamente mais commovidas, e por isso alcançaram. Vimo-lo que se levantava, transfigurado, abraçando-nos numa exaltação aliviada de quem se liberta de um pesadello. Não, não era a Euclydes da Cunha que elles attingiriam; este, ainda não estava em julgamento, no «paraiso dos mediocres» que um dia estygmatizara...

Semanas depois, não essa, que felizmente se dissipou, mais outra damnada conjuração, desta vez da ingratidão e do opprobrio, matava-o finalmente...

E' por isso, «por protesto» á morte de um, «por adoração» á gloria do outro, que aqui estamos reunidos, nesta commemoração.



APROPUC
Associação dos Professores da PUC-SP
Rua Bartira, 407 - Perdizes - CEP 05009-000
São Paulo - SP